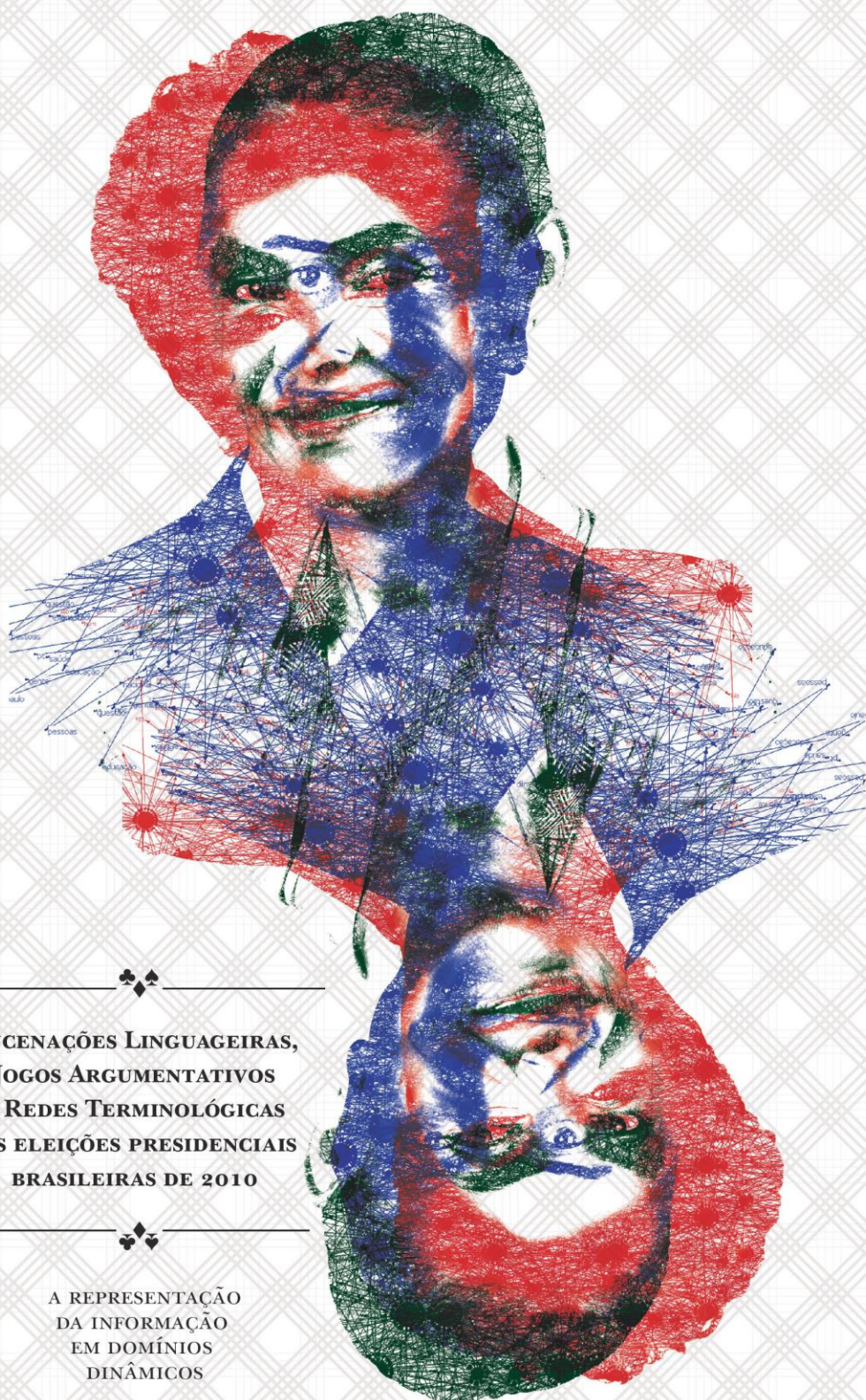




ENCENAÇÕES LINGUAGEIRAS,
JOGOS ARGUMENTATIVOS
E REDES TERMINOLÓGICAS
NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS
BRASILEIRAS DE 2010

A REPRESENTAÇÃO
DA INFORMAÇÃO
EM DOMÍNIOS
DINÂMICOS

Ludmila Salomão Venâncio

LUDMILA SALOMÃO VENÂNCIO

**ENCENAÇÕES LINGUAGEIRAS, JOGOS
ARGUMENTATIVOS E REDES TERMINOLÓGICAS NAS
ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS DE 2010: a
representação da informação em domínios dinâmicos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação, da Escola de Ciência da
Informação da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em
Ciência da Informação.

Área de concentração: Produção, Organização e
Utilização da Informação.

Linha de Pesquisa: Organização e Uso da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Moura.

**Belo Horizonte
Escola de Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
2014**

V448e
2014

Venâncio, Ludmila Salomão

Encenações languageiras, jogos argumentativos e redes terminológicas nas eleições presidenciais brasileiras de 2010 [manuscrito] : a representação da informação em domínios dinâmicos / Ludmila Salomão Venâncio. - 2014.

185 f. : il.

Orientadora: Maria Aparecida Moura.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.
Inclui bibliografia.

1. Ciência da informação - Teses. 2. Representação da Informação - Teses. 3. Redes de informação - Aspectos Sociais - Teses. 4. Análise do Discurso - Teses. 5. Presidentes - Eleições - Teses. I. Moura, Maria Aparecida. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 025.4
CDD: 025.066



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

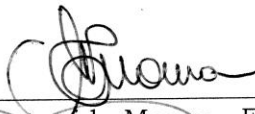
"ENCENAÇÕES LINGUAGEIRAS, JOGOS ARGUMENTATIVOS E REDES
TERMINOLÓGICAS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS DE 2010: A
REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM DOMÍNIOS DINÂMICOS"

Ludmila Salomão Venâncio

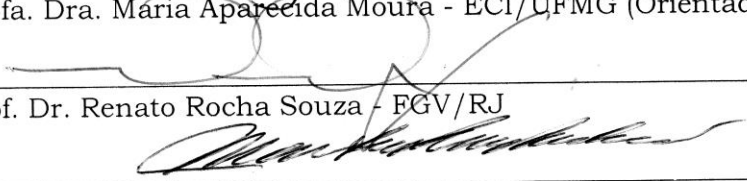
Tese submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "**doutora em Ciência da Informação**", linha de pesquisa "**Organização e Uso da Informação**".

Tese aprovada em: 09 de outubro de 2014.

Por:

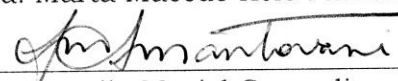


Prof. Dra. Maria Aparecida Moura - ECI/UFMG (Orientadora)

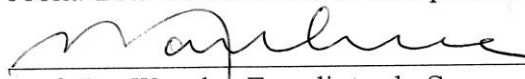


Prof. Dr. Renato Rocha Souza - FGV/RJ

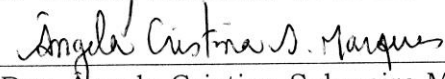
Prof. Dra. Marta Macedo Kerr Pinheiro - FUMEC



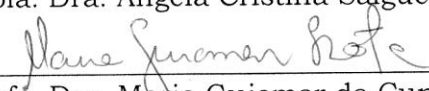
Prof. Dra. Camila Maciel Campolina Alves Mantovani - FAPEMIG



Prof. Dr. Wander Emediato de Souza - FALE/UFMG

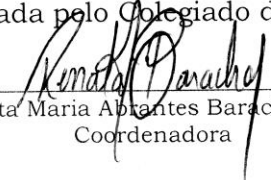


Prof. Dra. Angela Cristina Salgueiro Marques - FAFICH/UFMG



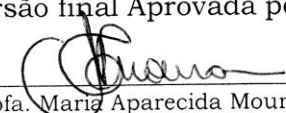
Prof. Dra. Maria Guiomar da Cunha Frota - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI



Prof. Renata Maria Abrantes Baracho Porto
Coordenadora

Versão final Aprovada por



Prof. Maria Aparecida Moura
Orientadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE TESE DE **LUDMILA SALOMÃO VENÂNCIO**, matrícula: 2010654921

Às 14:00 horas do dia 09 de outubro de 2014, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada *ad referendum* pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 19/09/2014, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado ***Encenações linguageiras, jogos argumentativos e redes terminológicas nas eleições presidenciais brasileiras de 2010: a representação da informação em domínios dinâmicos***, requisito final para obtenção do Grau de DOUTORA em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Organização e Uso da Informação. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Maria Aparecida Moura, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Profa. Dra. Maria Aparecida Moura - Orientadora	APROVADA
Prof. Dr. Renato Rocha Souza	APROVADA
Profa. Dra. Marta Macedo Kerr Pinheiro	APROVADA
Profa. Dra. Camila Maciel Campolina Alves Mantovani	APROVADA
Prof. Dr. Wander Emediato de Souza	APROVADA
Profa. Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques	APROVADA
Profa. Dra. Maria Guiomar da Cunha Frota	APROVADA

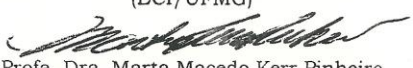
Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

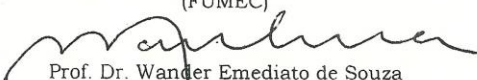
A banca destaca a originalidade, o caráter inovador da tese e o ineditismo dos dados gerados. Recomenda a ampla divulgação e a indica para concorrer aos Prêmios ANCIB e UFMG de Teses.

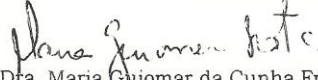
O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 09 de outubro de 2014.

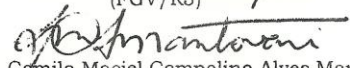

Profa. Dra. Maria Aparecida Moura
(ECI/UFMG)


Profa. Dra. Marta Macedo Kerr Pinheiro
(FUMEC)


Prof. Dr. Wander Emediato de Souza
(FALE/UFMG)


Profa. Dra. Maria Guiomar da Cunha Frota
(ECI/UFMG)


Prof. Dr. Renato Rocha Souza
(FGV/RJ)


Profa. Dra. Camila Maciel Campolina Alves Mantovani
(FAPEMIG)


Profa. Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques
(FAPICH/UFMG)


Prof. Dr. Renato Maria Abrantes Baracho Porto
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

*À minha família,
por tudo aquilo que não se pode medir.*

AGRADECIMENTOS

No decorrer desses quatro anos, são tantas as pessoas que passam pela nossa vida que se torna difícil, em uma mera folha branca e pálida, enumerar e homenagear a todas; mesmo porque algumas merecem bem mais que um nome impresso aqui.

Agradeço a minha orientadora e amiga, Professora Dra. Maria Aparecida Moura, por acreditar no meu projeto desde o início, fazendo com que seus olhos brilhassem juntamente com os meus, e pela generosidade em compartilhar seu amor pelo conhecimento. Pela orientação firme e competente, mas sempre dialógica, encorajadora e fraterna.

Ao meu outro grande mestre e amigo, Professor Dr. Renato Rocha Souza, que me acolheu desde a especialização, pela companhia constante nesta jornada, pelo incentivo na minha trajetória acadêmica e, sobretudo, pela amizade, que me é tão cara. É uma honra ser sua amiga e eterna aluna!

Ao querido Professor Dr. Wander Emediato, pela iniciação no campo da argumentação no discurso, pelas interlocuções, pelas conversas inspiradoras e por descortinar um universo de possibilidades teóricas.

À Professora Dra. Ângela Cristina Salgueiro Marques, pelo incentivo, pela leitura atenta e pelas conversas sempre motivadoras.

Aos professores Ângela Cristina Salgueiro Marques, Maria Guiomar da Cunha Frota, Renato Rocha Souza e Wander Emediato, pelas valiosas sugestões dadas na banca de qualificação que muito contribuíram para a construção de um novo olhar sobre esta tese.

Ao Professor Dr. Renato Pinto Venâncio, meu tutor no programa REUNI, com o qual compartilhei a sala de aula no curso de Arquivologia e que possibilitou a descoberta de novos conhecimentos relacionados à História do Brasil. Obrigada pelo incentivo e pelo apoio.

Aos membros da banca, pela gentileza e cordialidade ao aceitarem o meu convite, o que muito me alegra, mas também me enche de responsabilidade.

A minha mãe Antonieta e ao meu pai Sebastião, exemplos maiores de vida, por tudo que sou e por me fazerem acreditar que posso ir aonde o sonho permite chegar.

Aos meus irmãos Michele e Daniel, pelo carinho incondicional e pela convivência fraterna.

Aos meus sobrinhos, Ana Luiza, Luiz Felipe e Valentina, que, mesmo não compreendendo ainda a relevância de um trabalho acadêmico, foram os que mais me proporcionaram alegria nos momentos mais difíceis.

Ao querido amigo Fabrício José da Silveira, pela companhia na jornada, já que nossos passos passaram a trilhar os mesmos caminhos a partir de 2005. Pelo amor e pelo convívio diário.

Ao amor que chegou e que tem ocupado um espaço enorme na minha vida! Ao Rafael Luciano, pela sensibilidade, pela companhia, pelo carinho, pelo cuidado e por todo apoio.

À Ana Paula Pedroso, ao Leonardo Romero e à Janini Carvalho, que *“perdem seu tempo e energia comigo, insistindo, de várias formas, para que o meu riso seja constante e as preocupações pequenas”*.

À Keli Cristiane, *“que planta pés de esperança, no vaso de entrada, pra encantar meu olhar.”*

À Tania Covas, que, mesmo de terras lusitanas, *“faz abrigo no coração, pra eu morar e tece milhares de sorrisos no meu rosto”*.

À Cleia Amaral e à Camila Mantovani, que *“falam bonito, depois de uma tempestade emocional desabar sobre o meu quintal”*.

Ao Léo Assis, meu amigo e professor de francês, pelo auxílio nas leituras e por todo incentivo.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos das Mediações e Usos Sociais dos Saberes e Informações em Ambientes Digitais (NEMUSAD), por todos esses anos de diálogo e de aprendizado mútuo.

Aos amigos que fiz no POSLIN da Faculdade de Letras, em especial à Raquel Aoki e ao Eduardo Franco.

Aos meus alunos do Instituto de Educação Continuada da PUC Minas, por todo apoio possível ao longo deste processo.

À Fundação Getúlio Vargas, por intermédio do Professor Dr. Renato Rocha Souza, que gentilmente me acolheu em sua nova casa carioca, e que disponibilizou a infraestrutura necessária para a realização de grande parte desta pesquisa.

Ao Álvaro Justen, pelo apoio imprescindível com a programação em Python.

À Ângela Salgueiro, pela leitura e pela revisão cuidadosas.

Às secretárias Gisele e Lucimary, que, no decorrer desses quatro anos, estiveram sempre disponíveis a me ajudar.

À Capes, através do programa Capes-Reuni, pelo apoio financeiro concedido fundamental para a viabilização desta pesquisa.

*Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou [...] O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia...*¹

¹ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 43-86.

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma abordagem metodológica sociolinguístico-discursiva para a representação da informação em domínios dinâmicos, a qual contemple as duas dimensões constitutivas do discurso: uma linguístico-enunciativa e outra discursivo-situacional. Para tanto, tomou-se como objeto empírico os discursos proferidos em situações monologais e dialogais dos três principais candidatos à Presidência da República no Brasil no pleito eleitoral de 2010. Visando a operacionalizar tal abordagem, promoveu-se um *jogo de desconstrução e reconstrução dos sentidos*, no qual se retira o termo do seu contexto de produção, considerando a superfície discursiva dos textos analisados, para depois inseri-lo novamente na cena enunciativa, através da análise das configurações argumentativas instituídas e das polarizações semânticas dos termos. Desse modo, em um primeiro movimento, a análise lexicométrica e a análise de redes sociais, possibilitadas pela identificação e pela extração automática das unidades lexicais mais frequentes em cada texto analisado e pela construção de redes terminológicas, apontaram o uso comum e o específico de termos e sintagmas, além da conformação de subgrupos de termos. Em um segundo movimento, a avaliação desses termos potencializada pela determinação das estratégias retóricas e argumentativas fundadas em fatos, presunções, verdades, valores e lugares-comuns socialmente compartilhados e acordados entre o candidato e seu auditório, e restringidas pelo contrato de comunicação político, revelou suas diversas apropriações contextuais e o estabelecimento de significados contingentes diacronicamente. De maneira complementar, em um esforço comparativo para identificação das regularidades discursivas inerentes ao gênero político eleitoral, contrastaram-se os discursos proferidos nos pleitos de 2010 e 2006. Tal contraste permitiu verificar as mudanças e as perenidades dos discursos, bem como as generalidades e especificidades lexicais dependentes do contexto de produção e da dinamicidade do domínio em questão. Por fim, argumenta-se que a abordagem proposta, ao atentar para as dimensões semânticas derivadas das práticas sociais discursivas, situacionalmente ancoradas no que os sujeitos experienciam, e viabilizada pela ampliação do diálogo teórico estabelecido entre a argumentação no discurso e a organização da informação, contribui de forma efetiva para os processos de descrição, explicação, interpretação e formalização de instrumentos de representação da informação em domínios dinâmicos.

Palavras-chave: Representação da informação; Discurso político; Discurso político eleitoral; Argumentação; Análise de Redes Sociais; Eleições Presidenciais Brasileiras.

ABSTRACT

This research proposes a sociolinguistic-discursive methodological approach for the representation of information in dynamic domains, which contemplates the two constitutive dimensions of discourse: the linguistic-enunciative and the discursive-situational. For such, the speeches that were uttered by the three major presidential candidates in monologic and dialogic situations in the Brazilian election campaign in 2010 were taken as empirical object. In order to operationalize this approach, it was promoted up a game of deconstruction and reconstruction of meanings, in which the term was removed from its context of production, considering the discursive surface of the texts analyzed, and then reinserted in the enunciative scene, through the analysis of the instituted argumentative configurations and the semantic polarizations of terms. Thus, in a first movement, lexicometric analysis and social network analysis, which were made possible by the identification and automatic extraction of the most frequent lexical units in each analyzed text and the construction of terminological networks, pointed to the common and specific uses of terms and syntagmas in addition to the configuration of subgroups of terms. In a second move, the evaluation of these terms, which was enhanced by the determination of rhetorical and argumentative strategies based on facts, assumptions, truths, values and commonplaces socially shared and agreed between the candidate and his audience, and constrained by a political communication contract, revealed their various contextual appropriations and the establishment of diachronically contingent meanings. In a complementary way, in a comparative effort to identify the discursive regularities inherent in the electoral political genre, the speeches given in the elections of 2010 and 2006 were contrasted. This contrast allowed us to verify the changes and continuities of the speeches, as well as the lexical generalities and specifics dependent upon the production context and the dynamics of the domain in question. Finally, it is argued that the proposed approach, attending to the semantic dimensions derived from discursive social practices, situationally anchored in what subjects experience, and being made possible by the expansion of the theoretical dialogue established between argumentation in speech and information organization, contributes effectively to the processes of description, explanation, interpretation and formalization of instruments of information representation in dynamic domains.

Keywords: Information representation; Political discourse; Electoral political discourse; Argumentation; Social Network Analysis; Brazilian Presidential Elections.

RÉSUMÉ

Cette étude propose une approche méthodologique sociolinguistique discursive pour la représentation de l'information dans des domaines dynamiques qui contemplent les deux dimensions constitutives du discours: une linguistico-énonciative et encore une dimension discursive situationnelle. Les discours proférés dans des situations monologiques et dialogales des trois principaux candidats à la présidentielle au Brésil pendant les élections de l'année 2010 est devenue donc son objet empirique. Visant mettre en œuvre cette approche, on a établi *un jeu de déconstruction et de reconstruction des sens* où on sort le terme de son contexte de production tout en prenant en compte la superficie discursive des textes analysés pour l'insérer ensuite dans la scène énonciative, à travers l'analyse des configurations argumentatives instituées et des polarisations sémantiques des ces termes. Ainsi, dans un premier mouvement, l'analyse lexicométrique et l'analyse des réseaux sociaux, rendues possibles par l'identification et par l'extraction automatiques des unités lexicales plus fréquentes à chaque texte analysé et par la construction des réseaux terminologiques, ont montré l'usage commun et spécifique de termes et de syntagmes outre la conformation de sous-groupes de termes. En un second mouvement, l'évaluation de ces termes potentialisée par la détermination des stratégies rhétoriques et argumentatives fondées sur les faits, présomptions, vérités, valeurs et lieu communs socialement partagés et accordés entre le candidat et son auditoire et restreintes par le contrat de communication politique, a révélé ses plusieurs appropriations contextuelles et la création de signifiés contingents diachroniquement. De façon complémentaire, en un effort comparatif pour l'identification des régularités discursives inhérentes au genre politico-électoral, les discours proférés dans les présidentielles de 2006 et 2010 se sont contrastés. Ce contraste a permis la vérification des changements et les pérennités des discours ainsi que les généralités et les spécificités lexicales dépendantes du contexte de production et de la dynamité du domaine en question. Enfin, nous argumentons que l'approche proposée, qui considère les dimensions sémantiques dérivées des pratiques sociales discursives, situationnellement ancrées dans ce que les sujets éprouvent et rendues possibles par l'élargissement du dialogue théorique établi entre l'argumentation dans le discours et l'organisation de l'information, contribue de façon effective aux procédures de description, explication, interprétation et formalisation d'outils de représentation de l'information dans des domaines dynamiques.

Mots-clés: Représentation de l'information; Discours politique; Discours politico-électoral; Argumentation ; Analyse de Réseaux Sociaux ; Élections Présidentielles Brésiliennes.

SUMÁRIO

1. Introdução	15
2. Para além de uma concepção representacionista da linguagem: o desvelar da informação nos domínios dinâmicos	26
2.1 Representar ou constituir: da oclusão da realidade à constituição de uma realidade coletiva	28
2.2. Linguagens de indexação: representação ou fechamento semântico?.....	31
2.3. O caminho do meio: indexação discursiva e indexação centrada no domínio	37
2.4. Repensando o contexto como um construto social: a interação em domínios dinâmicos.....	43
3. Do linguístico ao discursivo: perspectivas contemporâneas da argumentação e do discurso político.....	53
3.1. Argumentação: atividade do pensamento, da língua ou do discurso?	54
3.2. Estudos contemporâneos da argumentação: contribuições do Tratado da Argumentação – a Nova Retórica	60
3.3. A política encena e em cena: Análise do Discurso e Discurso Político.....	63
3.3.1. <i>THEATRUM POLITICUM</i> : encenações languageiras, jogos argumentativos e dramaturgia política.....	67
3.3.2. A cena enunciativa: as eleições presidenciais de 2010	71
4. Traçando caminhos: percursos metodológicos para coleta e análise dos dados.....	77
4.1. Fundamentos da Análise de Redes Sociais (ARS).....	82
5. Análise de dados: um jogo de desconstrução e reconstrução de sentidos..	88
5.1. Termos contextualizados: os argumentos de Dilma, Serra e Marina	92
5.1.1 . “ <i>O que nos aproxima</i> ”: os termos comuns aos candidatos	92
5.1.2 . Discursivizar e Semantizar: os termos específicos	100
5.1.2.1 “ <i>Um Brasil de Lula com a alma e coração de mulher</i> ”: os termos de Dilma Rousseff	100
5.1.2.2 “ <i>Eu sou o que sou. Tenho uma cara só e uma só biografia</i> ”: os termos de José Serra	102
5.1.2.3 “ <i>Que marcas trago da condição feminina? Que marcas trago das matas? Que marcas trago das atas, dos registros, dos porões?</i> ”: os termos de Marina Silva	104
5.1.3. Rediscursivizar e Ressemantizar: os termos analisados diacronicamente	107
5.2. Com que roupa eu vou? As regularidades enunciativas do discurso político eleitoral	150
6. As finalizações são sempre parciais.....	159
7. Referências	164
Apêndice: <i>Scripts</i> para geração das redes terminológicas.....	173

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1: Abordagens sobre o contexto na literatura das ciências sociais.....	46
FIGURA 3.1: Modelo de Toulmin.....	55
FIGURA 5.1: Modelo proposto para análise contrastiva do <i>corpus</i>	90
FIGURA 5.2: Rede terminológica - Dilma Série I.....	110
FIGURA 5.3: Rede terminológica - Dilma Série II.....	114
FIGURA 5.4: Rede terminológica - Dilma Série III.....	120
FIGURA 5.5: Rede terminológica - Dilma Série IV.....	122
FIGURA 5.6: Rede terminológica - Serra Série I.....	128
FIGURA 5.7: Rede terminológica - Serra Série II.....	132
FIGURA 5.8: Rede terminológica - Serra Série III.....	135
FIGURA 5.9: Rede terminológica - Marina Série I.....	140
FIGURA 5.10: Rede terminológica - Marina Série II.....	142
FIGURA 5.11: Rede terminológica das eleições de 2010 - Dilma.....	146
FIGURA 5.12: Rede terminológica das eleições de 2010 - Serra.....	147
FIGURA 5.13: Rede terminológica das eleições de 2010 - Marina.....	148

LISTA DE TABELAS

TABELA 4.1: Textos analisados ordenados pela série analítica proposta.....	79
TABELA 5.1: Medidas de Centralidade de Grau - Dilma Série I.....	111
TABELA 5.2: Cliques - Dilma Série I.....	113
TABELA 5.3: Medidas de Centralidade de Grau - Dilma Série II.....	117
TABELA 5.4: Cliques - Dilma Série II.....	118
TABELA 5.5: Medidas de Centralidade de Grau - Dilma Série III.....	119
TABELA 5.6: Cliques - Dilma Série III.....	121
TABELA 5.7: Medidas de Centralidade de Grau - Dilma Série IV.....	124
TABELA 5.8: Cliques - Dilma Série IV.....	125
TABELA 5.9: Medidas de Centralidade de Grau - Serra Série I.....	127
TABELA 5.10: Cliques - Serra Série I.....	129
TABELA 5.11: Medidas de Centralidade de Grau - Serra Série II.....	131
TABELA 5.12: Cliques - Serra Série II.....	133
TABELA 5.13: Medidas de Centralidade de Grau - Serra Série III.....	136
TABELA 5.14: Cliques - Serra Série III.....	137
TABELA 5.15: Medidas de Centralidade de Grau - Marina Série I.....	138
TABELA 5.16: Medidas de Centralidade de Grau - Marina Série II.....	143

LISTA DE QUADROS

QUADRO 5.1: Panorama analítico.....	145
--	-----

1. Introdução

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem²

Os caminhos só se constituem no próprio caminhar – o caminhar faz a trilha. Essa frase que finaliza minha dissertação de mestrado é, talvez, a que melhor define o desenvolvimento desta tese. Porque o texto que aqui se apresenta ao leitor não é um produto de reflexões desenvolvido ao longo de quatro anos de Doutorado, ou, melhor dizendo, não somente ao longo deste período, mas de uma vida; mais precisamente, de 33 anos. Os caminhos, por vezes tortuosos, cheios de escolhas e concessões, constituíram o trajeto que culminaria na escolha deste objeto de pesquisa: a LINGUAGEM! Ah, a linguagem, que me encantou na graduação em Tecnologia em Informática, quando eu dedicava horas para sua formalização via programação; a linguagem que tanto Maturana e Varela, autores norteadores da minha dissertação de mestrado, discutiam e que permitiram compreender que ela não é um sistema de signos e regras que medeiam os esquemas conceituais do indivíduo e o mundo em que ele vive. Linguagem, para mim, é comportamento, é atividade que se realiza nos encontros históricos, contingentes, consensuais, recorrentes e recursivos entre sujeitos em interação. É no exercício coletivo da linguagem que emergem diferentes significados e símbolos. Na linguagem, coordenam-se os comportamentos e se cria, conjuntamente, um mundo com os outros. E neste mundo coconstruído, me encantei pela análise do discurso! No doutoramento, pude compreender o discurso como um lugar no qual são estruturados, ao mesmo tempo, os usos, em função das condições de produção em que esses usos se realizam, relacionados às encenações languageiras dos sujeitos e às categorizações de sentido criadas por esses sujeitos de acordo com um sistema de conhecimento e de crenças vigentes em uma realidade construída socialmente. E

² ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão*: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 449.

tudo se interligava como uma rede! Inspirada pelas leituras de Richard Rogers sobre informações políticas na Web, comecei com uma proposta para análise do modo como os sistemas de representação do conhecimento são configurados e propiciam diálogos, embates e renovações na linguagem, à luz das redes de assunto formadas na Web que versavam sobre as eleições presidenciais brasileiras. Novamente, lá estava a linguagem, me sondando. Lembro quando um professor e amigo me alertou: “*Cuidado para você não se encantar mais pela rede do que com o mar...*” Hoje, meu caro amigo, posso falar, com toda convicção, que me inebriei de ambos!

E como os caminhos só se constituem no caminhar, fui moldando a minha proposta. Um ponto definidor foi a participação em um estudo, no âmbito do projeto Observatório das Eleições do InWeb, a convite da minha orientadora, que objetivou o desenvolvimento de uma taxonomia sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2010. Novamente a trilha se fez no caminhar... E a tese ganhou a conformação atual. Assim, convicta de que o que fazemos é o que conhecemos e de que a nossa realidade é apenas uma dentre várias realidades possíveis, é que apresento, nas páginas seguintes, as questões da linguagem no domínio político e a formação de uma rede terminológica nesse domínio.

Para tanto, sugiro que esta tese não seja lida como um texto, gesto que propõe encontrar a estabilidade da interpretação e instaurar o fim da pluralidade de significações, mas que ela seja lida como um discurso! Tomá-la como um discurso permite-nos compreender que as falas não são unânimes, sendo essa dissonância o elemento que torna a leitura mais interessante. Tomá-la como discurso permite-nos compreender as inúmeras problematizações, contribuições e, por que não, encenações de diferentes campos teóricos, ao mesmo tempo em que nos faz mover de qualquer zona de conforto teórico e analítico, já que esses lugares não são vistos aqui como espaços demarcados do conhecimento; ao contrário, esta pesquisa se propõe a “*pensar fora da caixa*”. Assim, convido aos leitores que ocupem, juntamente comigo, este entrelugar.

Ao longo dos últimos anos, a pesquisa da linguagem tem se tornado tema central no âmbito da Ciência da Informação, particularmente no campo da organização da informação e do conhecimento. Estudos que indicam o interesse nesse tema incluem, por exemplo, o uso de estruturas de linguagem natural, como os sintagmas nominais, para a indexação e recuperação da informação; o uso de ferramentas ontológicas que objetivam orientar os sujeitos no entendimento de um domínio específico do conhecimento e na adoção de esquemas representacionais ontológicos em sistemas de organização e recuperação da informação; o uso de ferramentas de representação de relacionamentos conceituais e semânticos como os tesauros; uma proporção significativa dos estudos bibliométricos, como a análise de frequência de termos em documentos e construção de índices; e a utilização de processos de indexação tanto automática quanto manual realizada com base em termos. Em todos esses casos, a linguagem torna-se o fundamento básico para a construção de ferramentas de recuperação de informação ou para a representação do conhecimento, atentando-se, em graus variados, para seu emprego pelos diferentes atores mobilizados em práticas diversas nos muitos domínios de conhecimento.

Essa intensificação de interesse tem exigido uma efetiva articulação teórica e metodológica entre a Ciência da Informação e outras áreas do conhecimento que se dedicam ao estudo da linguagem como a Filosofia da Linguagem, a Semântica, a Terminologia, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, dentre outras (SMIT, 1987; CINTRA, 1983; CINTRA *et al.*, 1994, 2002; CUNHA, 1987, KOBASHI, 1989, 1989a, 1994; TÁLAMO *et al.*, 1992; LARA, 1993, 1993a).

Uma importante área de estudo no campo da organização da informação e do conhecimento abrange o desenvolvimento de instrumentos de representação da informação. Subjazem a esse propósito as seguintes indagações: *Como representar as informações de um texto sem comprometer sua significação? É possível compreender um termo desprovido de sua dimensão contextual?* Há um reconhecimento de que a informação participa de diferentes estruturas de significação, o que tem motivado a reflexão constante sobre os métodos de elaboração de tais instrumentos com o aporte das diversas abordagens interdisciplinares, como as citadas anteriormente.

Uma dessas abordagens é a Análise do Discurso (AD)³, possibilidade apontada por Kobashi (1989, 1989a, 1994) e Cunha (1987), que foi utilizada como subsídio conceitual, metodológico e analítico para as proposições de análise e coleta de dados textuais que contemplam o universo documentário. No entanto, os estudos de tais pesquisadoras têm ressaltado a dificuldade de operacionalização dos conceitos e métodos da Análise do Discurso para a Documentação. Dois principais aspectos, apontados por Kobashi (1994), explicam tal conclusão. O primeiro se refere à preocupação restrita com a identificação da base temática do texto, pela Análise Documentária⁴, em oposição às condições sócio-históricas da produção discursiva, contemplada pelos dois níveis de análise (interno e externo) propostos pela Análise do Discurso. E o segundo diz respeito à dificuldade de se transferir os mecanismos mecanicamente utilizados na Análise do Discurso para a Análise Documentária, considerando que a noção de informação relevante de um texto varia de acordo com os objetivos que se perseguem.

Em oposição a essa argumentação, defendemos nesta tese que a significação discursiva de um texto inscrito em determinado domínio, que se objetiva representar, é resultante de duas dimensões interdependentes⁵: uma *linguístico-enunciativa (interna)* e outra *situacional (externa)* (CHARAUDEAU, 1996). O nível linguístico compreende o nível de desempenho linguístico-enunciativo dos sujeitos envolvidos no ato de linguagem, o que se dá por meio da apropriação de recursos da língua em modos de organização do discurso, podendo ser enunciativo, narrativo, descritivo ou argumentativo. Já o nível situacional compreende a *identidade* dos sujeitos envolvidos na interação, a *finalidade* ou a *intenção comunicativa*, o *propósito temático* representativo dos objetos ou universos de referência compartilhados e tematizados na comunicação, e o *dispositivo* em que se inserem os enunciados.

³ Observa-se uma escassez de estudos que estabelecem uma conexão entre a Análise do Discurso e o campo da Análise Documentária. Tais pesquisas concentram-se no âmbito do Grupo TEMMA da ECA/USP.

⁴ Segundo Gardin (1987), as linguagens de indexação seriam incluídas no campo da análise documentária, que constitui “o conjunto de procedimentos utilizados para expressar o conteúdo dos documentos científicos sob formas destinadas a facilitar a sua localização ou consulta” (GARDIN, 1987, p. 48-49), mas é com GARCÍA GUTIÉRREZ (1990) e TÁLAMO e LARA (2006) que um subcampo particular começa a surgir – a Linguística Documentária. Esse subcampo engloba as linguagens documentárias e se encarrega “dos estudos das estruturas simbólicas da documentação e das questões linguísticas advindas da mediação necessária entre os produtores e os consumidores de informação” (TÁLAMO; LARA, 2006, p. 204). Nesta tese, adotamos a terminologia Análise Documentária para nos referirmos a tal campo de estudo.

⁵ Recusa-se, aqui, a divisão texto/contexto e adota-se uma perspectiva que relaciona a fala a um lugar social, de maneira interdependente.

Assim, a dimensão situacional é vista como base da dimensão linguística e, ao mesmo tempo, constituída por esta.

Adota-se, então, uma perspectiva que não só privilegia a dimensão situacional do discurso, fazendo do enunciador um porta-voz de um poder socialmente legitimado e a ele delegado em função do lugar que ocupa na rede de relações e práticas sociais (posição adotada, por exemplo, por Bourdieu, 1996), nem tampouco apenas uma dimensão enunciativa do discurso que enfatiza os dispositivos de enunciação e não se interessa pelos rituais sociais exteriores à prática languageira (posição defendida por Ducrot, 1987, por exemplo), mas que articula essas duas dimensões, objetivando apreender, de modo mais efetivo, as relações entre o linguístico e o social.

Desse modo, argumenta-se que o nível situacional é passível, em algum grau, de representação. No entanto, a possibilidade de referenciar e recuperar os aspectos situacionais está ligada a uma restrição: operar em um domínio específico, ou, dito de outra forma, restringir *a priori* o universo semântico. Essa tomada de posição permite avaliar melhor as lacunas nas pesquisas que têm privilegiado exclusivamente a dimensão linguística. Aceitar a existência de uma dimensão implícita da significação discursiva é aceitar que existe algo externo à linguagem. Pois, se nenhuma das proposições teóricas e metodológicas que discutem a inter-relação da representação da informação e da Análise do Discurso negam a existência de uma *realidade extralinguística*, para usar os termos de Charaudeau (1996), os métodos de análise e suas teorizações não lhes conferem o devido estatuto. Para algumas pesquisas, trata-se somente de um dado empírico que não pode ser integrado ou operacionalizado no estudo da Análise Documentária, ou que permanece como uma teorização aceita, mas no fundo alheia ao campo da Ciência da Informação. Assim, nossa hipótese de trabalho é de que não se podem desenvolver instrumentos de representação da informação sem se levar em consideração, simultaneamente, um espaço externo e um espaço interno de construção do sentido.

Neste contexto, a presente pesquisa pretende contribuir para o aprimoramento de métodos para a construção de instrumentos de representação da informação que

considerem as dimensões situacionais da linguagem, analisando os termos utilizados nas dinâmicas dos discursos políticos das eleições presidenciais brasileiras de 2010. Essas conversações políticas são fundadas na linguagem, o que implica a escolha de tópicos representativos do debate e a adoção de termos comuns ou conflitantes pelos diversos atores sociais envolvidos. A escolha pelo domínio político deve-se ao fato de considerarmos como o que melhor expressa a dinamicidade, a contingência e a coconstrução das práticas discursivas, dos jogos argumentativos e das encenações languageiras.

Nosso estudo foi desenvolvido em três vertentes complementares:

- (i) *Um enfoque teórico:* na primeira vertente aborda-se a representação da informação sob uma perspectiva interdisciplinar, especialmente nos campos da Ciência da Informação, da Linguagem, da Análise do Discurso e da Argumentação.
- (ii) *Uma análise contrastiva do corpus:* na segunda vertente, analisam-se contrastivamente os discursos dos principais candidatos à Presidência da República nas eleições de 2010, realçando aspectos explorados pelo enfoque teórico. Adicionalmente, comparam-se os discursos de candidatos do pleito anterior, de 2006, buscando identificar as regularidades na formação desse gênero discursivo. Essa perspectiva de análise é ilustrativa do conjunto de proposições desenvolvidas na pesquisa e que constituem a terceira vertente do estudo.
- (iii) *Uma proposição metodológica:* nesta vertente, operacionalizam-se procedimentos para o desenvolvimento da representação da informação em domínios dinâmicos com o aporte das teorias da Argumentação e da Análise do Discurso, buscando-se preencher as lacunas teóricas e metodológicas desse campo de estudo. Propõe-se um modelo que considera a dimensão linguística e situacional do texto, conjugando metodologias diversas, tais como a lexicometria, a identificação e a análise de redes terminológicas da configuração do vocabulário de campanha utilizado pelos candidatos, a

Análise de Redes Sociais (ARS), e a análise argumentativa do discurso político.

Tendo em vista a explanação realizada anteriormente, que buscou salientar a dificuldade da representação semântica da informação em um contexto social e dinâmico – o que extrapola o simples problema da polissemia e da sinonímia de termos, e as limitações na utilização dos conceitos advindos de outras áreas que lidam com a linguagem, o presente estudo objetiva responder à seguinte questão de pesquisa:

Atentando para as dimensões semânticas derivadas das práticas sociais discursivas situacionalmente ancoradas no que os sujeitos experienciam, os princípios teóricos e metodológicos da Análise do Discurso e, mais especificamente, da Argumentação no Discurso contribuem para o desenvolvimento e o aprimoramento de métodos para a construção de instrumentos de representação da informação em domínios dinâmicos?

Considerando tal questão, o presente estudo tem por objetivo geral propor uma abordagem metodológica sociolinguístico-discursiva para a representação da informação, visando a contribuir, a partir da ampliação do diálogo teórico entre a argumentação no discurso e a organização da informação, para os processos de descrição, explicação, interpretação e formalização dos instrumentos de representação da informação em domínios sociais dinâmicos. Tomar-se-á como objeto de análise o domínio político, especificamente as redes terminológicas e as estratégias argumentativas utilizadas nas enunciações proferidas por candidatos das eleições presidenciais brasileiras ocorridas em 2010. Para tanto, tem-se por objetivos específicos: (i) realizar uma análise terminológica da configuração do vocabulário de campanha que cada candidato utiliza de acordo com suas estratégias argumentativas; (ii) analisar a tipicidade dos usos dos termos nos debates e documentos e como essa tipicidade pode auxiliar na representação das informações referentes ao evento; (iii) identificar e caracterizar a estrutura das redes terminológicas políticas advindas dos discursos dos candidatos nas eleições presidenciais brasileiras de 2010, tendo em vista o debate que se instituiu; (iv)

comparar os discursos de candidatos à presidência com aqueles proferidos no pleito anterior, visando a identificar as regularidades na formação do gênero discursivo político; e (v) ressaltar as possíveis contribuições da Análise do Discurso e, mais especificamente, da argumentação no discurso, como abordagem complementar para a discussão e o desenvolvimento de instrumentos de representação da informação.

Sendo assim, por se propor a analisar um campo de estudo que não vem sendo explorado em todas as suas potencialidades no âmbito da Ciência da Informação – a representação da informação em domínios dinâmicos, esta pesquisa lança luz sobre conceitos moduladores de estudos da informação, da linguagem, da argumentação no discurso e da política com o propósito de apontar novos caminhos e abordagens para análise do tema. O uso e as conexões provenientes dessa interdisciplinaridade podem contribuir, de maneira expressiva, para a disseminação e a formação de um corpo teórico sobre aspectos dinâmicos da estruturação da informação e do uso da linguagem nos debates estabelecidos nas redes conversacionais políticas. Por meio de uma generalização cuidadosa, mas cabível, podem-se esclarecer aspectos informacionais e linguísticos de outras redes terminológicas no domínio político. Não por acaso, de forma geral, este estudo visa a contribuir de maneira relevante para o desenvolvimento da linha de pesquisa na qual está inserido, com foco na discussão e compreensão da organização e uso da informação em domínios diversos.

Com isso, acredita-se que o aprofundamento de estudos sobre redes terminológicas políticas centradas nas dinâmicas e multifacetadas relações estabelecidas pelos sujeitos na linguagem possibilita explicar melhor os aspectos organizacionais da informação nesses contextos. Para isso, o emprego de abordagens metodológicas inovadoras, que combinam métodos de naturezas diversas (quantitativos e qualitativos) e os usam de forma não previstas, mostrou-se necessário e potencializador de resultados frutíferos.

Não sem razão, somos defensores de que a Ciência da Informação tem muito a contribuir para esse tipo de abordagem interdisciplinar, devido ao seu amplo espectro teórico, à ênfase dada à linguagem e sua afinidade com aplicações práticas que utilizam metodologias de naturezas diversas. Desse modo, além dos potenciais

benefícios para a Ciência da Informação, a metodologia empregada pode fornecer substrato empírico para outras áreas de estudo, como as Ciências Políticas, a Linguística e as Ciências da Comunicação – ciências que carecem de dados empíricos que possam renová-las, especialmente quando se trata de trocas sociais nos novos ambientes em rede, em parte devido à falta de motivação e base para o emprego de teorias e metodologias que devem bastante à Ciência da Informação.

Além dos aportes teóricos e do percurso metodológico apresentados acima, alguns pressupostos de trabalho foram considerados e são descritos a seguir:

- (i) Compreender a multiplicidade de significações que um termo pode assumir em uma encenação discursiva é um fator importante para a elaboração de instrumentos de representação da informação em domínios dinâmicos. Nesse sentido, a apropriação de elementos das discussões do campo da Análise do Discurso, de maneira geral, e da teoria argumentativa, de maneira específica, propicia um conjunto de reflexões que permitem pensar teórica e operacionalmente a questão da construção e uso de tais instrumentos.
- (ii) Os estudos de organização e representação da informação devem considerar a ênfase dada para os termos em domínios dinâmicos. A escolha e posterior evidência dada a determinados termos não são neutras. As expressões, palavras e verbos são escolhidos de acordo com a estratégia argumentativa de cada sujeito na situação vivenciada. Identificar os termos utilizados na linguagem, a relação entre eles, seus diferentes empregos pelos atores e as alterações em seu uso é fundamental para a compreensão dos assuntos debatidos e para a construção de ferramentas que permitam a representação da informação criada como resultado das atividades corriqueiras no domínio em pauta.
- (iii) A discussão sobre as condições situacionais de produção do discurso político, bem como o tratamento linguístico da organização argumentativa são pontos que podem subsidiar a análise de textos em que o jogo persuasivo e argumentativo cumpre função determinante.

Esta tese está estruturada em seis capítulos. No segundo capítulo, ***Para além de uma concepção representacionista da linguagem: o desvelar da informação nos domínios dinâmicos***, são discutidas questões sobre a representação da informação, apresentando distinções entre uma *abordagem representacionista da realidade* e uma *abordagem* aqui denominada *linguageira*. Para exemplificação da representação da informação são discutidos parâmetros teóricos das linguagens de indexação, bem como perspectivas metodológicas, privilegiando as que utilizam como embasamento teórico-conceitual a Análise do Discurso. Em uma perspectiva oposta aos pressupostos defendidos por esses estudos, apresentam-se duas abordagens: a *indexação discursiva* e a *indexação centrada no domínio*. Ao final, efetua-se uma revisão da literatura referente à forma de abordar a noção de *contexto*, enfatizando a complexidade da questão. Dada a limitação de tal conceito, propõe-se uma conceituação própria para a noção de *domínio*, que contempla a dupla dimensão linguística e situacional do discurso, modalidade com a qual trabalhamos.

No terceiro capítulo, ***Do linguístico ao discursivo: perspectivas contemporâneas da argumentação e do discurso político***, é apresentada uma discussão sobre a construção de estratégias argumentativas no âmbito do discurso político. Em um primeiro momento, discutem-se as três problemáticas da argumentação – *lógica*, *linguística* e *retórica*, associando-as aos estudos correspondentes e situando a abordagem adotada por esta tese na perspectiva retórica – da argumentação no discurso, fundada em *fatos*, *verdades*, *presunções* e *valores*. Discute-se o conceito de discurso político eleitoral, buscando localizá-lo no período contemporâneo. A discussão a esse respeito passa por uma compreensão sobre as funções específicas do gênero discursivo político, as questões relacionadas às *encenações do dizer*, impostas pela *noção de contrato de comunicação*, a *dramaturgia política* e aos *lances discursivos*, bem como as *estratégias* que o sujeito utiliza para obter a eficácia no seu projeto de fala. Por fim, direcionando o debate para o *fazer político*, caracteriza-se a cena enunciativa configurada nas eleições brasileiras de 2010, bem como os atores que a compõem.

No quarto capítulo, ***Traçando caminhos: percursos metodológicos para coleta e análise dos dados***, são enfocados aspectos relativos aos procedimentos metodológicos desenvolvidos nesta tese, que delineiam a abordagem metodológica proposta para a representação da informação em domínios dinâmicos, e que será melhor desenvolvida no capítulo subsequente. Apresenta-se o *corpus* avaliado e suas regularidades de constituição, incluindo os procedimentos que possibilitaram sua análise contrastiva. Ressalta-se algumas contribuições relativas ao levantamento de dados da configuração linguística e situacional, a partir da teoria da lexicometria, da análise de redes sociais e da criação de rotinas de programação para identificação das redes terminológicas.

No quinto capítulo, ***Análise de dados: um jogo de desconstrução e reconstrução de sentidos***, avança-se na formulação da abordagem metodológica proposta, evidenciada aqui pelo que denominamos de *jogo de desconstrução e reconstrução dos sentidos*. Para tanto, dois movimentos foram estabelecidos para se processar a análise contrastiva do *corpus* trabalhado: a configuração linguística identificada pela extração e pela análise das unidades lexicais viabilizada pelo método lexicométrico e pela constituição das redes terminológicas; e a reinserção desses termos na cena enunciativa possibilitada pela análise das estratégias argumentativas. Ao final, realiza-se a comparação de discursos de pleitos distintos, objetivando a identificação de certas regularidades discursivas.

No sexto e último capítulo, ***As finalizações são sempre parciais...***, são tecidas considerações sobre a pesquisa e apontadas algumas possibilidades de estudos que podem ser exploradas a partir das reflexões teóricas e da abordagem metodológica desenvolvidas por esta tese.

2. Para além de uma concepção representacionista da linguagem: o desvelar da informação nos domínios dinâmicos

*Nós, seres humanos, acontecemos na linguagem, e acontecemos na linguagem enquanto o tipo de sistemas vivos que somos. Não temos nenhuma maneira de nos referirmos a nós mesmos, ou a qualquer outra coisa, fora dela. Mesmo para nos referirmos a nós mesmos como entidades não linguajantes, precisamos estar na linguagem. Com efeito, a operação de referência existe apenas na linguagem e estar fora da linguagem, para nós observadores, é totalmente destituído de sentido.*⁶

Neste capítulo, discutem-se as questões epistemológicas relacionadas à representação da informação, apresentando distinções entre uma abordagem representacionista da realidade e uma abordagem, aqui proposta, denominada languageira. Argumenta-se que grande parte das teorias tradicionais clássicas da representação da informação baseia-se na ideia de que as descrições e as representações podem ser um espelho neutro e objetivo de um universo de conhecimento preexistente. Em uma perspectiva oposta, como a proposta por esta tese, rejeita-se essa pressuposição e a visão de representação da informação é construída com base nas práticas sociais de comunidades de discursos particulares e domínios cada vez mais dinâmicos. Portanto, a ênfase recai nos processos interpretativos e no domínio cultural e social no qual o conhecimento é construído.

Para exemplificar a representação da informação, no âmbito da organização e uso da informação, apresenta-se a conceituação de linguagem de indexação e realiza-se o levantamento dos parâmetros teóricos necessários ao seu desenvolvimento (conceituação e *garantias*), indicando as perspectivas metodológicas que têm sido adotadas pelas pesquisas no campo (CINTRA *et al.*, 2002; KOBASHI, 2007; MOURA, 2008; SVENONIUS, 2000). Acredita-se que há um reconhecimento de que os conteúdos informacionais participam de diferentes estruturas de significação, o que tem motivado a aproximação do campo da análise documentária a áreas que,

⁶ MATURANA, H. R. Realidade: a busca da objetividade, ou a procura de um argumento coercitivo. In: MAGRO, C.; GRACIANO, V.; VAZ, N. (Org.). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 243-326, 1997, p. 269.

como ela, lidam com a linguagem, o texto e o discurso – como a Linguística Textual, a Análise do Discurso e, mais recentemente, a Terminologia. Diante dos múltiplos marcos teóricos e metodológicos a serem examinados, destacam-se neste capítulo os estudos que têm utilizado a Análise do Discurso como aporte conceitual para a discussão das linguagens de indexação, apontando, para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados e suas principais conclusões, críticas e propostas (KOBASHI, 1989, 1989a; CUNHA, 1987). Pode-se supor que, para tais estudos, a apropriação de conceitos e métodos oriundos dessas diferentes áreas, que engloba, necessariamente, a dimensão contextual, é de difícil operacionalização.

Em uma perspectiva oposta, discutem-se duas vertentes atuais sobre a indexação, explorando a oposição estabelecida na linguística entre léxico e discurso, como a proposta desenvolvida por Amar (1997, 2000, 2004) que diferencia a *indexação lexical* da *indexação discursiva*; e a oposição entre uma abordagem centrada no documento e outra centrada no domínio, como descrito por Mai (2005).

Subjazem ainda à discussão da representação da informação questões colocadas pela noção de contexto e domínio no campo da Ciência da Informação. Para tanto, analisam-se as principais noções de contexto discutidas por pesquisas que o têm como objeto de estudo e apresentam-se abordagens que consideram a análise conversacional como ponto crucial para tal debate (DERVIN, 2003; HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995; HJØRLAND, 2002; TALJA; KESO; PIETILÄINEN, 1999). Ao final do capítulo, propomos nossa formulação para a noção de domínio, destacando a necessidade de se perceber a dinâmica das práticas discursivas a partir de uma dupla dimensão: no contexto de produção e no contexto de utilização, base da nossa abordagem metodológica para representação da informação em domínios dinâmicos.

2.1 Representar ou constituir: da oclusão da realidade à constituição de uma realidade coletiva

Para discussão do conceito de representação da informação, adota-se uma perspectiva que expõe a tensão existente entre um *modelo representacionista* da realidade e um modelo aqui defendido e que denominamos de *modelo languageiro*. O modelo representacionista que sustenta as abordagens cognitivistas vê a realidade como dada e exterior ao sujeito cognoscente, e o modelo languageiro percebe a realidade como construída socialmente. A visão da realidade e, por consequência, da representação da informação é radicalmente distinta nos dois modelos.

O modelo representacionista⁷ pressupõe a existência de um mundo anterior à experiência do indivíduo, cujos objetos e propriedades podem ser captados e representados em sua mente. O indivíduo, então, com as capacidades cognitivas adequadas, age com base nessas representações simbólicas de características ambientais extrínsecas, com vistas a resolver problemas que lhe são apresentados. A cognição é vista em termos representacionais e computacionais, ou, dito de outra forma, como a constituição e manipulação de modelos mentais que representam o mundo e medeiam, ou filtram, a informação (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991).

De maneira geral, quatro premissas caracterizam o modelo representacionista: (i) o mundo é predefinido e suas propriedades são independentes da percepção e da atividade cognitiva dos sujeitos, que se contentam em recuperar ou em reconstituir uma realidade extrínseca; (ii) acredita-se que exista uma separação clara e nítida entre as descrições e as representações, de um lado, e a realidade, do outro; (iii) a atividade cognitiva constitui a construção e a validação de representações adequadas das propriedades do mundo real predeterminado, seja com a ajuda da língua ou qualquer outro artefato; e (iv) decorrente da premissa anterior, sendo o mundo predefinido e independente de toda atividade linguística, a linguagem serve

⁷ Os pressupostos desse modelo embasam a perspectiva cognitivista que serviu e ainda serve de orientação para as mais diversas áreas de pesquisa. A utilização de seus princípios foi tão intensa que ele é, por vezes, tomado como a própria ciência cognitiva. A partir da década de 70, algumas das direções mais produtivas dos estudos informacionais na ciência da informação foram (e ainda são) realizadas sob a perspectiva dessa abordagem, cujas expressões mais significativas são os estados anômalos do conhecimento de Belkin; Oddy e Brooks (1982, 1982a) e o mentalismo de Brookes (1980).

apenas para designar as entidades do mundo e para construir representações adequadas de suas propriedades.

O que está em jogo nesse modelo é a correspondência do esquema da representação a uma realidade extrínseca ao sujeito. Assim, baseado no modelo representacionista, a indexação constitui-se como um procedimento capaz de assegurar a estabilidade do referente – objetos de uma realidade exterior, durante sua transferência entre os autores e os leitores. Desta forma, a estabilidade referencial corresponde à estabilidade linguística, ou, dito de outra forma, como o mundo é estável, é suficiente identificar os objetos sempre pelos mesmos termos ou descritores (AMAR, 1997).

De maneira oposta, o modelo languageiro, aqui defendido, compreende a realidade como um construto social. Quando se efetua essa mudança de perspectiva, a representação da informação não constitui mais um processo no qual os objetos de um mundo real predefinido tornam-se mutuamente manifestos, mas uma atividade conjunta de construção e modelagem de uma realidade comum, de um ponto de vista compartilhado, de uma configuração recíproca da linguagem que emerge na interação com os outros e com o mundo (BERGER; LUCKMANN, 2004; TUOMINEN; SAVOLAINEN, 1997; MATURANA, 1997, 1998, 2001). O querer dizer e aquilo a que se faz comumente referência são emergências; eles originam de uma ação coordenada, que é mediada pela situação, pelo espaço temporal, pelas conversações languageiras, pelas práticas sociais, pela terminologia, pelos conceitos e pelas significações compartilhadas.

Superado o dualismo do modelo representacionista, a linguagem e a realidade deixam de se relacionar como duas ordens independentes. Contrariamente ao modelo anterior, o modelo languageiro atribui à linguagem uma dimensão constitutiva, e não mais uma dimensão representativa. Em outros termos, compreender uma linguagem e representá-la não implica instituir as condições de estabilidade e de equivalência de representações linguísticas de uma realidade externa, mas sim compreender as atividades sociais que ela integra e como tal linguagem possibilita a articulação das práticas e das relações entre os sujeitos em uma determinada situação de uso.

Sob essa perspectiva, Amar (2004) ressalta a importância da dimensão discursiva na indexação⁸. Segundo a autora, a indexação pode ser vista como uma operação de contextualização realizada em dois tempos: uma descontextualização do documento em relação ao seu contexto de produção, de um lado, e uma recontextualização em relação ao seu contexto de utilização, por outro. Neste sentido, o documento é compreendido como um enunciado que permite estabelecer um *link* entre a fonte de onde ele provém e a representação originada de uma atividade linguageira na situação onde ele é utilizado.

Neste momento, destaca-se a primordial importância da discussão do conceito de **documento** na tentativa de fazer aproximações entre as diversas conceitualizações e perspectivas sobre representação apresentadas até então. Sem objetivar uma discussão extensa sobre as inúmeras conceitualizações sobre o termo, que se distancia do objetivo desta tese, tomamos como ponto norteador o estudo colaborativo realizado por Roger T. Pedáuque⁹, que se propõe a investigar a noção de documento e sua transição para o formato eletrônico.

Na discussão apresentada por Pedáuque (2003), é sugerida uma tipologia para pesquisa de documentos que agrupa três coexistentes definições para o termo: (i) *documento como forma*, representado pela equação “*documento = suporte + inscrição*”, na qual o documento é visto principalmente como um objeto material ou imaterial, ou, dito de outra maneira, uma espécie de *container* que reúne e estrutura o conteúdo de forma a torná-lo mais fácil para a compreensão do leitor e que privilegia o formato e os aspectos estruturais e materiais do documento; (ii) *documento como signo*, expresso pela equação “*documento = inscrição + sentido*”, que considera o documento como portador de sentido, dependente do contexto de recepção e condições de interpretação. Nesta perspectiva, agrega-se um componente interacional, na qual o usuário interage com o documento, estabelecendo sua leitura e compreensão; e (iii) *documento como meio*, simbolizado pela equação “*documento = inscrição + legitimidade*”, que analisa o documento

⁸ Nas seções seguintes é apresentada a proposta da autora que diferencia a indexação lexical da indexação discursiva.

⁹ Nome dado ao autor coletivo da obra “*Le document à la lumière du numérique*” e dos três textos incluídos na coletânea: “*Document: forme, signe et médium, les re-formulations du numérique*” (PÉDAUQUE, 2003); “*Le texte en jeu. Permanence et transformations du document*”, (PÉDAUQUE, 2005) e “*Document et modernités*” (PÉDAUQUE, 2006).

como um fenômeno social, um vetor de comunicação entre pessoas e enfatiza o papel social que o documento exerce como “*um traço construído ou encontrado, de uma comunicação que existe fora do tempo e do espaço*” (PÉDAUQUE, 2003, p. 3).

Segundo os autores, discutir sobre a noção de documento envolve, necessariamente, pensá-lo em termos de contratos de leitura a ele vinculado. Assim, no *documento como forma*, o contrato estabelecido entre o leitor e o produtor é o da *legibilidade* que estabelece o documento como um objeto de comunicação estruturado com certos elementos regulares suficientes para serem descritos por regras de formalização criadas para tal propósito. Por outro lado, o contrato *da compreensão*, estabelecido pelo *documento como signo*, é importante para compreender os documentos como objetos informativos. O terceiro contrato de leitura – *da sociabilidade* – preocupa-se com o documento como uma evidência da atividade humana e o insere nas relações sociais.

Atualmente, reivindica-se uma abordagem cada vez mais interpretativa, que integra a ideia de desmaterialização do documento, dada a sua relativização enquanto dispositivo informacional e sua inscrição em um dado tempo histórico, construído em comunidades discursivas em situações de uso.

2.2. Linguagens de indexação: representação ou fechamento semântico?

Comumente as linguagens de indexação, conhecidas também por outras denominações como linguagens documentárias e linguagens de informação, são definidas como instrumentos de controle terminológico que possuem dupla funcionalidade: (1) na representação da informação, com base na análise e síntese de textos, objetivando representar o assunto de maneira consistente, e (2) na recuperação da informação ao promover a interação entre o usuário e o dispositivo. Assim, as linguagens de indexação atuam como mediadoras do diálogo estabelecido entre a linguagem do autor do documento, a linguagem do indexador e a linguagem do usuário (CINTRA *et al.*, 2002; KOBASHI, 2007; MOURA, 2008; SVENONIUS, 2000).

Como instrumentos que possibilitam essa mediação entre a representação e a recuperação da informação, as linguagens de indexação, de maneira geral, mapeiam, conceitualmente, os termos de um determinado domínio de conhecimento, relacionando-os entre si. A construção de uma linguagem de indexação sustenta-se, então, em um corpus discursivo do qual são extraídos os termos considerados representativos do domínio. Essa extração é regida pelo princípio da *garantia literária*, um conceito introduzido por Wyndam Hulme em 1911, que preceitua que os termos que compõem uma linguagem de indexação devam ser, necessariamente, derivados da literatura da área que se pretende descrever. Garante-se, desta forma, uma simetria entre o vocabulário utilizado para a representação do domínio e o universo de conhecimentos expresso nos textos.

Embora importante, a garantia literária não é suficiente para legitimar a aprovação de termos no vocabulário de uma linguagem de indexação, pois nem sempre os termos utilizados pelos autores equivalem aos termos adotados pelo usuário que deseja recuperar a informação (SVENONIUS, 2000). Atentando para o lado do usuário, a *garantia de uso* preconiza que os termos de uma linguagem de indexação precisam estar de acordo com a abordagem temática utilizada pelos usuários em uma situação de recuperação da informação. No entanto, em alguns casos, os termos não se apoiam nem na *garantia literária* nem na *garantia de uso*, mas em uma *garantia estrutural* (SVENONIUS, 2000). A *garantia estrutural* admite a incorporação de termos que, embora não estejam presentes na literatura ou nas expressões de busca do usuário, são úteis para tornar a estrutura da linguagem mais funcional. Desse modo, os termos estruturais facilitam elos em uma hierarquia de termos ou colaboram para que seja possível dispor um conjunto de termos mais específicos.

Ao longo do tempo, a constituição de instrumentos de representação da informação foi determinada por essa tríade de garantias. Entretanto, considerando-se a inevitável participação dos usuários nos cenários de produção, de descrição, de representação e de recuperação da informação, têm surgido na literatura outros tipos de garantias, incluindo a *garantia autopoietica* (Mai, 2011) e a *garantia cultural* (Beghtol, 1986, 2002).

Em referência ao termo autopoiese¹⁰, cunhado pelos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, Mai (2011) propõe uma concepção de garantia alternativa denominada *garantia autopoietica*. Nos dizeres do autor: “*Aqui [na garantia autopoietica] usuários do sistema, de uma maneira auto-referencial, estabelecem os termos e as classes a serem incluídos no sistema e a autoridade do sistema emerge do seu uso*” (MAI, 2011, p. 119). Para o autor, a autoridade nesses sistemas emerge, então, dos acordos coletivos e democráticos propiciados pelos ambientes colaborativos de forma dinâmica e autônoma, de modo similar aos sistemas autopoieticos.

Já Beghtol (1986, 2002) explora o conceito de *garantia cultural*, que sugere que qualquer organização do conhecimento ou sistema representacional deveria refletir os pressupostos, os valores e as predisposições da cultura na qual eles existem. Assim, as classificações e as relações semânticas são dependentes do contexto cultural, ou, nos dizeres da autora:

(...) os sistemas de representação e organização do conhecimento são mais úteis quando e se eles refletem a garantia cultural de um grupo social particular e são compreensíveis e aceitáveis para os indivíduos que pertencem e buscam perpetuar esse grupo. Qualquer cultura coerente e coesa conta com um grande número de pressupostos sobre o mundo, sobre as pessoas, sobre a sociedade, sobre as informações e sobre a ética, entre outros¹¹. (BEGHTOL, 2002, p. 517)

Deste modo, cada sistema é constituído conforme as concepções atribuídas pela comunidade discursiva particular, pelo domínio de conhecimento ou pela cultura.

Como vimos ressaltando ao longo desta tese, a dinamicidade imposta pelos diversos domínios de atuação dos sujeitos, e mais especificamente, o domínio político, foco

¹⁰ A teoria da autopoiese – também referenciada por *Biologia do Conhecer* – foi desenvolvida por Maturana e Varela (1994, 2004). Nessa teoria, os seres vivos são constituídos de *sistemas dinâmicos determinados estruturalmente* o que implica que tudo o que acontece neles é determinado a cada instante por suas próprias estruturas. Isso resulta em uma contínua *congruência estrutural* entre o ser e o meio, e a conservação dessa congruência é o que sustenta a existência do ser.

¹¹ (...) *knowledge representation and organization systems are most useful when and if they reflect the cultural warrant of a particular social group and are understandable and acceptable to the individuals who belong to and seek to perpetuate that group. Any coherent and cohesive culture relies on a large number of assumptions about the world, about people, about society, about information, and about ethics, among others* (BEGHTOL, 2002, p. 517).

de nossa análise, têm exigido uma nova forma de abordar os instrumentos de representação da informação. Sob esse ponto de vista, parece-nos, então, plausível a incorporação no desenvolvimento de tais instrumentos das garantias autopoiética e cultural. Tal concepção, mais abrangente, a nosso ver, ressalta enfim a dependência da representação da informação em relação às várias práticas discursivas em um determinado domínio e aos vários processos de significação instaurados pelos sujeitos.

Após a análise das palavras ou expressões específicas da área temática que se pretende representar, identificam-se os termos ou descritores, bem com as relações entre eles e outros conceitos evidenciados. Essas relações entre os termos são determinadas por um sistema nocional ou pelo campo conceitual trabalhado. Aqui residem algumas críticas às linguagens de indexação. Descritores únicos podem representar informações de naturezas distintas. Como resultado, cada descritor tende a abranger um amplo espectro de significações vinculadas a palavras ou a expressões de sentido contrário ou contraditório.

Tome-se, como exemplo, o termo *governo* utilizado pelos candidatos no debate político, no *corpus* do presente estudo. A candidata Dilma Rousseff, da situação, emprega o termo para ressaltar os benefícios alcançados pela gestão do governo Lula da qual ela fazia parte. Ao contrário, o candidato da oposição, José Serra, o utiliza como lugar da crítica – entra em cena o discurso que não poupa asserções negativas ao governo, e remete às mudanças necessárias e urgentes que deveriam ocorrer na sua gestão, caso fosse eleito. Essa significação do termo só pode ser observada no discurso. Não há enunciação discursiva que não se encontre atrelada às determinações do domínio da prática social no qual ele se realiza. Assim, o discurso ultrapassa os códigos de manifestação linguageira, englobando o lugar do fazer psicossocial (situacional) (CHARAUDEAU, 2006).

O problema destacado ocorre porque, geralmente, as linguagens de indexação são instrumentos que não possibilitam recuperar a dinamicidade dos textos originais, considerando que um dos seus objetivos é justamente fornecer uma versão sintética dos textos, pela extração de informações consideradas centrais, como apontado anteriormente. Assim, restringe-se a significação de um determinado termo e a

relação entre significante e significado tende a ser unívoca. Em oposição à linguagem natural, por exemplo, em que a plurissignificação das palavras é uma constante, o desenvolvimento das linguagens de indexação busca a estabilização semântica do termo. Nesse sentido, Lara (1993a, p. 223) apresenta sua crítica:

LDs e textos são construções de natureza distinta. Na operação de conversão, perde-se, conseqüentemente, a marca da especificidade do texto original em prol da generalização. Tal generalização, acrescida da ausência de dinamicidade característica das LDs tradicionais, pode, portanto, comprometer o jogo de significações engendrado pelo texto original que se quer representar e, posteriormente, recuperar.

Desta forma, há um reconhecimento de que os conteúdos informacionais participam de diferentes estruturas de significação, o que tem motivado a aproximação do campo da análise documentária a áreas que, como ela, lidam com a linguagem, o texto e o discurso, como a Linguística Textual, a Análise do Discurso e, mais recentemente, a Terminologia. Assim, para responder às questões conceituais, metodológicas e pragmáticas, recorrem-se à apropriação e adaptação de conceitos e métodos de outras áreas de estudo. Diante dos múltiplos marcos teóricos e metodológicos a serem examinados, destacamos aqui os estudos que têm utilizado a Análise do Discurso como aporte conceitual para a discussão das linguagens de indexação, apontando, para tanto, os procedimentos metodológicos utilizados e suas principais conclusões, críticas e propostas.

Kobashi (1989) procura descrever quatro tipologias advindas da análise discursiva e suas potenciais aplicações na análise documentária. As conclusões apontaram para a dificuldade da operacionalização para a documentação, exceto em questões pontuais, levando-se em conta a diversidade dos textos e problemas correlatos. Restou ainda a possibilidade teórica de aplicação de tipologias discursivas, especialmente a partir da proposta lógico-semântica de Gardin (1974), ressaltando-se a importância da síntese para a documentação, o que pressupõe a elucidação de dispositivos construtores de significação, e da criação de tipologias que enfoquem a “organização metodológica do discurso”, e não tipologias orientadas para gêneros discursivos. No entanto, admitindo a limitação a *corpora* menores e gêneros mais

limitados, em consonância com a tendência atual de análises documentárias e criação de ontologias e tesauros em domínios restritos, as perspectivas seriam mais promissoras.

Cunha (1987), em sua tese de doutorado, propõe um modelo lógico-semântico, de inspiração greimasiana, que objetiva reconstruir a significação de discursos pela identificação de operações lógico-linguísticas decorrentes da combinação de traços descritivos e argumentos. Tal modelo busca incorporar a Análise do Discurso à Linguagem Documentária através da identificação da organização metodológica e de informações significativas de discursos científicos em Ciências Humanas (é tomado, como exemplo, um texto que realiza um breve histórico da política colonial portuguesa), pelas funções modais dos verbos, com base na proposta de Modalidades de Greimas¹².

Kobashi (1989a) analisa o modelo desenvolvido por Cunha (1987) e constata que a Análise Documentária apresentada torna-se operacionalmente complexa. De acordo com a autora, os parâmetros dispostos por Cunha não se mostram eficientes para a análise de textos em um *corpus* distinto do proposto na pesquisa inicial. Kobashi argumenta que as limitações do modelo devem-se a duas inconsistências principais: a primeira diz respeito à adoção do pressuposto de que é possível identificar as informações principais de um texto pelo mapeamento dos enunciados de estado contidos nele – uma compreensão equivocada do modelo de narratividade preconizado por Greimas. Nos dizeres da autora: “o enunciado de estado é uma abstração, no sentido de mínimo semântico atribuível a enunciados que se lexicalizam de múltiplas formas; deste modo, eles não podem ser identificados apenas através de verbos “ser” e “estar”, materialmente expressos na superfície textual” (KOBASHI, 1994, p. 65-66); a segunda, complementar à primeira, refere-se à constatação de que os enunciados tidos como de estado não se caracterizaram como informações principais do texto. A autora finaliza sua discussão, apontando para a necessidade de um refinamento do modelo proposto por Cunha, em oposição

¹² Greimas recupera o conceito de modalidade entendida como um elemento de informação que define o modo de relacionamento entre o sujeito e o predicado em um dado enunciado. Assim, sua proposta postula o predicado como uma função “que pode ser investida de um mínimo semântico, o que permite estabelecer a distinção entre duas funções predicados “fazer” e “ser”, e propor, assim, duas formas possíveis de enunciados elementares: enunciados de fazer e enunciados de ser” (GREIMAS, 1976, p. 58).

à refutação do mesmo. Destaca a tentativa de incorporação da teoria do discurso à análise documentária, ao analisar as representações e as construções ideológicas de um texto e a necessidade de uma maior consistência na identificação e utilização de conceitos lógico-linguístico-discursivos para a construção de modelos de Análise Documentária.

Nesses estudos citados, o que está em realce é a tentativa de discussão e incorporação, tanto no corpo teórico quanto nos procedimentos metodológicos, da Análise do Discurso ao estudo das linguagens de indexação. De maneira geral, argumenta-se que a apropriação de conceitos e métodos oriundos daquele campo de conhecimento é de difícil operacionalização. Nessa trajetória de pesquisa, em que estão em processo de determinação os aspectos conceituais que devem ser ressaltados e os procedimentos metodológicos empregados para o aprimoramento da elaboração de linguagens de indexação, surgem problemas tanto de coerência e uniformização de metodologias quanto de profundidade e sentido de sua aplicação. No entanto, destaca-se a proposta desenvolvida por este estudo que objetiva o desenvolvimento de abordagens e estratégias que permitam preencher as lacunas teóricas identificadas, ressaltando a dimensão linguística e situacional do texto.

2.3. O caminho do meio: indexação discursiva e indexação centrada no domínio

No campo da organização da informação e do conhecimento, torna-se cada vez mais complexo o desenvolvimento de instrumentos de representação da informação e do conhecimento em domínios específicos sem compreender a dinamicidade das práticas discursivas em uma dada situação de uso, sobretudo, porque os conceitos referem-se à descrição do domínio onde os enunciados surgem e onde se realiza a cena enunciativa.

Sob a mesma perspectiva da pesquisa desenvolvida nesta tese, Amar (1997, 2004) sugere analisar as abordagens atuais sobre indexação explorando a oposição estabelecida na linguística entre léxico e discurso. Segundo a autora, do ponto de vista dessa oposição, distinguem-se dois tipos de indexação – a lexical e a

discursiva. A dimensão discursiva da indexação é particularmente ausente nas abordagens clássicas, a dimensão lexical que predomina. Para estabelecer a diferenciação entre esses dois tipos de indexação, Amar (1997, 2004) retoma duas problemáticas bastante discutidas no campo da organização da informação e do conhecimento: a problemática da referência e a problemática da tematização.

De acordo com a autora, *a referência pode ser entendida como “a propriedade de um signo linguístico que permite remeter a um objeto extralinguístico real ou imaginário¹³”* (AMAR, 2004, p. 63). Amar ressalta, entretanto, que, de um ponto de vista linguístico, nem todas as unidades são referenciais e as distingue em: (a) *unidades lexicais* – unidades providas de um sentido, mas que não têm referência, ou, dito de outra forma, unidades que não podem permitir por elas mesmas designar um objeto do mundo e; (b) *unidades de discurso* – unidades referenciais susceptíveis de designar objetos do mundo.

Do ponto de vista dessa oposição, a autora constata que a indexação lexical repousa sobre um paradoxo que consiste em utilizar unidades lexicais, sem referência, para construir referentes. De fato, o funcionamento referencial das unidades é assegurado, na indexação lexical, pelas relações que regem a organização dos termos nas linguagens de indexação¹⁴. Essas relações permitem estabilizar a referência das unidades lexicais utilizadas. Tome-se o exemplo dado pela autora:

Se, por exemplo, a palavra restauração não tem uma referência bem definida no léxico francês, o descritor restauração na relação de especificidade com o descritor arquitetura permite designar um objeto do mundo (AMAR, 2004, p. 63)¹⁵.

¹³ (...) *propriété d'un signe linguistique de renvoyer à un objet extralinguistique, qu'il soit réel ou imaginaire* (AMAR, 2004, p. 63).

¹⁴ Distinguem-se geralmente cinco tipos de relações nas linguagens de indexação: relação de hierarquia, relação de equivalência, relação associativa, relação definidora e relação categorial (AMAR, 1997).

¹⁵ *Si, par exemple, le mot restauration isolé dans le lexique français n'a pas de référence bien définie, le descripteur restauration en relation de spécificité avec le descripteur architecture permet, lui, de désigner un objet du monde* (AMAR, 2004, p. 63).

Amar (2000, 2004) argumenta, então, que a construção referencial realizada pela indexação lexical, por intermédio das linguagens de indexação, é artificial. Nos dizeres da autora:

Contrariamente à construção referencial natural, que vai do sentido à referência, podemos dizer que a indexação lexical propõe uma construção referencial artificial onde a referência é primeira, e onde o acordo de designação¹⁶ suplanta o acordo de significação (AMAR, 2000, p. 72)¹⁷.

No entanto, os dois tipos de indexação, a lexical e a discursiva, não se opõem unicamente sobre a maneira como a referência é construída, mas também sobre a maneira como o processo de tematização se realiza. Recai-se, assim, na problemática da tematização.

Os estudos contemporâneos em linguística, e mais particularmente na Análise do Discurso, realizados, por exemplo, por Marandin (1988), permitem compreender a tematização como um processo que se realiza em duas fases distintas: a de construção do tema, que é de natureza discursiva, e a da formulação do tema, que é de natureza lexical. Na perspectiva de Marandin (1988), o tema de um discurso, ou seja, o fato de que uma palavra represente o conteúdo de um texto – é fruto de uma interpretação. Ou, dito de outra forma, é a interpretação discursiva de uma palavra que constrói a coerência temática de um texto.

Essa compreensão da tematização em duas fases permite, segundo Amar (2000, 2004), distinguir a indexação lexical da discursiva. De acordo com a autora:

- A indexação lexical é aquela que se situa no nível final da formulação lexical do tema. Nesse caso, a indexação interrompe o processo de tematização e fixa o texto

¹⁶ A autora define acordo de designação como: “(...) o fato de que, em uma linguagem documentária, os profissionais estão de acordo em utilizar tal termo para designar tal objeto: esse acordo é selado por uma descrição desse termo em uma relação” (AMAR, 2000, p.72).

(...) le fait que, dans un langage documentaire, les professionnels se mettent d'accord pour utiliser tel terme pour désigner tel objet : cet accord est scellé par l'inscription de ce terme dans une relation (AMAR, 2000, p.72).

¹⁷ Contrairement à la construction référentielle «naturelle», qui va du sens à la référence, on peut dire que l'indexation normative propose une construction référentielle «artificielle» où la référence est première, où l'«accord de désignation» supprime l'accord de signification (AMAR, 2000, p.72).

em uma única temática; a escolha do tema e o nome que lhe é dado são efetuados pelo indexador.

- A indexação discursiva é aquela que se situa no nível inicial de construção do tema. No caso o tema é, no momento da indexação, inacabado do ponto de vista interpretativo; a indexação consiste em manter os diferentes temas possíveis, deixando abertos, ao usuário, todos os percursos interpretativos. É então o usuário e não mais o indexador que tematiza, isto é, que acaba uma leitura e a nomeia (AMAR, 2000).

As linguagens de indexação mantêm, desse modo, um papel de filtro temático sobre um *corpus* documentário. Assim, a tematização realizada com o auxílio de uma linguagem de indexação é, necessariamente, parcial ou seletiva e predefinida, uma vez que os temas autorizados já são conhecidos, não permitindo dar acesso às temáticas múltiplas que um texto comporta. Amar assim distingue a tematização nos dois tipos de indexação:

Tematizar refere-se, no caso da indexação lexical, a reencontrar em um texto unidades já interpretadas, quer dizer, temas predefinidos em uma linguagem documentária. Por oposição, tematizar consistirá, no caso da indexação discursiva, em permitir a construção das unidades de interpretação das quais o texto dispõe sem restringir os temas possíveis (AMAR, 2000, p. 73)¹⁸.

Desta forma, a indexação não é vista mais pela única dimensão lexical; ela também coloca em jogo, como mostrou Amar (1997, 2000, 2004), uma dimensão discursiva. Sob o mesmo enfoque, Mai (2005) sugere uma abordagem que avança no sentido de agregar aspectos contextuais e o discurso ao processo de indexação.

Mai (2005) argumenta que a abordagem centrada no documento para o processo de indexação, embora prevalente, é problemática e restritiva por desconsiderar fatores dependentes do contexto; e propõe uma abordagem alternativa centrada no domínio. Segundo o autor, na abordagem centrada no documento, a indexação é

¹⁸ *Thématiser revient, dans le cas de l'indexation lexicale, à retrouver dans un texte des unités déjà interprétées, c'est-à-dire des thèmes prédéfinis dans un langage documentaire. Par opposition, thématiser consistera, dans le cas de l'indexation discursive, à permettre la construction des unités d'interprétation dont le texte dispose, sans restreindre les thèmes possibles* (AMAR, 2000, p. 73)

realizada com base em dois únicos passos: primeiro, os indexadores analisam o documento para determinar seu assunto e, então, traduzem o assunto em termos para indexação. A ideia básica é que os indexadores estabeleceriam o assunto baseados somente na análise do documento em si, em seus atributos; o objetivo é representar o documento tão fidedignamente quanto possível e garantir que a representação do assunto seja válida ao longo do tempo. O foco está no significado intrínseco do documento e seu assunto, e na tradução desse assunto em necessidades de usuários apropriadas para um dado campo. Desta forma, os princípios que norteariam tal abordagem são: (1) a representação do documento será baseada em características estáveis do documento que não mudariam ao longo do tempo e que a indexação, portanto, manteria seu valor; (2) dada a dificuldade em prever como o documento será utilizado no futuro, é melhor indexar o documento de acordo com a compreensão atual.

Assim, tal abordagem assume que o assunto de um documento possa ser determinado independentemente de quaisquer contextos ou usos particulares. Fica claro, então, que, sob essa perspectiva, seria impossível representar a informação em domínios dinâmicos, como é o caso do domínio político, objeto de estudo desta tese. Como criticado por Mai (2005, p. 604):

(...) o indexador não pode determinar e representar o assunto de um documento sem alguma compreensão do uso futuro do documento. Além disso, o indexador não pode compreender o uso potencial do documento sem uma compreensão do contexto em que o documento é utilizado. **A determinação e a representação do assunto dos documentos estão conectadas ao discurso e atividades em um contexto, e o indexador necessita ter uma compreensão desse discurso e dessas atividades** (grifo nosso)¹⁹.

Em sentido oposto à perspectiva baseada no documento, Mai (2005) sugere uma abordagem para indexação que considera o domínio como conceito central para o processo. Baseada na abordagem analítica do domínio para a ciência da informação, proposta por Hjørland e Albrechtsen (1995) e Hjørland (2002), tal

¹⁹ (...) *the indexer cannot determine and represent the subject matter of a document without some understanding of the future use of the document. Furthermore, the indexer cannot understand potential usage of the document without an understanding of the context in which the document is used. The determination and representation of the subject matter of documents is connected to discourse and activities in a context, and the indexer needs to have an understanding of this discourse and these activities* (Mai, 2005, p. 604).

perspectiva assegura que a análise do assunto do documento seja realizada com base nos discursos do domínio e do usuário. A indexação, sob essa perspectiva, começa com uma análise prévia do domínio, depois analisa as necessidades dos usuários, determina as perspectivas e papéis dos indexadores e, por último, analisa o documento no contexto do domínio e das necessidades dos usuários.

A pressuposição dessa abordagem é de que o assunto e o significado dos documentos possam ser determinados somente no contexto de compreensão do domínio. Dito de outra forma, o domínio e as necessidades dos usuários moldam o significado e o assunto dos documentos através do discurso dos usuários no domínio. Assim, para iniciar o processo de indexação, o indexador, através dos estudos das atividades e discursos no domínio, necessita compreender a natureza desse domínio, incluindo seus objetivos, propósitos e desenvolvimento histórico. Após obter uma compreensão do domínio como um todo, o indexador posicionaria os usuários, analisando seus papéis e estabelecendo suas necessidades e interesses especiais com o domínio, com o objetivo de identificar um assunto específico do documento que possa interessar ou ser útil para os usuários. Tendo realizado essa avaliação, a análise do assunto do documento começará perguntando a qual discurso do domínio o documento faz parte e como os usuários usarão efetivamente o documento. Somente após colocar o documento no contexto, o indexador identificará o assunto e poderá representar e traduzir o assunto em uma linguagem de indexação. Assim, os dois passos utilizados na abordagem orientada ao documento são os últimos dois passos na abordagem proposta por Mai que começa com uma análise do domínio e inclui uma análise das necessidades de informação dos usuários, bem como dos papéis dos indexadores.

Por fim, como vimos evidenciando ao longo deste capítulo, a proposta desenvolvida nesta tese ressalta que a indexação não se deixa mais definir sob o único ângulo da determinação de descritores, ou extração de unidades de discurso. Ao contrário, argumenta-se que é necessária a substituição dessa abordagem estritamente lexical por uma perspectiva essencialmente discursiva, que considere os diferentes espaços enunciativos e a organização do discurso. Na abordagem metodológica aqui proposta, o termo é tomado no domínio de uso e nas diferentes apropriações e

empregos que lhe são dados, possibilitando, assim, diferentes percursos interpretativos.

2.4. Repensando o contexto como um construto social: a interação em domínios dinâmicos

As questões colocadas pela noção de contexto são relativamente bem conhecidas por terem sido objeto de longos debates no campo da ciência da informação, mas que nem sempre resultaram em uma definição consensual e consolidada à qual se pudesse referir cada vez que se tivesse de justificar a escolha de determinado *corpus* para análise. Se sua complexidade torna o contexto um dispositivo poderoso para o conhecimento, a mesma complexidade e o seu dinamismo o tornam difícil de definir e estudar formalmente. Acredita-se que esse seja o indício de que o contexto não exista em si, mas construído por um conjunto de produções languageiras em situação de uso.

Ao se procurar entender o emprego do conceito, partiu-se de uma abordagem que privilegiou estudos e autores de diversos campos de conhecimento, que aproximam suas constatações da definição de contexto adotada nesta tese, que é, por ora, tomada como ponto de partida, mas que será substituída pela definição de *domínio*, no final desta seção. O objetivo não foi esgotar as inúmeras definições, ou indefinições, de contexto; pelo contrário, esse exercício conceitual auxilia compreender melhor o modelo teórico aqui proposto e torna justificável a escolha do *corpus* no nível empírico (como o contexto pode ser percebido e referenciado), particularmente em situações de uso dinâmicas, como na política, onde o contexto modula diferentes interações conversacionais e é modulado por essas, como argumentado neste estudo.

Assim, partindo-se de uma discussão prévia, torna-se claro que a questão do contexto não tem sido bem resolvida e continua sendo tópico de discussão de várias disciplinas, mais notadamente no campo da ciência da informação²⁰. O que se

²⁰ A relevância do contexto para a produção e a identificação do significado tem sido recentemente reconhecida em diferentes campos disciplinares, incluindo a semântica, a pragmática, a filosofia da linguagem, a linguística, a teoria literária, a inteligência artificial, dentre outros. Tomem-se, como exemplos, os diferentes *frameworks*

percebe é que, usualmente, o contexto refere-se a quaisquer fatores, atributos ou categorias que afetam o comportamento de busca de informação do usuário. Buscando ampliar o escopo de abrangência do termo, apresentam-se, a seguir, algumas abordagens úteis que trazem à tona a questão do contexto como um construto social e compreendem a análise conversacional como um esforço formal consistente para contribuir para o entendimento da natureza do contexto.

Dervin (2003) em sua análise sobre as várias abordagens contextuais, já apontava para a polissemia do termo, concluindo que *“não existe termo mais frequentemente utilizado, menos frequentemente definido e, quando definido, definido de formas tão variadas, como o contexto”*²¹ (DERVIN, 2003, p.112). A autora argumenta que existe um *continuum* de posições em que o contexto se encontra: em um extremo o contexto é conceitualizado, usual e implicitamente, como *“um tipo de container em que o fenômeno reside”*²², ou, dito de outra forma, a definição de contexto se desmembra em uma série de atributos contextuais, uma espécie de metaconceito, que engloba, por exemplo, condições socioeconômicas, papéis de trabalho, tarefas, situações-problema, comunidades e organizações com suas estruturas e culturas. Assim, por exemplo, se o pesquisador analisa o comportamento de busca da informação, fatores que descrevem o cenário como as necessidades informacionais, a situação problemática, as fontes de informação utilizadas e o espaço temporal podem se tornar o contexto. A implicação ontológica dessa visão é que os elementos do contexto existem objetiva e externamente ao usuário e, portanto, poderiam ser enumerados por um pesquisador que observa e questiona sobre o comportamento deste usuário.

No outro extremo do *continuum*, os pesquisadores referem-se ao contexto como um tipo de *background* sem o qual qualquer compreensão do comportamento humano torna-se impossível. Nesta visão, o contexto é carregado de significado e cada

adotados por Dervin e Nilan (1986); Ingwersen; Järvelin (2005) e Wilson (1981) e as pesquisas atuais sobre o tema discutidas nas conferências de *“Information Seeking in Context”* e *“Context”*, na área de ciência da informação; e os estudos realizados no campo da linguística aplicada por Bazzanella (2002) e Bosco; Bazzanella (2002).

²¹ (...) is that there is no term that is more often used, less often defined, and when defined defined so variously as context (DERVIN, 2003, p. 112).

²² [context] as a kind of container in which the phenomenon resides (DERVIN, 2003, p. 112).

contexto é, por definição, diferente e único. Sob essa perspectiva, o contexto é analisado do ponto de vista dos sujeitos informacionais. Um dos mais importantes estudos é o modelo apresentado por Wilson (1981) que vê o contexto como uma série de camadas concêntricas, começando com as necessidades psicológicas, afetivas e cognitivas e progredindo através dos vários papéis – trabalho e lazer; e ambientes – sociocultural, político-econômico e físico.

O que se percebe, então, é uma oscilação dessas pressuposições e definições ao longo do *continuum* anteriormente apresentado por Dervin. A autora conclui que tem buscado fornecer uma orientação para lidar com essa alternância – uma posição mediana para trabalhar com a complexidade do contexto. Para nossa discussão é útil manter em mente esses dois lados, assim como para compreender as diversas referências realizadas na literatura.

Objetivando mostrar como as conceituações de contexto têm sido modificadas ao longo do tempo, Dervin (2003) apresenta dez abordagens teóricas sobre o conceito nas ciências sociais. A figura 2.1, a seguir, descreve tal perspectiva longitudinal considerando as relações existentes entre realidade, informação, pessoas, estrutura, contexto e ações. Como pode ser observado no diagrama, a referência ao contexto é inexistente nas primeiras abordagens (ver *frames* de 1 a 4). A *informação*, primeiramente, emerge de uma dada *realidade* sem qualquer mediação (*frame* 1), ou mediada por *pessoas* (*frame* 2), ou mediada por *estruturas* (*frame* 3), ou ainda por *ações* de *pessoas* ou *estruturas* (*frame* 4). No *frame* 5, encontra-se a relação entre *realidade* e *informação* mediada agora por *pessoas* ou *estruturas* em um dado *contexto*. No *frame* 6, *estrutura* e *pessoas* aparecem como mediadoras de *informação* e *realidade*, mas agora interligadas ao *contexto*. No *frame* 7, observa-se uma mudança radical: nem *realidade*, nem *informação* existem fora do *contexto* – esta é a primeira visão contextualizada. *Pessoas*, *realidade* e *estrutura* produzem a *informação*. Já no *frame* 8, verificam-se duas importantes mudanças: a *informação* não é mais vista como uma entidade separada, resultante da mediação de outras entidades, e os elementos *realidade*, *pessoas*, *estrutura* e *informação* tornam-se atributos do *contexto*, em vez de entidades em contexto. As *ações* e *práticas* que haviam aparecido somente no *frame* 4, ressurgem no *frame* 9. Aqui, *estrutura*, *realidade*, *pessoas* e *informação* tornam-se instâncias de *ações* e *práticas* que

caracterizam o *contexto*. Por fim, no *frame* 10, *realidade*, *estrutura*, *pessoas* e *informação* aparecem como manifestações meramente nominais de *práticas* e *ações*, que são atributos do *contexto*.

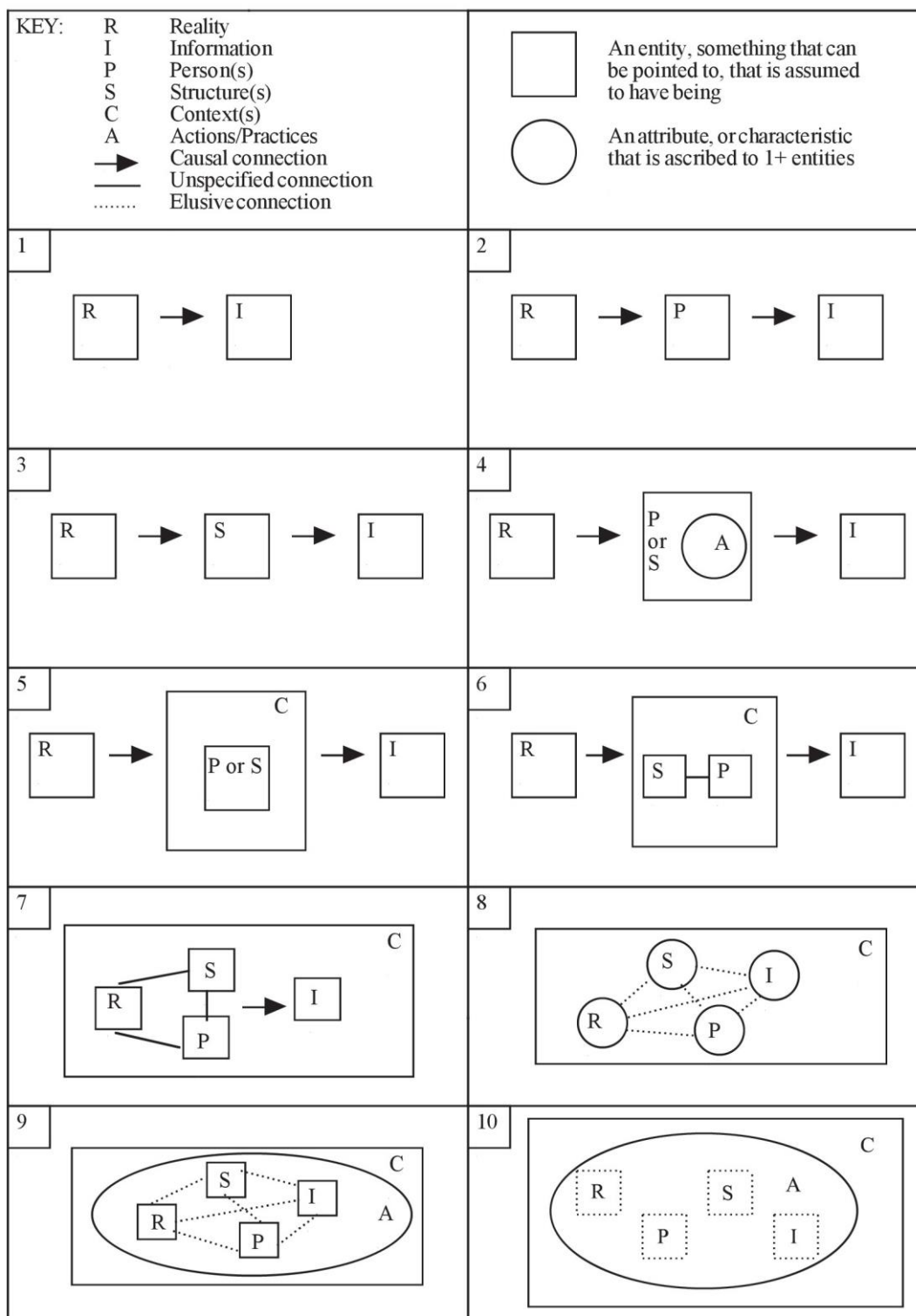


FIGURA 2.1: Abordagens sobre o contexto na literatura das ciências sociais

Fonte: Dervin (2003, p. 127)

O que fica evidenciado por essa análise longitudinal é a passagem de um foco em um contexto visto como transcendental para uma perspectiva mais interacionista, onde são consideradas as ações e as práticas moduladoras do contexto, que emergem de uma realidade vivenciada por pessoas, em inter-relação com estruturas e informação.

De uma perspectiva de pesquisa das necessidades e busca da informação, Talja, Keso e Pietiläinen (1999) oferecem uma clarificação do conceito de contexto. Os autores distinguem entre uma abordagem *objetivada* na qual “o contexto é evocado e descrito”²³, e uma abordagem *interpretativa* em que o contexto “não é compreendido como uma entidade independente, mas dotado de significado”²⁴ (TALJA; KESO; PIETILÄINEN, 1999, p. 752).

Na noção objetivada do contexto, fatores sociais, culturais, pessoais, situacionais e organizacionais são conceitualizados como entidades discretas e separadas, que determinam e motivam o comportamento dos indivíduos de maneiras diversas. Uma vez identificados esses fatores, é possível prever como os indivíduos irão se comportar, qual tipo de informação é necessário, e como eles podem ser melhor auxiliados em situações problemáticas particulares²⁵. A implicação imediata da adoção dessa perspectiva é que existe uma tendência natural em utilizar fatores que são amplamente reconhecidos e aceitos como pertencentes e relevantes para quaisquer contextos, e modelos familiares são repetidos em situações diversas.

Por outro lado, na *perspectiva interpretativa*, o contexto pode ser visto como algo que circunscreve um dado fenômeno e dá significado a esse fenômeno. Neste sentido, o contexto não é uma série de entidades que pode ser identificada e representada, mas sim noções intangíveis que criam significado e compreensão. Sob essa visão: “as entidades estão aguardando para serem identificadas e

²³ context is evoked and described (TALJA; KESO; PIETILÄINEN, 1999, p. 752).

²⁴ context is not understood as independent entity, but as a carrier of meaning (TALJA; KESO; PIETILÄINEN, 1999, p. 752).

²⁵ Para uma análise crítica sobre as pesquisas sobre o comportamento de busca de informação e as abordagens cognitivas que embasam tais estudos, sugere-se a leitura da dissertação de mestrado intitulada *O caminhar faz a trilha: o comportamento de busca da informação sob o enfoque da cognição situada*, de minha autoria (VENÂNCIO, 2007).

*descritas pelo pesquisador; além disso, as entidades são constituídas na atividade social dos pesquisadores da mesma forma que seus objetos de pesquisa*²⁶ (TALJA; KESO; PIETILÄINEN, 1999, p. 754). Assim, o contexto pode ser compreendido como um frame de referência que permite escolher os elementos relevantes para o estudo do comportamento informacional, mediado por significados e valores sociais e culturais.

Sintetizando, se o contexto é meramente um *container* que agrega uma lista de atributos contextuais ou um pano de fundo para as práticas informacionais, então as pesquisas não podem explicar a variabilidade existente entre os atores em situações de uso distintas. Essa visão parece conflitar com a virada cognitiva nos estudos de busca e uso da informação para uma perspectiva centrada no usuário, que privilegia os significados que os atores atribuem ao mundo que emerge de suas práticas informacionais (DERVIN; NILAN, 1986). Em contraposição a essa abordagem objetiva, a concepção interpretativa, por sua vez, examina o contexto do ponto de vista do usuário da informação, ou, dito de outra forma, as atividades informacionais são retratadas em relação às variáveis e às influências contextuais como percebidas e construídas pelo sujeito informacional.

Embora essa dicotomia entre a visão objetiva e a visão centrada no usuário seja bastante referenciada, críticas argumentam que os elementos contextuais devam estar explicitamente associados às práticas de informação particulares de um sujeito social. Nesse quadro, Talja, Tuominen e Savolainen (2005), Tuominen, Talja e Savolainen (2005), Talja, Keso e Pietiläinen (1999) e Tuominen e Savolainen (1997), sob o ponto de vista do *construcionismo social*²⁷, apresentam uma perspectiva mais ampla em que o contexto é constituído social e dialogicamente. Essa abordagem possibilita estudar o uso da informação como uma ação discursiva. Nesta perspectiva, a linguagem não é concebida como uma janela através da qual o

²⁶ *These entities do not exist as such, just waiting to be identified and described by the researcher; rather, contextual entities are constituted in researchers' social activity in the same way as the research object.* (TALJA; KESO; PIETILÄINEN, 1999, p. 754).

²⁷ O termo *construcionismo social* advém do trabalho seminal de Berger e Luckmann (1966) intitulado “*A construção social da realidade*”. Os trabalhos de Bakhtin, Wittgenstein e Foucault têm sido influência teórica direta nessa abordagem. Comum a esses teóricos está a ênfase no papel essencial do uso da linguagem na produção social da realidade.

mundo se mostra como um espelho que reflete diretamente as observações²⁸; pelo contrário, as palavras só ganham significado em situações de uso determinadas socialmente. Assim, a abordagem construcionista realça a natureza dialógica e contextual da produção do conhecimento. O pressuposto básico é que o conhecimento é sempre posicionado. Adotando o construcionismo como metateoria, muda-se o foco de pesquisa da compreensão das necessidades, situações e contextos dos usuários individuais para a produção do conhecimento no discurso. O construcionismo fala de discursos, articulações, vocabulários, visões de mundo conflituosas e pontos de vista competitivos e vê as conversações como condição *sine qua non* para a constituição da realidade social e do conhecimento.

Nesta seção, destacou-se a conceitualização de contexto, explorando, em um primeiro momento, as diversas definições atribuídas ao termo. Prosseguiu-se realçando o aspecto conflituoso do uso do termo sob diversas perspectivas divergentes de definições. A seguir, acentua-se a dimensão social do termo **domínio** e a definição utilizada nesta tese.

A ideia de que a representação e a organização da informação poderiam começar com uma análise do contexto, do discurso e das atividades é central na *análise de domínio* introduzida por Hjørland e Albrechtsen (1995). A abordagem da análise de domínio preceitua que a mais proveitosa atitude para a ciência da informação é estudar os domínios do conhecimento como comunidades de discurso ou pensamento, que são partes da divisão do trabalho em uma sociedade. Trata-se de uma abordagem social-epistemológica, funcionalista e realista, que procura transcender as percepções individualistas e subjetivas dos usuários para fundamentar seus princípios e metodologia.

Um domínio pode ser uma disciplina científica, um campo científico ou uma comunidade discursiva relacionada a um partido político, à religião, ao comércio, dentre outros. Os domínios são normalmente definidos por teorias ontológicas (seus objetos). As dimensões epistemológicas dos domínios dizem respeito aos diferentes modos de conhecimento. As dimensões sociológicas, centrais na análise de

²⁸ Ponto de vista, como discutido na primeira seção, das abordagens cognitivistas, que vêem a realidade como objetiva e externa ao sujeito social.

domínio, referem-se aos diferentes grupos de pessoas estudando os diversos campos de conhecimento. Hjørland (2004, p. 6) assim resumiu o argumento:

(...) todas as três dimensões são importantes na análise de domínio. A análise de domínio explora relações ontológicas, isto é, relações genéricas em tesouros e sistemas de classificação. Também estuda grupos sociais como cientistas, profissionais, estudantes ou crianças. Finalmente, estuda epistemologias, paradigmas, tradições, teorias, o que é importante porque pessoas tendem a se organizar de acordo com suas visões.

Segundo Capurro (2003), uma consequência prática da análise de domínio é o abandono de uma linguagem ideal de representação do conhecimento ou de algoritmos ideais para a recuperação da informação, metas de muitas abordagens físicas ou cognitivistas. Adquire especial importância o estudo das ligações dos discursos, das áreas do conhecimento e dos documentos sob as diversas perspectivas ou pontos de acesso das comunidades de usuários. Procura-se, assim, uma integração da perspectiva individualista e isolacionista das abordagens cognitivistas com o contexto social das comunidades.

A análise de domínio adota um ponto de vista sócio-cognitivo (HJØRLAND, 2004), onde são valorizados os papéis da cultura e sociedade na cognição. Em detrimento das representações simbólicas, as pesquisas em semântica e pragmática são enfatizadas, agora considerando as ações como entidades básicas na análise. Em suma, a ênfase é deslocada para a internalização de signos e símbolos socialmente produzidos e no modo pelo qual os processos cognitivos são mediados por significados construídos cultural, histórica e socialmente.

Considerar que o contexto, o uso e os atores são importantes componentes para a análise e o desenvolvimento de instrumentos para representação da informação e do conhecimento é um argumento trivial. No entanto, o que se percebe na literatura é que o contexto ganha feições de um cenário e a instância de transformação permanece imutável! Desse modo, o desafio está em determinar quais fatores necessitam ser considerados e como delinear uma abordagem que inclua a análise desses componentes.

Essa limitação da noção de contexto, evidenciada no decorrer desta seção, levou-nos a pleitear uma definição própria para o conceito de *domínio*, tendo em vista a configuração dinâmica dos ambientes discursivos e do dizer que se atualiza na encenação do ato de linguagem. Nossa proposição de domínio apoia-se, então, no lugar de ancoragem social, enquanto dispositivo que normatiza as trocas comunicativas e que se define através de um conjunto de condições situacionais de realização, de modo que os sujeitos possam estabelecer construções de sentidos. Assim, domínios são compreendidos aqui *como ambientes discursivos, sociais e interacionais dinâmicos nos quais processos interpretativos são revelados, modificados e solidificados, os quais determinam as encenações languageiras dos sujeitos em interação comunicativa e são moldados pelas práticas discursivas desses sujeitos.*

Por que a escolha pela análise do domínio político? Sob o nosso ponto de vista, o domínio político melhor encarna a concepção de uma relação recíproca entre a linguagem e a ação, ultrapassando a dimensão estrita da estrutura linguística dos enunciados e dos conceitos, em termos de suas propriedades lexicais e de suas relações semânticas, para contemplar também a cena enunciativa em que se produz o acontecimento discursivo.

A abordagem metodológica proposta por esta tese busca contemplar a dinamicidade das práticas discursivas no domínio político para fins de representação da informação. Nossa proposta não é uma prescrição de quais aspectos deveriam ser considerados (uma abordagem normativa), tampouco um detalhamento de quais aspectos são atualmente considerados (uma abordagem descritiva), mas uma análise que realça a dupla dimensão das práticas discursivas: uma *linguístico-enunciativa (interna)* e outra *situacional (externa)* que moldam o domínio em análise, para utilizar os termos de CHARAUDEAU (1996). Nossa abordagem evidencia, assim, tanto a ancoragem social do discurso, quanto a sua natureza comunicacional; tanto as unidades lexicais e as nuances semânticas dos textos produzidos, quanto as atividades languageiras construídas em uma dada situação de uso.

Abordadas as questões da representação da informação e ressaltada a necessidade de se considerar tanto o aspecto linguístico quanto o discursivo das práticas

linguageiras situacionalmente configuradas em domínios dinâmicos, no próximo capítulo é apresentado o aporte teórico-conceitual da argumentação no discurso e do discurso político eleitoral.

3. Do linguístico ao discursivo: perspectivas contemporâneas da argumentação e do discurso político

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser entendida ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano.²⁹

Neste capítulo, pretende-se evocar alguns elementos de reflexão e de análise essenciais para o desenvolvimento de um estudo sobre a construção de estratégias argumentativas no âmbito do discurso político. Inicialmente, discutem-se as três problemáticas da argumentação (lógica, linguística e retórica), que demarcam usualmente o lugar de fala do pesquisador, ou, dito de outra forma, os problemas relacionados à argumentação como atividade de pensamento, como atividade linguística e como atividade do discurso (EMEDIATO, 2013). Para tanto, apresentam-se os trabalhos herdeiros dessas três correntes teóricas (TOULMIN, 1958; DUCROT, 1987, 2004; ANSCOMBRE; DUCROT, 1988; CAREL, 2001; CAREL; DUCROT, 2005; PERELMAN, 1987; PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996; PLANTIN, 2002; AMOSSY, 2006, 2007), situando a análise desenvolvida nesta tese na argumentação no discurso – especificamente na abordagem da Nova Retórica proposta por Perelman (1987) e Perelman; Olbrechts-Tyteca (1996).

Em um segundo momento, discutem-se questões relacionadas ao gênero discursivo político e aos parâmetros que o definem. Subjazem a esse entendimento os conceitos de ancoragem social do discurso e contrato de comunicação, que preconizam que não há ato de linguagem que não se encontre atrelado às determinações impostas pelo domínio de prática social onde ele se realiza (CHARAUDEAU, 2006; EMEDIATO, 2003). Com base nesses pressupostos, busca-se identificar algumas regularidades desse gênero discursivo.

²⁹ CHARAUDEAU, Patrick. Prólogo. In: *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

Para tanto, caracteriza-se o discurso político eleitoral através dos conceitos de encenações do ato de fala: *contrato de comunicação* (limitações do dizer impostas pelo contrato eleitoral); *estratégias do dizer* (*credibilidade, legitimidade e captação*) (CHARAUDEAU, 2006); *dramaturgia política e lances discursivos* (GOMES, 2007).

3.1. Argumentação: atividade do pensamento, da língua ou do discurso?

Quando se discorre sobre o problema da argumentação, é comum situá-lo em relação a três problemáticas: como *atividade do pensamento*; como *atividade da língua*, e como *atividade do discurso*. Como argumentado por Emediato (2013), as três problemáticas são excludentes por adotarem, cada qual, seus próprios conceitos e métodos, além de delimitar um objeto específico: o raciocínio lógico e os silogismos, na abordagem fundada sobre a problemática do pensamento; os segmentos da língua e sua orientação argumentativa, na abordagem fundada sobre uma problemática linguística; e os discursos sociais e suas relações de influência na abordagem retórica.

Compreender a argumentação como uma atividade do pensamento remete à tradição dos estudos da lógica que, na filiação da filosofia platônica, dão ao pensamento uma autonomia em relação à linguagem: o pensamento realizaria operações de raciocínio, independentemente da linguagem, sendo esta última uma simples manifestação (CHARAUDEAU, 1998), considerada, aliás, um obstáculo, dada a sua subjetividade e sua ambiguidade. Sob essa perspectiva, afirma-se a existência de uma lógica formal (primazia dos silogismos e das condições necessárias e suficientes, recuperados e mantidos pela lógica matemática) como referência e garantia de uma boa argumentação.

Uma teoria herdeira dessa problemática é a abordagem proposta por Toulmin (1958). Para o autor, uma argumentação deve ser passível de justificação contra as restrições impostas diante dos dados apresentados e capazes de invalidar ou refutar a conclusão garantida. De acordo com o modelo proposto por ele, ilustrado na figura 3.1, o discurso argumentativo pode ser estruturado nos seguintes componentes:

Dados (D) – fatos ou evidências usados para provar os argumentos; *Conclusão* (C) – afirmações que buscamos estabelecer como válidas; *Garantias* (W) – declarações gerais ou hipotéticas que possibilitam a passagem dos dados à conclusão, atribuindo força ao argumento. Essa força aparece, algumas vezes, expressa por meio de *Qualificadores Modais* (Q); *Fundamento* (B) – afirmações que servem para suportar as garantias; e *Refutação* (R) – contra-argumentos ou afirmações que especificam em que circunstâncias a garantia não é válida para dar suporte à conclusão.

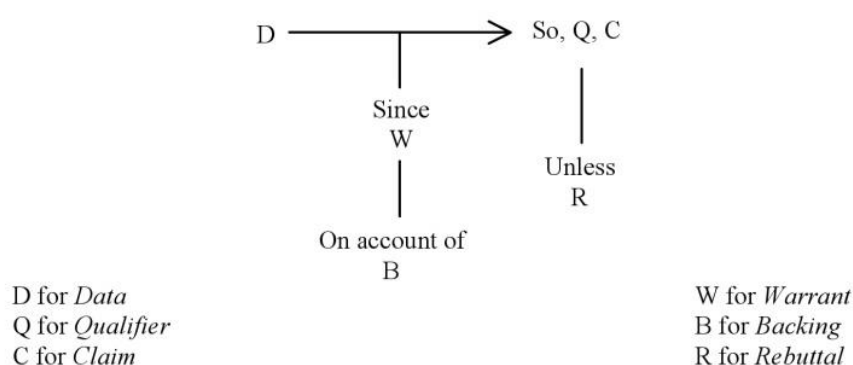


FIGURA 3.1: Modelo de Toulmin
Fonte: Toulmin (1958, p. 104)

Para exemplificar o modelo, tome-se como exemplo o clássico: *Harry nasceu nas Bermudas* (D), *assim, presumivelmente, (Q) ele é um súdito britânico* (C), *dado que quem nasce nas Bermudas são, em geral, súditos britânicos* (W), *em virtude de leis e decretos sobre a nacionalidade britânica* (B), *salvo se seus pais não o fossem ou ele tenha se tornado cidadão americano naturalizado* (R). Assim, o alicerce ou ponto de partida para a argumentação é a ligação entre o qualificador, o fundamento no qual o argumento é interpretado e a necessidade de justificação para que a validade do argumento seja sólida.

Por outro lado, declarar que a argumentação é uma *atividade da língua* sinaliza uma posição radicalmente oposta à anterior. Nesta visão, as operações mentais são estruturadas pela linguagem natural e só podem ser concebidas através de uma

racionalidade não formal (lógica natural³⁰). A argumentação deve, portanto, ser estudada como um fenômeno estritamente linguístico. Mas alguns vão além, tentando demonstrar que é na língua que reside toda a argumentação, ou, dito de outra forma, as palavras (gramatical e lexicalmente) possuem uma força de orientação semântica. Os estudos desenvolvidos por Ducrot e Anscombre (DUCROT, 1987, 2004; ANSCOMBRE; DUCROT, 1988) na *Teoria da Argumentação na Língua* (ADL) e, atualmente, por Ducrot e Carel (CAREL, 2001; DUCROT, 2004; CAREL; DUCROT, 2005) na *Teoria dos Blocos Semânticos* (TBS) situam-se nessa problemática.

Em uma perspectiva pragmática contemporânea, tais autores refutam a argumentação retórica e defendem uma argumentação linguística na qual o próprio semantismo linguístico comporta uma força argumentativa, ou, dito de outra forma, toda frase e, mais radicalmente, toda palavra comporta uma orientação argumentativa. Nessa acepção, a argumentação está relacionada à língua e não ao discurso. Desta forma, os autores se expressam: “*a utilização de um enunciado tem uma finalidade no mínimo tão essencial, quanto informar sobre a realização de suas condições de verdade, e essa finalidade é a de orientar o destinatário na direção de certas conclusões, desviando-o das de outras*” (ANSCOMBRE; DUCROT, 1988, p.113). Interessa, portanto, um estudo dos conectores linguísticos (*donc* (portanto), *alors* (então), *par conséquent* (consequentemente), por exemplo) e dos *topöi*, definidos como elementos que garantem os encadeamentos discursivos.

Essa exclusão da perspectiva retórica radicalizou-se nos trabalhos recentes de Ducrot e Carel (CAREL, 2001; DUCROT, 2004; CAREL; DUCROT, 2005). Os autores sustentam que os encadeamentos argumentativos não são a expressão de nenhum tipo de inferência ou de raciocínio. A hipótese que assume um lugar central na teoria é a interdependência entre os diferentes segmentos de um encadeamento. Trata-se de uma interdependência fundamentada sobre algo intrínseco à própria argumentação, que se refere ao fato de que a significação intrínseca de um segmento contém a indicação de que ele é argumento ou conclusão do outro segmento com o qual se relaciona no encadeamento argumentativo.

³⁰ Para uma discussão sobre a lógica natural, ver Grize (2004).

Assim, em “*Você dirige rápido demais. Você vai sofrer um acidente*”, a consequência do excesso de velocidade já está incluída no advérbio **demais** de “*Você dirige rápido demais*”. O mesmo ocorre em “*Pierre estudou pouco, ele não vai passar na prova*” e “*Pierre estudou um pouco, ele vai passar na prova*”, que relatam o mesmo tempo indefinido dedicado ao estudo, mas que as conclusões são dadas *a priori* no sentido de “**pouco**” e “**um pouco**”. Assim, “*há encadeamentos argumentativos na própria significação das palavras e dos enunciados de que é feito o discurso*”(DUCROT, 2004, p. 28).

Finalmente, a vertente que associa a *argumentação ao discurso* preceitua que a atividade argumentativa é tipicamente retórica, voltada para os mecanismos de funcionamento da linguagem para fins de persuasão. Plantin (2002, 2008) como também Perelman e Olbrechts-Tyteca³¹ (1996), filiados a essa perspectiva, destacam a dimensão persuasiva da argumentação, que reconhece nos sujeitos a capacidade de discutir problemas comuns e influenciar-se mutuamente.

Como afirmado por Plantin (2002), os percursos teóricos da análise do discurso, notadamente a linha francesa, e da análise da argumentação foram inicialmente paralelos em função dos seus pressupostos epistemológicos e do escopo teórico e metodológico que norteavam cada um deles. Para o autor, é a partir da década de 80 que passa a existir maior convergência entre a análise do discurso e a argumentação em função da abertura desta última para uma mesma problemática que se traduz pelo caráter interacional do discurso. Nos dizeres do autor:

O reencontro entre análise do discurso, retórica argumentativa e argumentação só se fará mais tardiamente, quando todas essas teorias terão sido trabalhadas sobre dados menos restritos, menos associados aos domínios filosófico ou político, menos condicionados pelas restrições teóricas *a priori* nas quais elas surgiram³². (PLANTIN, 2002, p. 254)

³¹ A abordagem da Nova Retórica proposta por Perelman (1987) e por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) será discutida detalhadamente em seção posterior, tendo em vista que nossa análise será realizada com base nas contribuições teóricas propostas por esses autores.

³² *La rencontre entre analyse du discours, rhétorique argumentative et argumentation dans la langue ne se fera que plus tardivement, sans doute lorsque toutes ces théories auront été travaillées sur des données moins restreintes, moins associées au domaines philosophique ou politique, moins conditionnées par les restrictions théoriques a priori dans lesquels elles avaient vu le jour* (PLANTIN, 2002, p. 254).

É a consideração de *corpus* de interação que tem desempenhado o papel motor na evolução das práticas e dos conceitos em análise do discurso, assim como na análise da argumentação³³ (PLANTIN, 2002, p. 255)

Nessa acepção, Plantin (2002) propõe uma abordagem interacional para o processo argumentativo que destaca aspectos relativos à complexidade das práticas discursivas. Para o autor, a argumentação é *linguageira, situada, afetiva e problematizante*. Assim Plantin a qualifica: (i) *linguageira* – a argumentação é construída discursivamente, sobretudo através do tipo de materialidade que se traduz pela linguagem, cuja interação com outros sistemas semióticos são especialmente relevantes; (ii) *situada* – a argumentação é constituída em função de uma dada situação de interação em que os sujeitos desempenham certos papéis, possuem determinados objetivos e estão imbuídos de desejos, de valores e de crenças; (iii) *afetiva* – a construção linguístico-cognitiva de um evento argumentativo está necessariamente relacionada a uma construção afetiva desse mesmo evento, considerando que a dimensão subjetiva dos interlocutores é inerente a qualquer processo enunciativo; e (iv) *problematizante* – a argumentação se desenvolve em função de um problema para o qual se orientam posicionamentos argumentativos divergentes, ou seja, argumenta-se em uma situação orientada por uma questão e em presença de um contradiscurso.

Sob o mesmo enfoque, Amossy (2005a, 2006, 2007) apresenta sua teoria da argumentação no discurso como uma tentativa de revisitar a complexa relação entre as teorias argumentativas, a retórica e a análise do discurso. Sua perspectiva *sociodiscursiva* percebe a argumentação como indissociável de um discurso em situação³⁴. Assim, a autora destaca dois aspectos que caracterizam sua abordagem: (1) a inscrição da argumentação em uma materialidade *linguageira* que participa do funcionamento global do discurso, e (2) a necessidade de examinar a argumentação no entrecruzamento do linguístico e do social. Essa percepção remete-nos ao conceito dos níveis linguístico e situacional, proposto por Charaudeau e discutido

³³ *C'est pourtant la prise en compte de corpus d'interactions qui a joué un rôle moteur dans l'évolution des pratiques et des concepts en analyse de discours, aussi bien qu'en analyse de l'argumentation* (PLANTIN, 2002, p. 255).

³⁴ Situação do discurso, nos termos de Amossy (2005a), refere-se a uma situação de comunicação preestabelecida, em um espaço sociocultural e um campo (no sentido de Bourdieu).

anteriormente. Desta forma, para a autora, a argumentação “*depende das possibilidades da língua e das condições sociais e institucionais que determinam parcialmente o sujeito, fora dos quais a orientação ou a dimensão argumentativa do discurso não pode ser apreendida com discernimento*” (AMOSSY, 2007, p.128). Nesse sentido, leva-se em consideração: (i) a situação do discurso e seus componentes sócio-históricos que incluem um *framework* da enunciação (quem fala para quem, onde e quando) e a situação de comunicação, incluindo elementos contextuais como as circunstâncias de troca, o dispositivo de enunciação selecionado, a reputação do orador, dentre outros; (ii) o gênero do discurso que determina *a priori*, ao menos parcialmente, as restrições e *frameworks* estabelecidos e as regras de trocas; (iii) uma dimensão dialógica ou interdiscursiva; e (iv) uma dimensão institucional, ou o posicionamento do sujeito em um campo específico (nos termos de Bourdieu) (AMOSSY, 2009).

A autora propõe, ainda, uma reflexão sobre a ação que o orador exerce sobre o auditório, no sentido de indagar se a força do *ethos*, compreendido como a *imagem de si no discurso*, reside no estatuto social do sujeito, da sua posição institucional (um *ethos prévio ou pré-discursivo*, como prefere designar MAINGUENEAU, 2005), ou se reside na identidade discursiva que ele constrói através da enunciação (um *ethos discursivo*)(AMOSSY, 2005). Desse modo, o *ethos* pré-discursivo se inscreve em uma troca simbólica determinada por mecanismos sociais e por posições institucionais preestabelecidos (a candidata Dilma vista como militante e guerrilheira, por exemplo), enquanto que o *ethos* discursivo constrói-se na interação verbal e é puramente interno ao discurso (a candidata Marina projetando-se como a candidata preocupada com as causas ambientais). Amossy (2001) aponta para uma integração estabelecida entre a construção discursiva, o imaginário social e a autoridade institucional na constituição do discurso e, por conseguinte, do *ethos* do orador e de sua projeção pelo e do auditório.

Considerando as três problemáticas expostas, nesta tese situamos nossa proposta na *argumentação no discurso* por considerar essa vertente a que melhor fornece elementos conceituais e metodológicos para a compreensão do discurso político que, por essência, é argumentativo, em que se busca persuadir e convencer o eleitorado de teses pertinentes ao debate social. Assim, nossa análise será realizada

com base nas contribuições das teorias argumentativas atuais, mais especificamente, da Nova Retórica proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) e Perelman (1987). Outras teorias da análise do discurso serão empregadas na medida em que se fizerem necessárias para a discussão dos conceitos relacionados à argumentação nos discursos sociais.

3.2. Estudos contemporâneos da argumentação: contribuições do Tratado da Argumentação – a Nova Retórica

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), em seu modelo argumentativo retomam os fundamentos da retórica clássica aristotélica e propõem uma Nova Retórica³⁵. Para os autores, a situação argumentativa, assim como na retórica clássica, é originalmente conflituosa, no interior da qual se encontram teses que são apresentadas, visando à solução de um problema. Desse modo, a argumentação é definida como “*o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes apresentam ao assentimento*” (PERELMAN; OLLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 4).

Compreendida como uma pragmática dos valores, a Nova Retórica preceitua que a ação argumentativa tem como ponto de partida os *acordos*, ou seja, um pressuposto para que os interlocutores possam iniciar a relação argumentativa e utilizar as estratégias de que dispõem e que acreditam ser eficazes na persuasão do auditório. É, portanto, em função do auditório, ou da imagem que se faz dele, que o orador desenvolve suas estratégias argumentativas.

O auditório é sempre, como insiste Perelman, uma construção do orador, podendo ser *universal* – presumido pelo orador na tentativa de atingir uma universalidade, ou *particular* – formado por um grupo cujas crenças e valores são partilhados. O

³⁵ A obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca intitulada o “Tratado da argumentação – a nova retórica” surge em um contexto marcado pelo descrédito lançado sobre a retórica e a dialética – entendida como arte do diálogo. Apesar do impacto gerado pela publicação do Tratado da Argumentação em 1958, seus reflexos não foram imediatos e as ideias perelmanianas não receberam a devida atenção na época, sendo referenciadas somente na década de 70. Tal obra, usualmente associada à revalorização da retórica desencadeia o processo de reestruturação e enriquecimento dos estudos sobre a argumentação e apresenta como principais contribuições: a extensão da noção de auditório, as relações entre ato e pessoa na argumentação e os fundamentos do assentimento – fatos, verdades, valores, hierarquias de valores e lugares-comuns.

auditório particular é aquele situado temporal e espacialmente, constituído por um grupo particular e delimitado. O orador, ao se adaptar a tal auditório, apoia-se em teses que, a princípio, podem diferir ou mesmo opor-se a teses admitidas por outros auditórios. Ao dirigir a sua argumentação a um auditório particular, o orador toma crenças particulares e compartilhadas apenas pelos membros daquele grupo, como ponto de partida para sua argumentação. Dessa forma, aquilo que é aceito por um auditório particular tem eficácia apenas no interior dele. De maneira oposta, o *auditório universal* é uma idealização do orador, constituído de um conjunto sempre potencialmente aberto, do qual fazem parte todos os seres racionais. Tal auditório nunca se realiza efetivamente, ele não é real, é apenas presumido pelo orador.

Nesse espaço de troca concebido entre o orador e seu auditório, manifestam-se as estratégias destinadas a orientar, deliberada ou espontaneamente, maneiras de pensar. O orador, então, se empenha em buscar a adesão do auditório por meio de objetos que podem servir de premissas.

Os objetos dos acordos podem ser classificados em duas categorias. A primeira remete ao *real* que comportaria os *fatos*, as *verdades* e *presunções* e que tem pretensão de validade para o auditório universal. Não se trata, pois, de objetos definidos, mas cuja definição é suposta como aceita. A segunda relaciona-se ao *preferível* que contempla os *valores*, as *hierarquias* desses valores e os *lugares-comuns* que têm pretensão de validade para um auditório particular. Nos dizeres dos autores:

Acreditamos que será útil, desse ponto de vista [do papel desempenhado no processo argumentativo], agrupar esses objetos em duas categorias, uma relativa ao *real*, que comportaria os fatos, as verdades e as presunções, a outra relativa ao *preferível* que conteria os valores, as hierarquias e os lugares do preferível. A concepção que as pessoas têm do real pode, em largos limites, variar conforme as opiniões filosóficas professadas. Entretanto, na argumentação, tudo o que se presume versar sobre o real se caracteriza por uma pretensão de validade para o auditório universal. Em contrapartida, o que versa sobre o preferível, o que nos determina as escolhas e não é conforme a uma realidade preexistente, será ligado a um ponto de vista determinado que só podemos identificar com o de um auditório particular, por mais amplo que seja” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 73).

Apesar de não existir uma definição objetiva do que seja um *fato*, dada à impossibilidade de que um determinado dado seja aceito em todos os tempos e lugares de modo absoluto e indubitável, pode-se considerar como fato uma ideia admitida como verdadeira para a maioria das pessoas e que poderia ser comum a todos. Segundo os autores: “*só estamos em presença de um fato, do ponto de vista argumentativo, se pudermos postular a seu respeito um acordo universal, não controverso*” (PERELMAN; OLLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 77). Podemos atribuir as mesmas considerações realizadas sobre os fatos em relação às *verdades*. Ao contrário dos fatos, as *verdades* se referem a sistemas mais complexos, menos precisos e limitados, relativos a ligações entre fatos. Os dois conceitos são complementares, pois o enunciado de um fato equivale a uma verdade e toda verdade enuncia um fato. Além dos fatos e verdades, todos os auditórios admitem as *presunções*. Embora sejam caracterizadas pelo acordo do auditório universal, elas precisam ser reforçadas em um dado momento. Exemplos de *presunções* são: “*a qualidade de um ato manifesta a da pessoa que o praticou; todo enunciado levado ao nosso conhecimento supostamente nos interessa*” (PERELMAN; OLLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 79).

Para Perelman e Ollbrechts-Tyteca, os valores são utilizados para motivar o ouvinte a fazer certas escolhas em detrimento de outras, e, sobretudo, para justificá-las, de forma que se tornem aceitáveis e aprovadas por outra pessoa. Eles podem ser classificados como *concretas* ou *abstratas*. Os *valores concretos* são aqueles que se vinculam a um ser, a um grupo determinado, a um objeto particular, como, por exemplo, o Brasil e os cidadãos. Enquanto que os *valores abstratos*, como a fidelidade, a lealdade, a solidariedade, a justiça, só podem ser concebidos em relação aos valores concretos.

Outro objeto do acordo se refere às *hierarquias*. A hierarquia dos valores é considerada mais importante em uma estrutura argumentativa do que os próprios valores. De forma semelhante à categorização anterior, as hierarquias podem ser *concretas*, como a que expressa a superioridade dos homens sobre os animais, ou *abstratas*, como a superioridade do justo sobre o útil.

Por fim, os autores denominam de *lugares-comuns* as premissas que permitem fundar valores e hierarquias. São seis os lugares da argumentação: (i) *lugar da quantidade*: afirma a superioridade de algo em razão do seu aspecto quantitativo; (ii) *lugar da qualidade*: aparece na argumentação quando se contesta a virtude do número e busca mostrar que é importante preferir algo pelo fato de ele ser único, raro ou insubstituível; (iii) *lugar da ordem*: afirma a superioridade do anterior sobre o posterior; (iv) *lugar do existente*: afirma a superioridade do que existe, do que é atual, do que é real; (v) *lugar da essência*: afirma a superioridade do que encarna melhor um padrão, uma essência, uma função; e (vi) *lugar da pessoa*: declara a superioridade vinculada a valores da pessoa, sua dignidade, seu mérito ou sua autonomia.

A retomada oportuna e crítica da retórica, possibilitada pelos estudos de Perelman e Tyteca, confere um lugar de destaque à presentificação do orador, ao papel central do auditório e ao contexto performático em que a argumentação se realiza, baseada nos acordos estabelecidos na interação entre os interlocutores e aos valores e aos lugares-comuns que fundamentam a argumentação. No entanto, a teoria proposta por tais autores baseia-se nos estudos dos esquemas argumentativos e dos tipos de argumentos de que o discurso faz uso para justificar um ponto de vista capaz de persuadir um interlocutor, relegando a segundo plano os aspectos linguageiros da troca comunicativa. Em função disso, optamos por associar a teoria da Nova Retórica a alguns conceitos da teoria Semiolinguística proposta por Charaudeau (1983, 2003), que serão discutidos na seção posterior.

3.3. A política encena e em cena: Análise do Discurso e Discurso Político

A Análise do Discurso é, no interior das ciências da linguagem, uma disciplina com seus próprios quadros teóricos e metodológicos que objetiva analisar “a *linguagem em ação, os efeitos produzidos por meio de seu uso, o sentido social construído e que testemunha a maneira pela qual os grupos sociais instauram seus intercâmbios no interior de sua própria comunidade e com outras comunidades estranhas*” (CHARAUDEAU, 1996, p. 3). Dentre as diversas correntes teóricas da Análise do

Discurso, destacam-se algumas abordagens: aquelas que inscrevem o discurso no quadro da *interação social*; as que privilegiam o estudo das *situações de comunicação* e, por consequência, a análise dos *gêneros discursivos*; as que tratam do funcionamento discursivo em relação aos *posicionamentos ideológicos*; e as que destacam a *organização textual* e as *marcas enunciativas* do discurso (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008).

Adotamos a perspectiva desenvolvida pela corrente francesa à guisa dos estudos de Patrick Charaudeau que propõe, em sua *Teoria Semiolinguística* (CHARAUDEAU, 1983, 2003), uma abordagem do discurso centrada na descoberta dos jogos de significação dos atos de linguagem por sujeitos distintos, moldados pelas encenações possíveis de serem realizadas em um *contrato de comunicação*^{36 37}. Segundo o autor, essas encenações emergem das condições de produção e de interpretação em que os sujeitos desse contrato fazem uso dos modos de organização discursiva: *enunciativo*, *descritivo*, *narrativo* e *argumentativo*. O *modo enunciativo* permite organizar a *mise-en-scène* dos protagonistas da enunciação, sua identidade e suas relações, com o auxílio dos procedimentos de modalização e imagem. Por sua vez, o *modo descritivo* possibilita nomear a existência de um ser (qualquer que seja sua classe semântica), situá-lo em uma posição espaço-temporal, e qualificá-lo de modo particular, construindo classes e subclasses de seres. O *modo narrativo* propicia a organização das ações e dos eventos nos quais esses seres estão implicados. Por último, o *modo argumentativo* visa a provocar o interlocutor, fazendo-o refletir sobre uma dada proposição, com o auxílio de vários procedimentos que incidem sobre o encadeamento e o valor dos argumentos (CHARAUDEAU, 2008).

A análise de um gênero discursivo pressupõe, antes de tudo, a compreensão do conceito do gênero em questão e dos parâmetros que o definem. Emediato (2003, p. 64) compreende o gênero discursivo como um tipo situacional, “*como um produto de*

³⁶ A noção de contrato pressupõe um acordo sobre as representações linguageiras entre indivíduos pertencentes a um mesmo conjunto de práticas sociais e será desenvolvida, com maior profundidade, a seguir.

³⁷ Em certa medida, há uma aproximação conceitual entre as noções de *contrato de comunicação*, proposto por Charaudeau, e *acordos*, desenvolvido por Perelman. Tal aproximação refere-se à necessidade de um reconhecimento mútuo dos parâmetros da comunicação estabelecida entre os interlocutores que confere legitimidade à troca comunicativa.

uma interação complexa entre as condições de produção dos textos e das variantes textuais e as competências que estariam na base da produção dos discursos sociais". Subjaz a esse entendimento o conceito de ancoragem social do discurso, que preconiza que não há produção de texto que não se encontre atrelada às determinações impostas pelo domínio de prática social onde ela se realiza, seja esse religioso, político, jurídico, científico, educativo ou midiático (CHARAUDEAU, 2006; EMEDIATO, 2003). O domínio de prática social surge, então, como "*um determinante maior da natureza comunicacional do discurso*" (EMEDIATO, 2003, p. 65).

Todo ato de linguagem se realiza, dessa forma, em uma *situação de comunicação*, que determina o espaço da troca languageira e suas condições de produção, trazendo limitações no seu processo de encenação. O conceito de situação de comunicação remete, necessariamente, ao conceito de *contrato de comunicação*. Todo domínio de comunicação propõe a seus parceiros um conjunto de condições nas quais se realiza qualquer ato de linguagem e que normatizam as trocas comunicativas, de modo que os parceiros possam se entender sobre o que constitui a expectativa da troca – uma espécie de contrato de reconhecimento. Tal contrato permite, assim, aos parceiros de uma troca languageira reconhecerem um ao outro com traços identitários que os definem como sujeitos desse ato – *identidade*; reconhecerem o objetivo do ato de fala – *finalidade*; entenderem sobre o que constitui o objeto temático da troca – *propósito*, e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato – *circunstâncias*.

No nosso caso, o domínio político, mais especificamente o domínio político eleitoral, determina os rituais languageiros que podem ser construídos no espaço da política. São exemplos desses rituais a configuração discursiva dos debates instituídos nesse domínio, os papéis ou *scripts* que podem ser desempenhados pelos sujeitos envolvidos de acordo com as expectativas dos seus interlocutores, as apresentações nas reuniões com os comitês de campanha e convenções do partido, a estrutura das declarações na mídia e em comícios, em uma entrevista ou em uma propaganda de campanha e a maneira de abordar temas que constituem as maiores preocupações do eleitorado.

Charaudeau (1997) alerta, contudo, para o fato de que as restrições discursivas, delineadas pelo contrato comunicacional, não correspondem a uma obrigação de emprego de uma ou de outra forma lexical, mas a um conjunto de comportamentos discursivos possíveis, dentre os quais o sujeito comunicante escolhe aqueles susceptíveis de satisfazer às condições do seu projeto de fala.

Desse modo, o sujeito tem uma certa margem de manobra que lhe permite usar algumas estratégias discursivas. Dizemos, então, que a estruturação de um ato de linguagem engloba dois espaços, a saber: (i) um *espaço de restrições*, que compreende as condições mínimas às quais é necessário atender para que o ato de linguagem seja válido, e (ii) um *espaço de estratégias*, que corresponde às escolhas possíveis à disposição dos sujeitos na *mise-en-scène* desse ato.

As estratégias discursivas podem ser agrupadas em três espaços: as *estratégias de legitimação*, *de credibilidade* e *de captação*. As estratégias de *legitimação* advêm da necessidade de criar ou de reforçar a posição de autoridade do sujeito enunciador que pode caracterizar uma autoridade institucional e/ou autoridade pessoal. As estratégias de *credibilidade* levam o sujeito falante não mais a assegurar sua legitimidade, embora muitas vezes estejam ligadas, mas a validar a veracidade e a competência do sujeito enunciador pelo viés da neutralidade e do engajamento. Por fim, as estratégias de *captação* levam o sujeito falante a fazer com que o interlocutor dê sua adesão absoluta (não racional) ao que ele diz, pela via da dramatização, que pode se traduzir pela polemização, pela sensibilização e/ou sedução.

Em síntese, todo ato de linguagem só faz sentido em uma dada situação de comunicação na qual é produzido. Assim, a argumentação é considerada uma prática social na qual o sujeito que argumenta se encontra, de um lado, determinado pelos dados da situação que o sobredeterminam e, por outro lado, relativamente livre para jogar com essas determinações, dispondo de uma margem de manobra que lhe permite realizar o seu projeto de fala através do engendramento de estratégias discursivas.

3.3.1. *THEATRUM POLITICUM*: encenações languageiras, jogos argumentativos e dramaturgia política

Como vimos, a conceituação do gênero discursivo é extremamente ampla e complexa. Nesse sentido, considera-se oportuno verticalizar um pouco mais a discussão sobre alguns fundamentos teóricos do discurso político, cuja ênfase incidirá, inicialmente, sobre a inter-relação entre *linguagem*, *ação* e *poder*, para, em seguida, tecermos algumas considerações sobre alguns aspectos da configuração política contemporânea, mais especificamente sobre o cenário das eleições presidenciais de 2010.

Nosso ponto de partida para conceitualizar o discurso político é pela perspectiva da análise do discurso político. Como apontado por Charaudeau (2006), sob esse enfoque, não se detém sobre os fundamentos do pensamento político e as categorias que o compõem – objeto de análise da Filosofia Política, nem sobre os mecanismos que instauram determinados comportamentos dos atores em função de sua identidade ou engajamento políticos – preocupação da Ciência Política, tampouco sobre os processos que conduzem a reações ou escolhas diante de certos eventos políticos – como realizado pela Sociologia, ou, ainda, sobre as explicações relativas aos acontecimentos políticos passados – indagações essas provenientes da História.

Tomamos o discurso político como aquele que possibilita tanto a emergência de uma racionalidade política quanto a regulação dos fatos políticos, ou, dito de outra forma, interessa-nos a compreensão do universo semântico e os posicionamentos dos locutores implicados no campo da política, uma análise enunciativa que realça os comportamentos locucionais dos atores políticos, para além dos posicionamentos ideológicos, e uma análise que tenta evidenciar as marcas argumentativas desses posicionamentos na discursividade presente em seus pronunciamentos.

Nesse contexto, destaca-se a abordagem desenvolvida por Charaudeau (2006), em que o autor afirma que o discurso político estabelece relações entre *linguagem*, *ação* e *poder*, ou seja, o discurso político pode ser definido como uma forma de

articulação entre o uso da linguagem e a realização de ações políticas engendradas em função dos jogos de poder na sociedade.

Ao discorrer sobre o poder político, Charaudeau (2006) recorre a três autores cujas concepções são consideradas mais relevantes: (i) a de Max Weber, que argumenta que o poder político se baseia na dominação e na violência tomada como legítima por parte do Estado, ou seja, o Estado, por ter poder de dominação, impõe sua autoridade através de uma violência coercitiva, obrigando o cidadão a assumir-se dominado e, portanto a submeter-se; (ii) a de Hanna Arendt, para quem, ao contrário de Weber, o poder político se fundamenta no consentimento coletivo resultante do desejo de “*viver em conjunto*”. Nessa perspectiva, o poder político não se justifica pelo temor de dominação do outro, tampouco é exercido pela violência, pois ele é um poder que resulta da vontade comum – um poder recebido e concebido pelos cidadãos; e (iii) a de Jürgen Habermas, que adota uma posição mediana em relação aos anteriores, ao declarar que o poder político surge na relação dialética estabelecida entre um “*poder comunicativo*” – instaurado fora de toda dominação, uma vez que quem o inicia e o faz circular no espaço público é o povo; e um “*poder administrativo*” – que implica necessariamente relações de dominação, pois se trata de regular a ação social por meio de leis e sanções.

Inscrevendo-se na concepção de Habermas, Charaudeau (2006) propõe uma abordagem da linguagem política que resulta dialeticamente de dois componentes da atividade social: a do *dizer político* – lugar de uma disputa discursiva onde são instaurados os debates de ideias e de opiniões, no qual a linguagem domina; e a do *fazer político* – lugar da instância situacional e das tomadas de decisões, onde se exerce o poder de agir de uma instância política, dita soberana, e de uma instância cidadã, no qual a ação, naturalmente, domina.

Nesse entrecruzamento entre *linguagem*, *ação* e *poder*, a noção de *ato de linguagem* nos parece um conceito central para a nossa reflexão. Admite-se que as práticas de linguagem são constitutivas da forma como os sujeitos estruturam suas relações em diferentes domínios da atividade social, de forma que o discurso é, simultaneamente, o lugar de construção de uma rede de relações políticas e um dos instrumentos fundamentais da prática política. Desse modo, todo ato de linguagem

tem uma dupla dimensão: uma interna (linguístico-enunciativa) e outra externa (*situacional*), que se articulam em uma relação indissociável.

A dimensão interna refere-se à organização estratégica da atividade linguístico-enunciativa, em termos de suas propriedades lexicais e de suas relações semânticas, em que se determina a encenação da qual participam os sujeitos, constantemente regulada no próprio processo discursivo, a partir das restrições da dimensão externa. Já a dimensão externa configura, assim, como a instância situacional em que se produz o acontecimento discursivo, coordenado por uma relação contratual que os sujeitos estabelecem entre si, como reconhecimento das regras e convenções que organizam o direito às suas enunciações em um dado domínio social, a exemplo do domínio político.

Atendo-se à dimensão interna, do *dizer político*, destacam-se os conceitos de encenação e dramaturgia política, bem como o de lances discursivos. Respalado por Goffman (2009), que afirma que o que ocorre nas interações sociais é algo semelhante ao que acontece na representação teatral, porque cada indivíduo atua para os outros para dirigir e regular a impressão que formam a seu respeito, Gomes (2007) argumenta que o universo político contemporâneo se assemelha à dramaturgia. Ou seja, encena e se apresenta mediante uma multiplicidade de personagens, de cenários, de enredos, de situações dramáticas e de textos, onde papéis são incorporados, falas são recitadas, conflitos são simulados, tramas são construídas e efeitos emocionais são incitados. Nos dizeres do autor:

A construção de personagens conforme perspectivas de ganhos eleitorais controladas por sondagens de opinião, o controle sobre os textos e sobre os modos da sua recitação, a programação e a administração das emoções do público, a adaptação do que se diz e do modo como o personagem político se apresenta em conformidade com os auditórios, a economia narrativa que busca construir e distribuir os conflitos, a luta pela ocupação dos lugares narrativos do “herói”, do “condutor”, do “competente”, a constituição planejada de figurinos e maquiagem... tudo isso constitui o último ato (o mais recente, não o derradeiro) da dramaturgia política brasileira (GOMES, 2007, p. 292-293)

Tal constatação vai ao encontro ao descrito por Charaudeau, na epígrafe deste capítulo, que afirma que “*O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que diz e não diz*” (CHARAUDEAU, 2006, prólogo). No domínio da prática social política, várias máscaras são possíveis dependentes da situação de troca e do jogo estabelecido entre o sujeito que enuncia e o que interpreta. Contradizendo a visão de que a máscara é necessariamente o que esconde a realidade, um símbolo de dissimulação ou algo que remete a uma feição enganosa, o autor argumenta que a máscara é o que constitui nossa identidade em relação ao outro – nossa imagem diante do outro.

De fato, todo ato de linguagem é o resultado do encontro entre um sujeito que enuncia e outro que interpreta, cada qual agindo de acordo com a imagem coconstruída que se tem do outro resultante dessa interação. Segundo Charaudeau (2006), talvez essa seja a única maneira de se viver em sociedade: colocando e despindo as máscaras de acordo com a situação de troca estabelecida. É nessa interação constituída pela encenação do *eu* e pela presença, avaliação e também atuação do *outro*, que se constroem as identidades que refletem as escolhas, os interesses, as preferências e a participação em diversos domínios sociais, notadamente o político. Assim, o discurso político se constitui nesta “*mise-en-scène*” e deve ser tomado pelo que ele diz e o que não diz, em outras palavras, “*no que é dito, há sempre o que é dito e o que não o é*” (CHARAUDEAU, 2006, prólogo).

A noção de jogo nos remete a outro conceito, o de *lances discursivos*. A ideia, aqui defendida, é a de que a encenação discursiva no domínio político eleitoral, se desenvolve por meio de vários *lances discursivos* (GOMES, 2007), ao invés de uma extensa troca argumentativa, configurada e apresentada de uma só vez – o que denominamos aqui de jogos argumentativos. Assim, os *lances discursivos* proferidos pelos atores políticos participam da tessitura de uma rede argumentativa mais ampla e cada ator político dimensiona as alternativas e possibilidades de ação que conhece do jogo, ou da encenação, considerando aspectos como as regras e estratégias que orientam e delimitam o agir discursivo, a situação específica e o posicionamento do adversário no tempo e no espaço em que se desenvolve cada lance do jogo.

O discurso eleitoral funciona, portanto, como um caso exemplar desse jogo persuasivo no domínio político. Os candidatos dirigem-se ao eleitor para conquistar o seu voto, se possível, a adesão para tornar-se um coenunciador de suas propostas ou ativista da campanha. Para tanto, colocam em movimento um conjunto variado de estratégias discursivas em busca dos objetivos almejados pelos seus respectivos projetos de conquista ou de manutenção do poder. Por outro lado, é necessário que o eleitor, enquanto alguém que almeja a solução de problemas nas diversas esferas sociais, reconheça a mesma finalidade do discurso e participe do jogo enunciativo como cidadão – o que remete ao contrato de comunicação de Charaudeau, ou os acordos de Perelman, exercendo o seu poder de escolha por determinado candidato, em detrimento de outro.

Em síntese, o que fica evidenciado neste nosso percurso teórico e que vimos argumentando até o momento é que o dizer político, especialmente o discurso eleitoral, se constitui em uma “*mise-en-scène*”, em um jogo de máscaras e de teatralização – um processo de apresentação e representação onde são coordenados recursos discursivos e estratégias argumentativas limitados por um contrato de comunicação ou estabelecidos por acordo entre o orador ou enunciador (candidato) e seu auditório ou alocutário (eleitorado), de acordo com o domínio em questão, com vistas à persuasão eleitoral enquanto parte da ação e consolidação do poder.

3.3.2. A cena enunciativa: as eleições presidenciais de 2010

Ao se procurar caracterizar o discurso político, logo se percebe que o *fazer político* é sempre situado e apropriado pragmaticamente em processos interacionais. Desta forma, tentando ajustar um pouco mais o foco sobre a especificidade do domínio em análise, cabe uma descrição da cena enunciativa das eleições presidenciais brasileiras de 2010, bem como dos atores que a compõem.

O cenário das eleições presidenciais de 2010 foi bastante distinto do encontrado nos pleitos anteriores. Pela primeira vez, após a redemocratização do país, Luiz Inácio Lula da Silva não seria lançado como candidato à Presidência da República pelo

Partido dos Trabalhadores (PT), pois a Constituição Brasileira não permite o exercício de mais de dois mandatos consecutivos como Chefe do Executivo³⁸.

Nove candidatos disputaram o cargo presidencial em 2010: Dilma Rousseff (PT), Ivan Martins Pinheiro (PCB), José Maria Eymael (PSDC), José Serra (PSDB), Levy Fidelix (PRTB), Marina Silva (PV), Plínio de Arruda Sampaio (PSOL), Rui Costa Pimenta (PCO) e Zé Maria (PSTU). Como já ressaltado anteriormente, nossa análise concentra-se nos discursos dos três principais candidatos, Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva, considerando que esses candidatos constituíam as maiores correntes políticas no âmbito nacional.

José Serra, do partido de oposição PSDB, é economista e professor universitário. Lançou-se oficialmente candidato à Presidência da República no dia 10 de abril de 2010 pela coligação *O Brasil Pode Mais*³⁹ e teve como vice o deputado Índio da Costa (DEM). Destacou-se na política nacional a partir de suas ações como Ministro da Saúde no governo de Fernando Henrique Cardoso. Ex-prefeito e governador do estado de São Paulo, concorreu à presidência da República nas eleições de 2002, quando foi derrotado pelo presidente Lula com uma diferença significativa de votos. Em 2010, disputou o segundo turno com Dilma Rousseff, mas foi derrotado pela candidata.

Dilma Rousseff, representante do governo, é economista e foi Ministra da Casa Civil na gestão do governo Lula. Candidata pela coligação *“Para o Brasil Seguir Mudando*⁴⁰”, teve como vice o deputado Michel Temer (PMDB), e lançou oficialmente sua candidatura no dia 20 de fevereiro de 2010. Foi candidata pela primeira vez à Presidência da República e indicada por Lula que antecipou o processo de discussão partidária usual nesse estágio. Foi responsável pela criação

³⁸ Ex-operário e ex-sindicalista, Luiz Inácio Lula da Silva cumpriu, como Presidente da República, dois mandatos. Em 2002, foi eleito, no segundo turno, com 61,3% dos votos, tendo como principal concorrente o ex-Ministro da Saúde José Serra, do PSDB. Nesse primeiro mandato, entre 2002 e 2006, desenvolveu um governo com apoio popular, apesar de escândalos e denúncias de corrupção envolvendo membros do governo. Ao concorrer para o segundo mandato, teve como principal adversário outro representante do PSDB, o ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Lula foi eleito novamente com quase 61% dos votos.

³⁹ Coligação formada pelos partidos: PTB / PPS / DEM / PMN / PSDB / PT do B.

⁴⁰ Coligação formada pelos partidos: PRB / PDT / PT / PMDB / PTN / PSC / PR / PTC / PSB / PC do B.

de programas estratégicos como o *Plano de Aceleração do Crescimento* (PAC) e o programa *Minha Casa, Minha Vida*. Eleita no segundo turno com 46,91% dos votos válidos⁴¹, alcançou dois fatos inéditos na história política brasileira: ser a primeira mulher presidente do Brasil e exercer o terceiro comando nacional sucessivo de um mesmo partido.

Marina Silva, candidata do Partido Verde (PV), sem coligação, é historiadora e pedagoga. Confirmou oficialmente sua candidatura à Presidência da República no dia 16 de maio de 2010, e teve como vice o empresário Guilherme Leal (PV). Senadora e Ex-Ministra do Meio Ambiente no governo Lula, deixou o cargo por divergências internas com o governo. Desfilou-se do PT, partido no qual atuou por 24 anos, e agregou-se ao PV. É reconhecida como uma líder socioambiental e por ter uma trajetória política marcada pela defesa de temas sociais. Embora não tenha alcançado o número suficiente de votos para continuar na disputa⁴², a votação na candidatura foi a responsável pela promoção do segundo turno entre Dilma Rousseff e José Serra.

Embora não seja o objetivo desta tese o estudo do comportamento eleitoral na tentativa de discernir os principais fatores que atuam na decisão do voto, tampouco uma análise da política contemporânea, algumas características da configuração sociopolítica atual podem ser evidenciadas para melhor compreensão do cenário político brasileiro nas eleições de 2010. Nesse quadro, algumas características se esvanecem, enquanto outras tornam-se mais emergentes.

Como evidenciado por Manin (1995), a representação política na maior parte das democracias ocidentais está passando por um processo de desvinculação partidária – os eleitores encontram-se cada vez menos alinhados às ideologias dos partidos políticos, ou, em outros termos, os eleitores votam em diferentes partidos em

⁴¹ No segundo turno, José Serra obteve 33.132.283 (32,61%) votos válidos e Dilma Rousseff 47.651.434 (46,91%) votos válidos. Dados do TSE. Disponível em <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/pesquisas-eleitorais-eleicoes-2010>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

⁴² No primeiro turno, Marina Silva obteve 19.636.359 (19,33%) votos válidos, José Serra, 33.132.283 (32,61%) votos válidos e Dilma Rousseff 47.651.434 (46,91%) votos válidos. Dados do TSE. Disponível em <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/pesquisas-eleitorais-eleicoes-2010>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

eleições presidenciais, legislativas e municipais, sugerindo que as decisões de voto levam em consideração a percepção do jogo político em uma eleição específica (TELLES; RUIZ, 2011). Da mesma forma, as questões levantadas durante as campanhas políticas em uma dada eleição e a avaliação retrospectiva do desempenho dos candidatos têm afetado cada vez mais a conduta eleitoral, e não mais as variáveis socioeconômicas e culturais dos eleitores como usualmente ocorria (CARREIRÃO, 2002; MARTINS JUNIOR, 2009). Outra característica é o enfraquecimento da promessa enquanto estratégia eleitoral apontada anteriormente como atributo fundamental da política liberal, por autores como Arendt (1993). A promessa como prática discursiva na política contemporânea tem se desgastado, adquirindo um tom depreciativo dado o desencanto do eleitorado pelo não cumprimento das promessas feitas pelos candidatos (MARI, 1997).

Alguns fatores delinearam as eleições de 2010. Embora Lula não tenha participado do pleito, como discutido anteriormente, sua alta popularidade e, por consequência, o desejado cenário de continuidade das políticas governamentais vigentes pelo eleitorado foram determinantes nas eleições. De acordo com a pesquisa do IBOPE⁴³, realizada em abril de 2010, os eleitores manifestavam-se satisfeitos com as políticas governamentais (73%) e aprovavam o modo como o presidente Lula administrava o país (83%). Além disso, os eleitores desejavam um presidente que desse continuidade ao governo atual ou fizesse poucas mudanças (65%). Esse cenário impedia enquadramentos⁴⁴ retóricos baseados em fortes críticas ao governo, o que conduzia os candidatos a reproduzir estratégias que os desvinculassem de suas formações partidárias, diluíssem o discurso oposicionista e ressaltassem seus atributos funcionais e pessoais, mostrando-se como os mais capacitados para manter as conquistas econômicas e gerenciar os programas sociais propostos por Lula.

⁴³ IBOPE, Pesquisa de Opinião Pública sobre Assuntos Políticos/Administrativos, JOB631, abril de 2010. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/ptbr/conhecimento/historicopesquisaeleitoral/Documents/18_04_Tabelas.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2013.

⁴⁴ Enquadramento é aqui entendido como uma organização de conteúdos que têm por objetivo influenciar as representações do auditório, no nosso caso o eleitorado, sobre um objeto de discurso ou situação. Assemelha-se, assim, ao conceito de esquematização proposto por Jean-Blaise Grize (2004) em sua lógica natural.

Na eleição em questão, além de considerar o quadro de continuísmo e a alta popularidade de Lula, outro fator foi decisivo: a participação de Marina Silva. Marina foi capaz de romper com certa lógica de disputa entre o PT e o PSDB. Embora pertencesse a um partido com pequena penetração no eleitorado, baixa participação no legislativo federal, poucos recursos para campanha e, por conseguinte, menor tempo no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral na TV (apenas 1min e 23seg), a candidata conquistou um número considerável de eleitores. Marina conseguiu mobilizar o eleitorado atento aos conteúdos das redes sociais através da sua campanha intensa na *Web*⁴⁵, os insatisfeitos com a situação política do país devido aos inúmeros casos de corrupção envolvendo os partidos de seus dois principais oponentes e uma parcela de grupos religiosos, notadamente os evangélicos, religião da candidata.

Do ponto de vista da campanha eleitoral, três episódios de corrupção e a discussão sobre o aborto tornaram-se temas de campanha. O primeiro refere-se à quebra do sigilo fiscal de Verônica Serra, supostamente encomendado pela campanha de Dilma. O segundo, ao escândalo de tráfico de influência dos familiares da chefe da Casa Civil, Erenice Guerra, braço direito de Dilma quando Ministra e sua sucessora no cargo. E o terceiro, ao caso envolvendo Paulo Preto acusado por realizar um suposto “*caixa 2*” com dinheiro arrecadado de forma ilegal para a campanha eleitoral do PSDB.

Já o debate sobre o aborto emergiu no final do primeiro turno e ganhou ressonância, principalmente, na primeira semana de disputa do segundo turno. A discussão sobre o aborto não se restringiu à questão de saúde pública, mas voltou-se para as posições e as disputas entre candidatos, o embate entre partidos e dirigentes políticos, grupos religiosos e a exploração eleitoreira do tema.

⁴⁵ Similar à campanha realizada pelo norte-americano Barack Obama, nas eleições de 2008, a campanha de Marina Silva, na *Web*, contou com diversas formas de atuação integradas: o *site* oficial, o *blog*, o *Twitter*, a comunidade no *Orkut*, a *fanpage* no *Facebook*, os vídeos no *YouTube*, as fotos no *Flickr*, o *social game* denominado *Um Mundo* – voltado para as crianças, que expunha de forma lúdica as propostas sociais da plataforma de governo da candidata; a utilização do SEO (*Search Engine Optimization*) visando a otimizar o *ranking* de ocorrências dos resultados sobre Marina Silva em um motor de busca; o trabalho denominado de SRM (*Social Relationship Management* uma referência ao CRM – *Customer Relationship Management*), a arrecadação via *Web* e a criação de um repositório de dados que possibilitasse o monitoramento de toda informação veiculada sobre a candidata na *Web*.

Muito embora esses temas tenham agenciado os debates na campanha eleitoral, eles não foram capazes de produzir variações significativas nas intenções de voto, ainda que tenham estagnado o potencial de crescimento da candidata Dilma e impedido sua vitória no primeiro turno. Telles e Ruiz (2011) argumentam que esses temas afetaram uma parcela reduzida de eleitores, ficando restritos a alguns grupos religiosos e ao eleitorado com predisposição negativa em relação à situação política do país.

Tendo em vista a discussão realizada sobre a argumentação no discurso nas dimensões do dizer e do fazer políticos, no próximo capítulo são apresentados os percursos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa e que delineiam a abordagem metodológica proposta para a representação da informação em domínios dinâmicos.

4. Traçando caminhos: percursos metodológicos para coleta e análise dos dados

*Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar*⁴⁶.

O discurso político é compreendido, no escopo desta tese, como um objeto delimitável no tempo e no espaço e analisável em seus elementos mais regulares e recorrentes, e sobre o qual incidirá toda análise aqui proposta. Ressalta-se que, sob o ângulo de interesse de diversas áreas do conhecimento, como as Ciências Políticas, a Sociologia, a Filosofia Política, a Antropologia Social e a História, por exemplo, um espectro muito mais amplo de observações e manifestações verbais poderia ser considerado. Visando a não cair na complexidade que pode decorrer da pluralidade e modos de explicação do domínio político, escolheu-se, para a análise, um tipo específico de discurso que cumpre explicitamente uma função política: o discurso político eleitoral. Desse modo, as observações deste trabalho foram restritas a esse domínio.

O *corpus* desta pesquisa compreende um conjunto de 30 textos⁴⁷ produzidos em situações monologais e dialogais por candidatos à Presidência da República no Brasil, durante o pleito de 2010. Estamos conscientes de que, na maior parte das vezes, não é o próprio candidato que escreve o seu material de campanha, tampouco seus pronunciamentos. Normalmente, há um funcionário do próprio partido ou um profissional de *marketing* político destinado a fazê-lo. No entanto, quando atribuímos a autoria dos discursos aos candidatos, os tomamos como responsáveis pelo ato de linguagem, uma vez que o especialista incumbido da construção do discurso leva em consideração a identidade do candidato e a utilização de tipologias discursivas que lhe são próprias.

⁴⁶ MACHADO, Antonio. *Caminante. Proverbios y Cantares*, 1930.

⁴⁷ Texto é compreendido aqui nos termos de Charaudeau (2003), que diferencia texto de discurso, como o objeto de materialização da encenação do ato de linguagem, dependente de um sujeito falante particular e de circunstâncias de produção também particulares.

Os critérios adotados para escolha do *corpus* buscam atender a uma representatividade do discurso político na eleição em questão. Assim, das nove candidaturas à presidência⁴⁸, foram considerados os discursos proferidos pelos três principais candidatos, Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV), um da situação e os outros dois da oposição, representativos do universo dos discursos realizados durante as campanhas presidenciais brasileiras, uma vez que esses candidatos constituíam as maiores correntes políticas no âmbito nacional.

Tal escolha deve-se também à homogeneidade temporal e espacial da produção discursiva presente na constituição desse *corpus*, considerando a temática abordada nos textos e a existência de uma situação em que os contratos de fala são validados por todos, dando lugar a uma utilização mais igualitária do espaço de enunciação. Tem-se a convicção de que essa delimitação do *corpus* não tem a pretensão de um fechamento absoluto, constituindo-se apenas em um fechamento provisório, para fins metodológicos. Mas, ressalta-se igualmente que tais textos são representativos do domínio em questão.

Para efeito de análise, o conjunto de textos abordados foi dividido em quatro séries distintas. Essas séries visam a contemplar o período das eleições como um todo, desde a fase de pré-candidatura à confirmação da eleição no segundo turno, incluindo o pronunciamento de posse da candidata eleita. Assim, a *primeira série* de textos de cada candidato situa-se na fase inicial da campanha eleitoral – nos discursos de lançamento de pré-candidatura e posterior confirmação da mesma. A *segunda série* abarca a fase intermediária da campanha, na qual tem o início do horário eleitoral gratuito, a apresentação dos programas de governo, a realização de debates e entrevistas e a realização do primeiro turno das eleições. A *terceira série* abrange a fase final com a confirmação ou redefinição dos objetivos propostos, o fechamento do período de campanha eleitoral e a votação para o segundo turno. E por fim, a *quarta fase* contempla o discurso de posse.

⁴⁸ Dilma Rousseff (PT), Ivan Martins Pinheiro (PCB), José Maria Eymael (PSDC), José Serra (PSDB), Levy Fidelix (PRTB), Marina Silva (PV), Plínio de Arruda Sampaio (PSOL), Rui Costa Pimenta (PCO) e Zé Maria (PSTU).

Vale lembrar que essa categorização serial constitui-se apenas como um recurso metodológico que não pretende ser reducionista ou linear, ao contrário, permite uma descrição mais abrangente do *corpus* analisado e a compreensão dos diversos momentos vivenciados pelos candidatos, ao acentuar os termos e as estratégias argumentativas preponderantes em cada série. Evidencia-se, ainda, que a utilização dessas séries possa ser adequada para análise de outros pleitos eleitorais ou outros eventos no domínio político, uma vez que possibilita descrever e delimitar o período analisado com maior clareza, permitindo, assim, uma análise contrastiva do *corpus*.

A seguir, na Tabela 1, são apresentados os textos analisados⁴⁹, ordenados pela série analítica anteriormente definida e classificados pela data de realização do pronunciamento e pelo candidato.

TABELA 4.1: Textos analisados ordenados pela série analítica proposta

Data	Candidato	Descrição
SÉRIE I		
20-fev-10	Dilma Rousseff	Discurso de pré-candidatura
10-abr-10	José Serra	Discurso de pré-candidatura
16-mai-10	Marina Silva	Discurso de pré-candidatura
13-jun-10	Dilma Rousseff	Discurso de confirmação de candidatura
12-jun-10	José Serra	Discurso de confirmação de candidatura
11-jun-10	Marina Silva	Discurso de confirmação de candidatura
SÉRIE II		
05-ago-10	Dilma Rousseff	Debate TV Bandeirantes - 1º Turno
05-ago-10	José Serra	Debate TV Bandeirantes - 1º Turno
05-ago-10	Marina Silva	Debate TV Bandeirantes - 1º Turno
09-ago-10	Dilma Rousseff	Entrevista Jornal Nacional - 1º Turno
11-ago-10	José Serra	Entrevista Jornal Nacional - 1º Turno
10-ago-10	Marina Silva	Entrevista Jornal Nacional - 1º Turno
18-ago-10	Dilma Rousseff	Primeiro debate <i>on-line</i> - Folha / UOL
18-ago-10	José Serra	Primeiro debate <i>on-line</i> - Folha / UOL
18-ago-10	Marina Silva	Primeiro debate <i>on-line</i> - Folha / UOL
12-set-10	Dilma Rousseff	Debate Rede TV! / Folha de S. Paulo - 1º Turno
12-set-10	José Serra	Debate Rede TV! / Folha de S. Paulo - 1º Turno
12-set-10	Marina Silva	Debate Rede TV! / Folha de S. Paulo - 1º Turno

⁴⁹ Os discursos analisados foram extraídos dos sites de campanha dos respectivos candidatos. Já as entrevistas e debates televisivos foram gravados e transcritos pela pesquisadora.

30-set-10	Dilma Rousseff	Debate Rede Globo/Portal G1- 1º Turno
30-set-10	José Serra	Debate Rede Globo/Portal G1- 1º Turno
30-set-10	Marina Silva	Debate Rede Globo/Portal G1- 1º Turno
SÉRIE III		
10-out-10	Dilma Rousseff	Debate TV Bandeirantes - 2º Turno
10-out-10	José Serra	Debate TV Bandeirantes - 2º Turno
17-out-10	Dilma Rousseff	Debate Rede TV! / Folha de S. Paulo - 2º Turno
17-out-10	José Serra	Debate Rede TV! / Folha de S. Paulo - 2º Turno
18-out-10	Dilma Rousseff	Entrevista Jornal Nacional - 2º Turno
19-out-10	José Serra	Entrevista Jornal Nacional - 2º Turno
29-out-10	Dilma Rousseff	Debate Rede Globo/Portal G1 - 2º Turno
29-out-10	José Serra	Debate Rede Globo/Portal G1 - 2º Turno
SÉRIE IV		
03-jan-11	Dilma Rousseff	Discurso de posse

Fonte: Desenvolvido pela autora

Para a realização do objetivo proposto, o levantamento dos dados e sua posterior análise, priorizou-se o tratamento do *corpus* em duas dimensões distintas: o levantamento dos termos utilizados pelos presidenciáveis, capazes de traduzir as dimensões semânticas do discurso, e a análise das estratégias argumentativas na construção da cena enunciativa. Na primeira dimensão, direcionamos nosso estudo para o levantamento da terminologia utilizada e para a construção de uma rede terminológica por candidato; na segunda, para a contextualização dos termos com o aporte das teorias argumentativas contemporâneas.

Assim, dirigindo-se para a identificação dos termos empregados nos discursos, em um primeiro momento, realizou-se uma análise lexicométrica, viabilizada pela identificação e pela extração automática das unidades lexicais (substantivos, adjetivos, verbos, pronomes, sintagmas nominais e nomes próprios) mais frequentes em cada texto analisado, com o auxílio do *Parser PALAVRAS*⁵⁰.

A lexicometria é um método estatístico comparativo, que consiste no levantamento

⁵⁰ Trata-se de um programa, desenvolvido por Eckhard Bick na *Southern University of Denmark*, que incorpora as regras para tratamento morfológico e sintático exigidas pela língua portuguesa, além de realizar a extração dos sintagmas diretamente nos documentos. Uma versão para avaliação está disponível em: <<http://visl.sdu.dk/visl/pt/>>. (BICK, 2000).

da distribuição das unidades lexicais e em comparar ou opor os diversos usos dessas unidades em fragmentos do discurso, com a utilização de ferramentas computacionais. Ela abrange, assim, duas operações principais: (i) a escolha, após a divisão da cadeia textual em unidades que podem ser estudadas; e (ii) a combinação, a comparação ou a oposição das formas textuais identificadas nos discursos que compõem o conjunto da enunciação analisado (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008; BONNAFOUS; TOURNIER, 1995). No entanto, esse levantamento constitui-se apenas em um instrumento para a identificação das unidades lexicais que podem levar a asserções sobre o dizer. Mas tal instrumento deve ser visto, necessariamente, no domínio analisado, e posto em relação ao lugar de realização da troca discursiva.

Deste modo, uma vez identificadas as unidades lexicais e suas frequências nos discursos, na segunda etapa interessou-nos compreender as diferentes apropriações dessa terminologia e de que forma esses termos foram associados às estratégias discursivas de cada candidato, o que foi viabilizado por uma análise discursivo-semântica com o aporte das teorias argumentativas contemporâneas. Como discutido no decorrer desta tese, a seleção e posterior evidência dada a determinados termos não é neutra. As palavras, os sintagmas e os verbos são escolhidos de acordo com a estratégia argumentativa de cada candidato. Os termos identificados e contextualizados em seus diferentes empregos, e as mudanças no uso desses termos, são representativos do domínio político das eleições presidenciais brasileiras de 2010, podendo ser utilizados para recuperar informações em discursos políticos ou similares, atentando-se para as diferentes ênfases com que se utilizam os mesmos termos.

Na terceira fase da análise, foram mapeadas as redes terminológicas que representam a associação entre os termos utilizados pelos candidatos em suas estratégias argumentativas na dinâmica do debate político. Nesse sentido, tenta-se desenvolver algo inédito que consiste na apropriação dos conceitos e métodos da Análise de Redes Sociais para uma análise dos termos utilizados pelos candidatos no debate político. Com o intuito de constituir os aspectos básicos das redes discorrem-se, a seguir, sobre os conceitos necessários para a compreensão de tal teoria.

4.1. Fundamentos da Análise de Redes Sociais (ARS)

Compreendida como um artifício metodológico, uma metáfora para observar a ação coletiva, a abordagem de redes sociais engloba um conjunto de teorias, conceitos, métodos e modelos das ciências sociais, permeado por diversas perspectivas disciplinares e epistemológicas.

Uma rede social pode ser definida, de forma genérica, como um conjunto de unidades sociais e das relações que essas unidades mantêm umas com as outras. Tal definição destaca um princípio fundamental das teorias sobre redes: a ênfase nas relações entre os atores sociais e nos padrões e implicações dessas relações, em detrimento dos atributos individuais. Assim, a unidade de análise de uma rede social não é o indivíduo e suas características como gênero, idade, raça, religião ou classe social, mas o conjunto de relações que esses indivíduos estabelecem através das suas interações com outros indivíduos. Os atributos individuais são secundários e adquirem interesse à medida que influenciam a formação das relações e a configuração das redes (WASSERMAN; FAUST, 1999; OTTE; ROUSSEAU, 2002).

Considerando esse princípio, a análise de redes sociais é uma abordagem focada na estrutura relacional, que visa a investigar de que forma as relações e os atributos dos atores influenciam o comportamento de cada componente na rede e do todo.

Certas unidades básicas compõem as redes. Um ator é uma “*unidade discreta individual, corporativa ou social coletiva*” (WASSERMAN; FAUST, 1999, p. 17). Os atores nas redes sociais estabelecem relações de diversos tipos. O laço relacional estabelece a ligação entre pares de atores e “*são canais de transferência ou fluxo de recursos, sejam eles materiais ou não materiais*” (WASSERMAN; FAUST, 1999, p. 4).

Os laços também podem ser diferenciados em *laços fracos* e *fortes*. Segundo Granovetter (1973), os laços fortes são definidos como aqueles em que os indivíduos investem mais tempo e intensidade emocional e nos quais há maior grau de confiança. Em contrapartida, os laços fracos são aqueles em que o investimento

é menor ou nulo. Embora os laços fracos pareçam, à primeira vista, menos relevantes e sem valor, eles desempenham um papel importante na dinâmica das redes: são capazes de otimizar contatos e ter acesso às informações não redundantes.

Um dos objetivos mais importantes da análise de redes consiste na identificação de subgrupos coesos no interior de um conjunto social. Um subgrupo coeso é composto de um conjunto de atores que estabelecem relações fortes, intensas, diretas e frequentes (LAZEGA, 2007).

A *análise centro-periferia*, proposta por Borgatti e Everett (1999), auxilia na identificação desses subgrupos. Tal análise pressupõe a existência de dois grandes grupos em uma rede: um grupo de atores fortemente relacionados, denominado de centro, e um grupo no qual os atores têm poucos contatos entre si, mas que se ligam ao centro da rede por alguns de seus membros, denominado periferia. Nesta região está concentrada a maior parte dos atores da rede.

De maneira semelhante, a identificação de *cliques*, subconjunto de membros todos adjacentes uns aos outros que mantêm relações mais próximas entre si, possibilita conhecer quem pertence a um grupo, bem como os tipos e padrões de relacionamentos que os definem e os sustentam como um grupo (LAZEGA, 2007).

Outra medida importante refere-se à posição relativa dos atores no interior de um sistema, identificada pelos pontos de centralidade. Essa medida possibilita a identificação dos atores mais centrais, ou dito de outra forma, dos atores que controlam a alocação de recursos ou informações, ou que dispõem de certa autoridade (prestígio, popularidade ou influência).

Três medidas de centralidade são particularmente conhecidas na literatura: a *centralidade de grau*, a *centralidade de intermediação* e a *centralidade de proximidade* (FREEMAN, 1979; EVERETT; BORGATTI, 2005). A *centralidade de grau* (*degree centrality*) de um ator identifica o número de contatos diretos que ele possui com os outros atores na rede. A *centralidade de intermediação* (*betweenness centrality*) mede o quanto um ator atua como ponte ou mediador, facilitando o fluxo

de informação em uma determinada rede. Esse conceito recupera a valorização dos laços fracos (proposta por GRANOVETTER, 1973). Por fim, a *centralidade de proximidade (closeness centrality)*, mede o quanto o nó que representa o ator está próximo de todos os demais nós da rede.

No contexto desta pesquisa, cada termo representa um ator na rede. Um atributo importante dos atores é a frequência total do termo em todos os documentos. A relação entre os atores é um índice que reflete a proximidade entre os termos. Argumenta-se, entre interpretações de outras medidas relevantes, que a *centralidade de grau* de um termo pode ser importante para defini-lo como um descritor do documento. O agrupamento (*clustering*) dos termos, possibilitada pela *análise centro-periferia* e de *formação de grupos*, pode indicar termos correlatos e utilizados com o mesmo teor semântico pelos candidatos. Ou seja, a utilização do aparato para medição das propriedades da rede e sua análise pode ser útil, conveniente e de fácil aplicação para a representação de documentos em um *corpus* pertencente a um domínio específico.

Para a criação da rede, no que se refere à contagem dos termos e elaboração de índices, foram desenvolvidas algumas rotinas em linguagem *Python*⁵¹, que possibilitaram uma otimização dos procedimentos necessários para a criação da rede e uma maior flexibilidade no trato com a informação. O algoritmo que permitiu o mapeamento dessas redes pode ser descrito, em linhas gerais, pelas seguintes funções, aplicáveis a todos os textos do *corpus* de cada candidato⁵²:

⁵¹ Python é uma linguagem de programação *open-source*, de alto nível, interpretada, orientada a objetos, funcional, de tipagem dinâmica e robusta. Lançada em 1991, por Guido van Rossum, atualmente possui um modelo de desenvolvimento comunitário, aberto e gerenciado pela organização sem fins lucrativos *Python Software Foundation* <<https://www.python.org>>.

⁵² Ressalta-se que foram desenvolvidas rotinas para cálculos de coocorrência tanto baseados em lemas quanto nos textos originais. No entanto, a lematização foi preterida, considerando o objetivo desta tese, qual seja de evidenciar as mudanças semânticas dos termos em uma análise longitudinal. Assim, consideramos que a conversão das formas derivadas das famílias de palavras que compartilham da mesma raiz lexical, para a forma base, poderia não revelar tais modificações semânticas. As rotinas aqui descritas, incluindo as de lematização, podem ser visualizadas no Apêndice.

Função lista_de_termos:

Constrói um índice que contém os seguintes atributos: *token*⁵³, *nome-do-arquivo*, *número-do-parágrafo* (área no documento onde se localiza determinado termo), *número-de-aparições-do-token* (número de ocorrências do termo no parágrafo). Essa função divide o arquivo de entrada em parágrafos, remove os *tokens* que fizerem parte da lista de *stopwords*⁵⁴ e então faz o cálculo da frequência de cada termo no parágrafo para gerar o índice.

Função lista_de_coocorrencias_paragrafo:

Calcula a coocorrência entre cada par de termos – entendida como a presença dos dois termos no parágrafo. Para tanto, atribui-se um peso à coocorrência; esse peso se relaciona inversamente à distância entre os termos no mesmo parágrafo. Para cada *token* em um parágrafo, calcula-se a distância entre ele e todos os outros *tokens* seguintes, removidas as *stopwords* previamente.

Após calcular a distância, a função calcula o peso, que equivale a:

- 0 se a distância for 0; ou
- 1 / distância, caso contrário.

Ao final dos cálculos, gera-se um arquivo com a seguinte estrutura: *token-1*, *token-2*, *índice-do-parágrafo*, *peso*.

Função lista_de_coocorrencias_no_documento:

Sumarizam-se todas as coocorrências em parágrafos distintos com os pesos (atribuindo o peso calculado no passo anterior à cada ocorrência) e pondera-se pela frequência dos termos no documento. Essa função agrupa os pares *token-1*, *token-2*

⁵³ Segmento de texto ou símbolo que pode ser manipulado por um analisador sintático e que fornece um significado ao texto.

⁵⁴ Lista com palavras que não são úteis para a recuperação da informação em um contexto específico, como por exemplo palavras comuns, preposições, artigos, dentre outros.

gerados pela função *lista_de_coocorrencias_paragrafo* para todos os parágrafos do documento.

Após o agrupamento, são calculados:

- *peso médio*: soma-de-pesos do par de *tokens* / 2,
 - *peso final*: peso-médio * contador-token-1 * contador-token-2,
- onde *contador-token-1* e *contador-token-2* são as frequências dos *tokens* em todo o documento.

Após fazer esses cálculos, um arquivo é gerado com a seguinte estrutura:

token-1, token-2, arquivo, peso-médio, peso-final

A função não diferencia a ordem dos *tokens*, ou seja, *token-1,token-2* é considerado o mesmo par que *token-2, token-1*. Dessa forma, existe um agrupamento de duplas de *tokens* em todo o documento (inclusive dos que foram repetidos na função *lista_de_coocorrencias_no_documento*).

Função matriz_de_coocorrencias:

Essa função gera a matriz de coocorrências de um documento a partir da função *lista_de_coocorrencias_no_documento*, descrita anteriormente. Essa matriz é simétrica, com sua diagonal principal tendo o valor 0. Para efeito de análise, optamos por trabalhar com uma matriz de coocorrência que contempla os 50 termos mais frequentes.

Foram mapeadas redes de acordo com a fase da campanha em que cada candidato utilizou certos termos, determinada pelas séries analíticas anteriormente descritas, o que possibilitou um estudo comparativo da variação do emprego da terminologia no curso da campanha. Além disso, gerou-se uma rede por candidato que representa o vocabulário utilizado na campanha como um todo, independente da série que esteja vinculado.

Os dados da rede gerados pelo algoritmo foram importados para um *software* de análise de redes sociais. Diversas ferramentas têm sido empregadas para a

representação gráfica da rede e o cálculo de medidas. Temos experimentado o *Ucinet* (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002) com muitos bons resultados (VENÂNCIO, 2014). Além de a ferramenta contar com uma sólida sustentação teórica, ela tem sido empregada em inúmeros trabalhos empíricos nos mais diversos campos de estudo. Assim, determinamos diversas medidas para os termos, como *graus de centralidade*, *coeficientes de agrupamento (cliques)* e *análise centro-periferia*. Esses indicadores fornecem subsídios relevantes para analisar as redes.

Por fim, adicionalmente às análises realizadas, compararam-se os discursos de confirmação de candidatura e de posse proferidos nas eleições presidenciais brasileiras de 2010 com as do pleito anterior, de 2006. Nossa incursão nos discursos anteriores e nos da eleição em questão faz-se como caminho comparativo traçado entre esses textos e esboça algumas tendências discursivas e argumentativas que se repetem, e outras que se transformam, entre as falas dos candidatos ao longo desses oito anos de governo.

Diante do exposto, a abordagem metodológica possibilitou o desenvolvimento de proposições a respeito do discurso político, considerando as regularidades na formação desse gênero discursivo. Mas, sem dúvida, nossa proposta ganhou um destaque especial no que denominamos de *polarizações semânticas dos termos*. Essas polarizações constituem indicadores que tentam refletir as diferentes nuances de sentido do termo empregado pelos candidatos nas diferentes fases da campanha, em oposição à simples ocorrência do termo em um determinado documento de um *corpus*, ou cálculos baseados no princípio das frequências, medidas tradicionalmente utilizadas para a recuperação da informação.

O próximo capítulo será orientado em função de uma integração da formulação metodológica desenvolvida neste capítulo a uma análise contrastiva do *corpus*, cujo modelo possibilita delinear melhor a abordagem proposta por esta tese.

5. Análise de dados: um jogo de desconstrução e reconstrução de sentidos

*As palavras não nascem amarradas, elas saltam, se beijam, se dissolvem, no céu por vezes um desenho, são puras, largas, autênticas, indevassáveis.*⁵⁵

Nossa proposta de análise pressupõe que os sentidos dos discursos só podem ser revelados em operações de contraste – quando se colocam em confronto diversas sequências discursivas. Assim, nosso *corpus* foi delimitado de acordo com certas variáveis que permitiram comparar tais sequências, verificar as mudanças ou as perenidades dos discursos, suas especificidades ou suas generalizações quanto ao contexto de produção e ao gênero discursivo, e avaliar as nuances de sentido terminológicas ao longo do período eleitoral.

Para efeito de análise, conforme apresentado no capítulo que versa sobre os procedimentos metodológicos, o conjunto de textos abordados foi dividido em quatro séries distintas. Essas séries visam a contemplar o período das eleições como um todo, desde a fase de pré-candidatura à confirmação da eleição no segundo turno, incluindo o pronunciamento de posse da candidata eleita. Assim, a *primeira série* de textos de cada candidato situa-se na fase inicial da campanha eleitoral – nos discursos de lançamento de pré-candidatura e posterior confirmação desta. A *segunda série* abarca a fase intermediária da campanha, na qual se tem o início do horário eleitoral gratuito, a apresentação dos programas de governo, a realização de debates e entrevistas e a realização do primeiro turno das eleições. A *terceira série* abrange a fase final com a confirmação ou redefinição dos objetivos propostos, o fechamento do período de campanha eleitoral e a votação para o segundo turno. E por fim, a *quarta série* contempla o discurso de posse.

Considerando esses aspectos, nossa proposta metodológica é pautada por um jogo de desconstrução e de reconstrução de sentidos, ou, dito de outra forma, em um

⁵⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. Consideração do Poema. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 115-116.

primeiro momento retiramos o termo do seu contexto de produção, para depois inseri-lo novamente na cena enunciativa. Esse procedimento contempla duas dimensões distintas: uma linguística e outra discursiva. A dimensão linguística compreende o uso de categorias da língua pelo sujeito no ato de enunciação. Na nossa análise, tal dimensão é operacionalizada pela análise lexicométrica, ou seja, pela identificação e extração automática das unidades lexicais (substantivos, adjetivos, verbos, determinantes, nomes próprios e sintagmas) mais frequentes em cada texto analisado, com o auxílio do *Parser PALAVRAS* (BICK, 2000) e pela construção de redes terminológicas viabilizada pela análise de redes sociais. Já a dimensão discursiva permite compreender como o sujeito, levando em consideração os limites dos atos discursivos, os acordos estabelecidos e o contrato de comunicação, organiza estrategicamente o seu discurso, com ênfase nos aspectos argumentativos. Em nossa análise, essa dimensão é contemplada pela associação dos termos de acordo com as estratégias discursivas de cada candidato, com o aporte teórico da teoria argumentativa. A alternância entre essas duas dimensões permite-nos perceber as diferentes nuances de significação dos termos empregados pelos candidatos, em oposição à simples ocorrência do termo.

Com base nesse jogo de construção em contraste, propomos o seguinte modelo de análise ilustrado a seguir, na Figura 5.1. Tal modelo considera a análise dos **Termos** utilizados pelos três principais **Locutores/Enunciadores**⁵⁶ da trama política eleitoral de 2010 visando a persuadir distintos **Auditórios**, considerando **Acordos** previamente estabelecidos. A partir do modelo proposto, algumas constatações são destacadas: (i) a estabilidade do termo está relacionada a um auditório universal – quanto mais estável for o termo, mais o auditório está sendo visto como universal. De maneira oposta, quanto mais instável o termo, mais discursivizado ele é em uma situação de enunciação e mais dependente do enunciador; portanto direcionado a um auditório particular; (ii) há termos comuns que podem ser semantizados de maneira semelhante pelos enunciadores ou aqueles que são discursivizados de formas distintas de acordo com cada enunciador, porque o auditório muda e supõe-

⁵⁶ Cabe aqui uma distinção entre Locutores e Enunciadores. O locutor é quem assume a responsabilidade dos enunciados e o enunciador é a figura responsável pela produção de sentidos no enunciado, que mostra o ponto de vista de onde se posiciona o locutor (DUCROT, 1987). Assim, todo locutor, ao enunciar algo, é um enunciador. Por outro lado, nem todo enunciador é um locutor. Tome-se como exemplo a candidata Dilma, que convoca Lula, que não concorria ao pleito, como enunciador em seus discursos.

se um acordo diferente para cada auditório. Assim, não há contraste sobre o termo, mas sobre a cena da enunciação, que compreende enunciadores e enunciatários; (iii) por outro lado, há termos específicos, onde também não há contraste sobre o termo, mas supõe-se que sejam próprios de cada enunciador; (iv) por fim, há termos que variam diacronicamente. Isso mostra que os termos são rediscursivizados e ressemantizados na situação de enunciação, ou, dito de outra forma, eles variam porque a situação eleitoral muda e exige novas formulações e reformulações no tempo do acontecimento discursivo – o que denota a fragilidade da estabilidade de um termo.

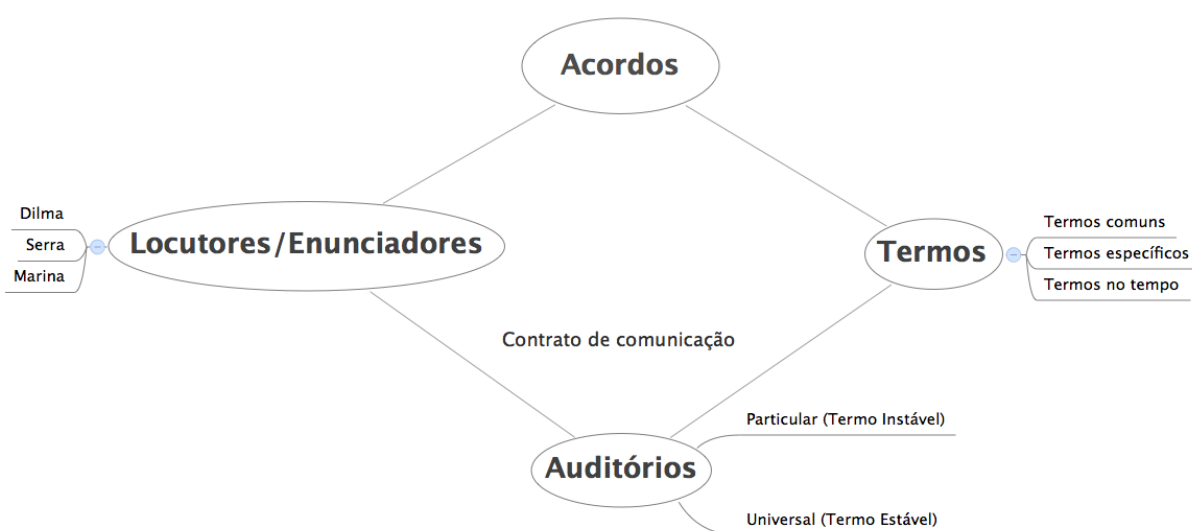


FIGURA 5.1: Modelo proposto para análise contrastiva do corpus
 Fonte: Elaborado pela autora

Diante do exposto, nossa incursão na análise será realizada, primeiramente, pelos termos comuns, seguida pelos específicos e pelos diacrônicos de acordo com a série avaliada, sempre associando-os às estratégias argumentativas de cada candidato – nosso jogo de sentidos de desconstrução e construção. Destaca-se que tal exposição será ponderada, constantemente, pela série analisada.

Fundamentado no modelo proposto, cabe aqui retomar os pressupostos que norteiam este estudo. Admitiu-se anteriormente que: (i) compreender a multiplicidade de significações que um termo pode assumir em uma encenação

discursiva é um fator importante para a representação da informação em domínios dinâmicos; (ii) a escolha e posterior evidência dada a determinados termos não são neutras. As expressões, palavras e verbos são escolhidos de acordo com a estratégia argumentativa de cada sujeito na situação vivenciada. Identificar os termos utilizados na linguagem, a relação entre eles, seus diferentes empregos pelos atores e as alterações em seu uso é fundamental para a compreensão dos assuntos debatidos e para a construção de ferramentas que permitam a representação da informação criada como resultado das atividades corriqueiras no domínio em pauta; e (iii) a discussão sobre as condições situacionais de produção do discurso político, bem como o tratamento linguístico da organização argumentativa são pontos que podem subsidiar a análise de textos em que o jogo persuasivo e argumentativo cumpre função determinante. Assim, procurou-se relacionar esses pressupostos com a análise terminológica e as estratégias argumentativas, enfatizando a dinamicidade da representação da informação no domínio político.

Sob o aporte teórico dos estudos de Amar (1997, 2000, 2004) e Marandin (1988), nossa abordagem metodológica propõe que um descritor de um documento, que se deseja representar, deva funcionar como um *tema do discurso*, levando em consideração a diversidade dos universos de referência que ele permite atravessar, ou, dito de outro modo, o *tema do discurso* é inacabado do ponto de vista da interpretação e possibilita diversos percursos interpretativos. Assim, os termos são tomados em nossa análise como possíveis descritores e servem como ponto de entrada para a representação da informação. De fato, tomar o descritor como tema do discurso é compreender que a construção é uma escolha inicial – de ordem discursiva e não mais final – de ordem lexical.

5.1. Termos contextualizados: os argumentos de Dilma, Serra e Marina

No nosso estudo, limitamo-nos às unidades lexicais⁵⁷ que indicam substantivos, adjetivos, verbos, pronomes, sintagmas nominais e verbais, e nomes próprios. Assim, o vocabulário de campanha da candidata Dilma identificado pela análise dos seus pronunciamentos, tomados no *corpus*, é composto de 26.165 unidades lexicais. O vocabulário utilizado pelo candidato Serra comportou 25.869 formas e o de Marina, 16.357. Para efeito de análise, foram considerados apenas os termos com frequência igual ou superior a 3.

5.1.1. “O que nos aproxima”: os termos comuns aos candidatos

O que se observa pela análise de frequência das unidades lexicais é a preponderância de termos que remetem ao valor concreto Estado brasileiro, como *Brasil*, *país*, *Estado* e *Nação*. Levando-se em conta que todos dizem respeito ao mesmo referente, o Estado brasileiro serviu a 992 referências no conjunto do *corpus*, distribuídas de maneira equânime entre as séries, e foi priorizado no discurso de Dilma 429 vezes contra 353 de Serra e 210 de Marina.

No discurso dos candidatos, constata-se que a utilização de tais formas está associada a valores positivos, ou, dito de outra maneira, esses termos são utilizados como objetos de acordo entre o orador e o auditório sobre um ser positivo, vinculados ao contrato de comunicação político. De fato, a utilização da forma *Brasil* deu-se, majoritariamente, contribuindo nas relações argumentativas para manter e reforçar o consenso social e em torno de uma idealização sobre o país pelos candidatos, bem como na amplificação valorativa dos termos, aspecto próprio ao discurso epidíctico⁵⁸. Assim, o termo aparece nos sintagmas “*Brasil justo*”, “*Brasil*

⁵⁷ Embora, para fins de análise, tenhamos nos limitado a um conjunto mais reduzido de tipos de unidades lexicais, a extração automática viabilizada pelo *Parser PALAVRAS* possibilitou a identificação das seguintes formas: sintagmas nominais, substantivos, verbos em suas diversas flexões, advérbios, pronomes pessoais, adjetivos, nomes próprios, conjunções coordenadas e subordinadas, determinantes, especificadores e numerais.

⁵⁸ Três são os gêneros do discurso: o *jurídico*, que se atinha ao passado, com a intenção de julgar o justo ou o injusto; o *deliberativo*, que procurava discernir o que era útil ou nocivo à coletividade, portanto, de caráter político

forte”, “*Brasil democrático*”, “*Brasil igualitário*”, “*Brasil próspero*”, “*Brasil sustentável*” dentre outros, como expresso pelas frases:

“Um **Brasil justo**, um **Brasil forte**, um **Brasil democrático**, um **Brasil independente**. Cheio de oportunidades para todas as brasileiras e os brasileiros.” (Dilma, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

“Meus sonhos da época são meus sonhos de hoje: um **Brasil mais justo, mais forte e igualitário**, na renda e nas oportunidades.” (Serra, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

“Queremos ser um **Brasil próspero**, um **Brasil sustentável** em todas as suas dimensões, na sua dimensão econômica, social, cultural, política, na sua dimensão ética e na sua dimensão estética – por que não dizer?” (Marina, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

Esses termos apresentam-se em uma hierarquia superior, pelo menos do ponto de vista quantitativo, considerada em relação às formas *população*, *povo*, *gente*, *pessoas* e *sociedade* que frequentaram bem menos a encenação discursiva dos candidatos, como identificado nos trechos a seguir:

*“Isso tem importância social enorme, como tem também no caso da segurança, o combate à droga, que infelicitava, arruinava jovens e arruinava famílias, inclusive da **população** mais pobre”.* (Serra, Série III, Debate Rede Globo/Portal G1 - 2º turno)

*“(…) a inteligência política do presidente Lula me deu uma experiência única e foi também a realização do sonho de muitas gerações, segundo porque nós quebramos todas as barreiras que muitos acreditavam intransponível e fizemos com que o **povo** brasileiro tivesse oportunidades no seu próprio país que eles nunca tinham tido (...)”* (Dilma, Série II, Debate TV Bandeirantes - 1º turno)

*“Dezesseis anos se passaram e nada foi feito, nem no governo do PSDB, nem no governo atual para resolver os graves problemas ligados à previdência no Brasil e que prejudica a vida dos trabalhadores e da **sociedade**.”* (Marina, Série II, Debate Rede Globo/Portal G1 - 1º turno)

É interessante observar também a frequência de termos derivados da forma *Brasil*, utilizados como valores concretos no acordo argumentativo, como os adjetivos pátrios: *brasileiro*, *brasileira*, *brasileiros* e *brasileiras*, exemplificados nos excertos a seguir. Novamente, Dilma é a candidata responsável por utilizar majoritariamente

e voltado para o futuro, e o *epidíctico*, que se prestava a homenagens, como discurso de ocasião, mas também a críticas e a censuras.

tais termos. Assim, enfatiza-se a diferenciação do povo brasileiro, com o objetivo de despertar um sentimento de pertencimento, como em:

*“Sabemos que a cultura **brasileira** é diversificada. Do Norte ao Sul, Leste a Oeste desse Brasil. Nós temos manifestações ricas. E elas fazem parte do nosso sentimento de sermos **brasileiros** e **brasileiras**.”* (Dilma, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“Fizemos esta convenção na Bahia porque ela é um dos grandes retratos do que somos como povo. Da nossa diversidade, da mistura de raças, origens e etnias que fizeram do **brasileiro** um ser humano único. Na tolerância, na união, na alegria, na criatividade, na coragem, na obstinação, na vontade, na generosidade com o próximo. Na esperança no futuro. Assim são os **brasileiros**.”* (Serra, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“(...) O que nós precisamos é sair da lógica do fazer para as pessoas, para fazer com as pessoas, com os empresários, com os trabalhadores, com os homens, com as mulheres, com os jovens, com todos os **brasileiros** que querem um Brasil diferente e que se dispõem a se juntar por ele, elegendo a primeira mulher para ser presidente do Brasil para ajudar a cuidar do Brasil, não para infantilizá-lo.”* (Marina, Série II, Primeiro debate on-line)

Discutiu-se, no capítulo teórico que versa sobre o discurso político, o enfraquecimento da promessa como prática discursiva na política contemporânea e como ato de fala. No *corpus* analisado, a forma *promessa* não foi utilizada com frequência igual ou superior a três por nenhum candidato, mas o termo foi substituído por unidades lexicais que apontam para uma realização futura como *projeto*, *programa* e *proposta*, ou, ainda, por outras formas verbais conjugadas, na primeira pessoa do plural do futuro do indicativo, como: *realizaremos*, *faremos*, *implantaremos*, *apresentaremos*, ou, na primeira pessoa do singular: *farei*, *realizarei*, *apresentarei*. As sequências abaixo exemplificam o exposto:

*“Para **realizar** esta grande tarefa, não basta apenas ser eleito ou **dizer que vai fazer**. É preciso conhecer bem o Brasil, conhecer o governo e ter **projetos** que ampliem e acelerem o que está sendo feito.”* (Dilma, Série I, Discurso de pré-candidatura)

*“A minha **proposta** de política social é uma combinação das duas coisas: educação de qualidade, continuidade nos programas sociais, que a gente possa ter uma economia vigorosa aonde cada brasileiro e cada brasileira possa ter uma vida digna, mas também a partir do seu trabalho, de uma ocupação digna, é por isso que defendemos os programas sociais de terceira geração.”* (Marina, Série II, Debate RedeTV!/Folha de SP - 1º turno)

*“Com relação à educação, eu tenho dito e **vou fazer** isso. Se eu for eleito **farei** isso, ter um plano nacional da educação e ter um pacto, um acordo, inclusive entre partidos, por cima dos partidos, com a sociedade, com todo mundo, para ter um pacto nacional pela educação. Acima das disputas políticas e eleitorais, que não resolve o problema da educação, muitas*

vezes se torna instrumentos de batalha eleitoral, só isso, e não se volta pras crianças que são o objeto central da educação.” (Serra, Série III, Debate Rede Globo/Portal G1 - 2º turno)

A ideia de promessa introduz novas formas relacionadas às demandas sociais, como *educação, saúde, cultura, emprego, moradia, meio ambiente, infraestrutura e segurança*. Tais termos são utilizados de forma igualitária pelos candidatos em suas propostas, algo já esperado, uma vez que essa temática da idealidade social é própria ao contrato de comunicação político.

Para tanto, em sua estratégia argumentativa, Dilma prefere os *lugares da quantidade*. Há uma identificação com o volume de realizações do governo Lula e a crença de que tudo que foi realizado constitui-se em forte argumento para mostrar que o país modificou-se nesse período e que pode muito mais. Isso possibilita à candidata da situação desenvolver proposições que amplifiquem os números dos seus feitos, como:

*“Estou falando aqui de construir, **no mínimo, mais 500 unidades** de pronto atendimento (...). Estou falando de **mais 8.600 novas unidades básicas de saúde**.”* (Dilma, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“Por que que é que nós conseguimos criar **15 milhões de empregos, três vezes mais** que no governo anterior? E isso não é um voo de galinha, vem desde 2003. Que eu vou continuar repetindo no meu governo.”* (Dilma, Série III, Debate Rede Globo/Portal G1 - 2º turno)

Em oposição, no discurso de Serra, destacam-se os argumentos fundados nos *lugares da qualidade*. Observando-se que esse tipo de argumento aponta para um valor superior, acredita-se que a escolha de Serra se deu pelo fato de este representar a oposição e precisar distinguir-se. No entanto, o candidato também investe no *lugar da quantidade*, tentando contestar os fatos apresentados pela candidata da situação e argumentando que o país necessita mais do que o oferecido pelo governo em vigência.

*“Sei o que fazer para que o nosso país **aumente a prosperidade** econômica dos brasileiros de forma sustentada.”* (Serra, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“Por isso... E é isso o que eu estou fazendo. Por exemplo, mostro na saúde. Eu fui ministro da Saúde. Fiz os genéricos, os mutirões, a campanha contra a Aids que foi considerada a melhor campanha contra a Aids do mundo, **uma série de coisas**. A saúde, nos últimos*

anos, não andou bem. Por exemplo, queda, **diminuição do número** de cirurgias eletivas, aquelas que não precisa fazer de um dia para o outro, mas são muito importantes. Caiu, né? Pararam os mutirões. **Muita** prevenção que se fazia acabou ficando para trás. **Faltam** ainda hospitais nas regiões mais afastadas dos grandes centros. **Tem problemas com as consultas, tem problemas de demoras.** Enfim, tem um conjunto de coisas, inclusive relacionadas por exemplo com a saúde da mulher. Tudo isso precisa ser **equacionado** no presente.” (Serra, Série II, Entrevista Jornal Nacional - 1º turno)

Já Marina, embora prefira o *lugar da qualidade*, baseia seus argumentos de maneira distinta. Ela não os utiliza como oposição direta, mas se apropria do fato de ter pertencido à gestão atual e propõe um caminho alternativo, que reconhece as realizações e as falhas e apresenta as soluções.

“Vou citar apenas as diretrizes: política cidadã, baseada em princípios e valores é o primeiro ponto; educação para a **qualidade** de vida, para formar os cidadãos e cidadãs de uma sociedade **que cada vez mais se organiza em** rede; economia sustentável, fazendo com que juntemos o **melhor** da tradição ao **melhor** da modernidade para dar as respostas, para produzir o emprego, a habitação, a energia, a infraestrutura, a arte e a cultura do Brasil **que a gente quer**; terceira geração de programas sociais. **Qualidade de vida** e bem-estar para todos os brasileiros.” (Marina, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

“Nós estamos diante de um desafio enorme para prover o país: dar a infraestrutura necessária para a educação de **qualidade**. É isso que fará com que o nosso país aproveite as imensas oportunidades que essa estabilidade econômica está colocando. Eu penso que é fundamental que o nosso país tenha o senso de responsabilidade no que concerne às grandes oportunidades que estão colocadas diante de nós. É por isso que tenho me comprometido em manter as conquistas, **corrigir os erros** e enfrentar os novos desafios.” (Marina, Série II, Debate Rede Globo/Portal G1 - 1º turno)

Essa tendência ao consenso já não se verifica na utilização das formas que remetem ao governo. As eleições de 2010 foram disputadas sob condições distintas das encontradas nos pleitos anteriores. A natureza personificada da popularidade de Lula e a impossibilidade de reeleição fizeram com que o eixo das campanhas presidenciais fosse marcado pela representação simbólica de um “*terceiro mandato*”. Em função da alta popularidade do então presidente, os candidatos, inclusive da oposição, optaram por readequar suas estratégias, sem propor modificações expressivas que pudessem afastar o eleitorado lulista. Como consequência, as agendas de campanha giraram em torno da retórica situacionista e da utilização de argumentos que convencessem o eleitor de que o candidato era o mais qualificado para gerir os programas propostos por Lula.

Desta forma, a campanha de Dilma tentaria convencer o eleitor de que, mais que uma substituta ideal do presidente, ela era a sua presença na sucessão. Assim, ela utiliza os termos *Lula*, *governo Lula*, *presidente Lula*, *Luiz Inácio Lula da Silva* dentro de uma prática epidíctica do elogio, e ressalta a superioridade do que existe, do que é atual, do que é real, ou, dito de outra forma, mais vale o que existe agora do que é possível depois – *o lugar comum do existente* de Perelman. Basta olhar a frequência com que ela usa os termos: *Lula* é citado 13 vezes, o sintagma nominal *presidente Lula*, 45, o *governo Lula*, 16, e *Luiz Inácio Lula da Silva*, 5. Para citar apenas alguns exemplos:

*“Nos últimos anos, eu tive a honra de **coordenar** a equipe de ministros **do presidente Lula** e quero dizer pra vocês que essa foi a experiência mais vigorosa e importante da minha vida. Primeiro, porque conviver com a generosidade e a inteligência política do **presidente Lula** me deu uma experiência única e foi também a realização do sonho de muitas gerações. Segundo, porque nós quebramos todas as barreiras que muitos acreditavam intransponíveis e fizemos com que o povo brasileiro tivesse oportunidades no seu próprio país, que eles nunca tinham tido. Eu considero que participar desse processo de mudança me transformou também em uma pessoa muito melhor, e me deu também imensa confiança no futuro do país, o nosso governo devolveu ao país é... autoestima e a certeza de que nós temos sim um futuro, que nós podemos sim ser um país desenvolvido.”* (Dilma, Série II, Debate TV Bandeirantes - 1º turno)

Dilma utiliza, de maneira quase hegemônica, o lugar comum da candidata da situação. Ela era o governo, ou, dito de outra forma, a representante do governo Lula – a candidata de Lula. Neste caso, ela associa sua imagem à do presidente com alta aceitação popular e louva os atos do governo do qual participou. Esse tipo de estratégia remete à ideia de continuidade, da possibilidade de *o Brasil Seguir Mudando* – nome dado a sua coligação partidária e que será explorado mais à frente na discussão dos termos analisados diacronicamente.

Ressalta-se que a utilização exacerbada, por Dilma, de termos que designavam o governo Lula é mais evidente apenas nas primeiras séries. Ao longo da campanha, ela vai se diluindo para que Dilma possa se apresentar como uma candidata com maior autonomia.

Embora a referência à forma *Lula* tenha sido utilizada com parcimônia por Serra, apenas 16 vezes e somente durante os debates e entrevistas das segunda e terceira

séries, o candidato utiliza a forma *governo* por 235 vezes para discursar sobre referências que podem sugerir uma forma ideal e despersonalizada de governança. Assim, para elaboração de suas premissas, recorre a *valores abstratos* como justiça, liberdade, honestidade, verdade, solidariedade, generosidade e igualdade:

*“Pra mim, **governo** tem de apoiar quem produz e quem trabalha. São as pessoas comuns, as pessoas simples. E tem que proteger os desamparados. **Governo**, como as pessoas, tem que ser **honesto**. Verdadeiro. Tem que ser **solidário** e **generoso**.”* (Serra, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

Se Dilma fala enquanto governo, Serra instala-se no lugar do representante do povo, fazendo a este revelações políticas e críticas, por vezes cautelosas, sobre o governo e remetendo às mudanças necessárias e urgentes que devem ocorrer na sua gestão, caso fosse eleito:

*“Sem contar as receitas das empresas públicas, os **governos** no Brasil arrecadaram 500 bilhões de reais até o início de junho. No mesmo momento, o **governo federal** anunciava cortes nos gastos de Saúde e Educação e desacelerava as obras da transposição do São Francisco em Pernambuco e na Paraíba, gerando desemprego.”* (Serra, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“Ou o **governo federal** assume de vez, na prática, a coordenação efetiva dos esforços nacionalmente, ou o Brasil não tem como ganhar a guerra contra o crime e proteger nossa juventude.”* (Serra, Série I, Discurso de pré-candidatura)

*“Estou convencido disso e vamos provar o acerto dessa convicção na prática de **governo**. Sabem por quê? Porque sabemos como fazer e porque o Brasil pode mais!”* (Serra, Série I, Discurso de pré-candidatura)

Marina dedicou parte significativa de sua campanha ao debate dos temas sociais e à desqualificação dos concorrentes, sem jamais atacar diretamente Lula. Ao contrário, como ex-ministra de Lula, afirmava ter auxiliado o presidente na construção dos bons projetos, mas se eximia pelos desacertos da gestão. Conectada a um eleitorado insatisfeito com a situação política vigente, apresentou-se como uma alternativa de mudança.

*“Vinte e cinco milhões de pessoas saíram da linha da pobreza nesses últimos oito anos. Isso não é muita coisa, não é pouca coisa. Não preciso, em hipótese alguma, porque sou candidata, agora, por outro partido, numa outra articulação, negar esse feito e essa grande conquista do operário **Luiz Inácio Lula da Silva**, que quebrou o paradigma. Antigamente se dizia: é preciso crescer para depois distribuir o bolo. O Lula mostrou que foi distribuindo que*

continuamos e que crescemos. Então, essa conquista não pode ser olvidada.” (Marina, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“É a primeira vez que eu vejo a ministra Dilma mencionar a minha participação no **governo**. Quando geralmente são as coisas positivas do **governo**, são assumidas integralmente por ela. Nunca vi essa democratização, mas eu vou dizer que participei sim do **governo**. E participei fazendo cerca de 25 grandes operações da polícia federal juntamente com o exército. Colocamos na cadeia centenas de pessoas, cerca de 725 pessoas foram presas, entre as quais 125 servidores do IBAMA envolvidos há décadas em corrupção.”* (Marina, Série I, Debate Rede TV!/Folha de SP - 1º turno)

Destaca-se que a mudança proposta por Serra, inclusive expressa no nome da sua coligação *O Brasil pode mais*, ocorre até certo ponto. É sabido que o governo Lula tinha uma ótima aceitação popular em virtude das realizações da sua gestão, em especial da criação de inúmeros programas assistencialistas. Tome-se como exemplo o principal programa do governo, aclamado pela população brasileira de baixa renda – bolsa família. Ao falar sobre o *Bolsa Família*, Serra ameniza as críticas e atribui participação nos resultados alcançados:

*“Quero dizer também que os programas sociais ou as coisas que estão sendo feitas atualmente eu não só vou manter como fortalecer e quero lembrar que o **Bolsa Família** começou no governo passado, do Fernando Henrique, inclusive eu fui um dos autores, quando criei a Bolsa Alimentação, o ministro Paulo Renato fez a Bolsa Educação. O governador Marconi Perillo fez um Bolsa Família em Goiás, sugeriu ao presidente Lula, que publicamente reconheceu que tinha e agradeceu essa ideia do governador Marconi Perillo do meu partido, do PSDB”.* (Serra, Série III, Debate TV Bandeirantes - 2º turno)

*“Quando ministro da Saúde, fiz o Bolsa Alimentação e meu colega de ministério, Paulo Renato, fez o Bolsa Escola. Eles foram reunidos pelo **Bolsa Família**, estiveram na origem deste programa. Nós vamos ampliar e melhorar o **Bolsa Família**. Mas vamos além”.* (Serra, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

A frequência do sintagma nominal *Bolsa Família* é notória também nos discursos de Dilma e Marina, demonstrando a importância que o programa teve no discurso eleitoral do período. Para citar alguns exemplos:

*“Vamos manter e aprofundar aquilo que é marca do Governo Lula - seu olhar social. Queremos um Brasil para todos. Nos aspectos econômicos e em suas projeções sociais, mas também um Brasil sem discriminações, sem constrangimentos. Ampliaremos e aperfeiçoaremos os programas sociais do Governo Lula, como o **Bolsa Família**, e implantaremos novos programas com o propósito de erradicar a miséria na década que se inicia.”* (Dilma, Série I, Discurso pré-candidatura)

*“Então, programas como **Bolsa Família**, programas como Minha Casa, Minha Vida são muito importantes e não podem ser tratados como se fosse de um governo ou de um partido; são relevantes, devem ser dado crédito, mas são conquistas da sociedade. A minha*

posição é de que esses programas devem ser mantidos.” (Marina, Série II, Debate on-line Folha/UOL)

De maneira geral, os candidatos privilegiaram os *lugares do preferível* em oposição aos *lugares do real*. A referência a *valores e lugares comuns da quantidade, da qualidade, da pessoa e do existente* foi constante. Os *lugares do real* foram pouco utilizados, apenas quando serviram de afirmação e justificativa para premissas fundadas no *lugar do preferível*.

Como visto anteriormente na proposição do modelo de análise, os termos comuns podem ser semantizados de maneira semelhante ou discursivizados de formas distintas de acordo com cada enunciador. Os termos comuns podem ser tomados como possíveis descritores dos documentos aos quais estejam vinculados, considerando nossa proposta de *tema do discurso*.

As formas verbais são empregadas de maneiras distintas pelos candidatos de acordo com suas estratégias argumentativas e, por isso, serão analisadas na próxima seção que discute os termos específicos utilizados pelos sujeitos em suas enunciações. A análise dos verbos ganha um contorno especial em nossa análise e constitui, sem dúvida, um avanço teórico e metodológico, ressaltando que, no campo da organização da informação, de maneira geral, e da representação da informação, de modo específico, somente os substantivos são utilizados como possíveis descritores.

5.1.2 . Discursivizar e Semantizar: os termos específicos

5.1.2.1 “Um Brasil de Lula com a alma e coração de mulher”: os termos de Dilma Rousseff

No contexto de uma campanha eleitoral, espera-se que o candidato da situação teça elogios ao governo e critique a oposição por não ter apresentado uma política construtiva, argumentando a favor da continuidade. Entretanto, nem todas as ações do governo podem ser elogiadas pelo candidato da situação. Este deve diferenciar-

se do governo que encerra o mandato e defender uma mudança, mesmo que parcial (CHARAUDEAU, 2006). Especialmente na disputa presidencial em questão, na qual o eleitor encontrava-se satisfeito com as políticas governamentais, com a atuação do presidente Lula e com a prosperidade da vida econômica, dificilmente o eleitorado desejaria mudanças, o que aponta para um contexto de continuísmo.

Sob essa égide, Dilma se apresenta como a candidata do presidente, como candidata da continuidade. Sua perspectiva de mudança compreende apenas um percurso que já se encontra em andamento, que ela irá aprimorar. Assim, ela optou pela utilização de verbos que dão ideia de continuação como: *continuar, ampliar, aprofundar, melhorar, reforçar, manter e fortalecer*.

Aproveitando a popularidade do presidente Lula e garantindo a manutenção de políticas que têm assegurado a estabilidade econômica do país, Dilma, em sua estratégia argumentativa, apropria-se, preponderantemente, dos verbos no passado, na primeira pessoa do plural, para expressar as ações realizadas no governo, já que ela ancorou muito o discurso em Lula e no que foi feito, como: *fizemos, criamos, aumentamos, conseguimos, reduzimos e ampliamos*.

Sem experiência parlamentar e jamais tendo ocupado cargos majoritários, a candidata precisava de uma marca que a qualificasse e a diferenciasse – o *lugar da essência* de Perelman. Essa marca foi fundada em dois aspectos: (i) na gestão desenvolvida no governo, como planejadora eficiente que participou da concepção e coordenação de diversos programas sociais, e (ii) no fato de ser mulher. Assim, ela se apresentou como a mulher capaz de realizar a continuação da mudança tão necessária para o país. Dilma cria para si uma imagem de *mãe do povo brasileiro* e *mãe das obras sociais*. Advoga-se que o uso estratégico dessa alegoria feminina possibilitou tanto a sustentação do argumento de que o modelo de governo assistencialista de Dilma era o mesmo do presidente Lula, como funcionou como apelo emocional e persuasivo capaz de conduzir à eleição a primeira mulher presidente do Brasil. Deste modo, entram em cena os termos *mulher*, citado 65 vezes e *mãe*, 15, como podem ser observados nos trechos seguintes:

*“Durante o **governo do presidente Lula**, **começamos a construir** um novo Brasil. Esta é a obra que **quero continuar**. Com a clara consciência de que continuar não é repetir. É avançar. Esta é a **missão que o presidente Lula, o PT e os países aliados colocam em minhas mãos**. É este o **compromisso de fazer o Brasil seguir mudando** que assumo, hoje aqui com vocês e com todo Brasil, que assumo a partir da minha alma e do meu coração.”* (Dilma, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“O PT e os partidos aliados estão dizendo algo que eu acho muito importante. E isso é mais que simbólico: chegou a hora de uma **mulher** comandar o país. Eles estão dizendo para **aprofundar e ampliar o olhar de Lula**. Para **aprofundar esse olhar, ninguém melhor do que uma mulher** na presidência da República. Creio que eles têm toda razão. Nós, **mulheres**, nascemos com o sentimento de **cuidar**, de **amparar** e de **proteger**. Somos imbatíveis na **defesa** de nossos filhos e da nossa família.”* (Dilma, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

Tais formas introduzem novos termos no discurso como *coração*, *sentimento*, *amparo*, *alma* e *cuidado*.

“E não é por acaso que, depois desse grande homem, ele pode ser governado por uma mulher. Um Brasil de Lula com a alma e coração de mulher.” (Dilma, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“E quando falamos de **cuidado** e **amparo**, falamos de **cuidado** e **amparo** para todos os brasileiros. Se nós somos capazes e somos as responsáveis pelo **cuidado** e **amparo** nas nossas famílias, com nossos filhos e filhas, irmãos e maridos, nós somos também responsáveis diante da necessidade de **cuidado** e **amparo** da população brasileira. Eu estou falando aqui de saúde, educação, segurança e emprego. De **cuidar** mais e melhor das nossas crianças, dos nossos jovens e dos mais velhos.”* (Dilma, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

5.1.2.2 “**Eu sou o que sou. Tenho uma cara só e uma só biografia**”: os termos de José Serra

Concentremos nossa análise agora nos termos específicos do candidato da oposição, José Serra. Com o país crescendo em ritmo acelerado e a enorme satisfação do eleitorado em relação ao presidente Lula, Serra preferiu um discurso com poucos pontos controversos. Assim, o candidato apresentou propostas para a manutenção e melhoria de políticas e de programas sociais de transferência de renda, marca do governo Lula, como o Bolsa Família, por exemplo, anteriormente analisado.

Sob essa perspectiva, restava a Serra reconhecer a situação atual do país, mas realizar um convite ao eleitor para participar do seu projeto de governo, integrando a agenda de um Brasil melhor. O mote da campanha era a ideia de mudança: *O Brasil pode mais*, nome da coligação do candidato. Posicionando-se a favor da mudança, Serra apoia seus argumentos em fatos e proposições consensualmente admitidas por qualquer cidadão. A esse respeito, é significativa a fala de Serra que utiliza verbos no tempo futuro, apontando para algo que será realizado, tais como: *vamos, vou, melhorar, precisam, começar e fazer*.

*“Sempre lutei por aqueles que mais necessitam. Fiz isso o tempo todo e carrego comigo esse sentido de responsabilidade. Uma economia forte para o Brasil para **garantir** os empregos e mais empregos no futuro. **Melhorar** na saúde, **melhorar** na segurança e **melhorar** na educação.”* (Serra, Série II, Debate Rede Globo/Portal G1 - 1º turno)

*“Nós sabemos o caminho. Já provamos nosso valor. Já fomos testados e aprovados. Vamos, juntos, porque o **Brasil pode mais**. Vamos juntos à vitória!”* (Serra, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

Serra, por representar a oposição, precisava distinguir-se, ressaltando sua unicidade. Essa unicidade é reforçada quando Serra utiliza argumentos do *lugar da pessoa*. Tais argumentos buscam evidenciar sua dignidade, seu mérito e sua autonomia. Nesse momento, ele apoia seus argumentos na sua biografia e na experiência de quem já exerceu vários cargos políticos. Desta forma, são comuns termos como *biografia, capacidade, valores e história*:

*“Não tenho esquemas, não tenho máquinas oficiais, não tenho patotas corporativas, não tenho padrinhos, não tenho esquadrões de militantes pagos com dinheiro público. Tenho apenas a minha **história de vida, minha biografia e minhas ideias**.”* (Serra, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“O que eu ofereço é a minha **vida**, a minha **biografia**, eu venho de família modesta, eu cheguei onde cheguei com muito custo e orgulho, graças ao ensino público. Ao exemplo do meu pai, que era um trabalhador, a exemplo da minha mãe, do carinho dela. E fui líder na juventude, passei quatorze anos exilado, perseguido pela Ditadura. Voltei ao Brasil, continuei a minha batalha, fui secretário, fui Deputado duas vezes, fui Ministro duas vezes, fui Prefeito e Governador, e agora me apresento, aliás, pela segunda vez, como candidato à Presidência da República. E eu creio que a gente pode avançar muito em saúde, em segurança, em educação.”* (Serra, Série III, Debate Rede Globo/Portal G1 - 2º turno)

Tal apoio no *lugar da pessoa* está associado à utilização maciça de pronomes na primeira pessoa do singular. Serra utiliza o pronome pessoal *eu* por 601 vezes, contra apenas 137 referências ao pronome *nós*.

Por fim, um aspecto curioso foi a utilização do substantivo *vida*. O uso dessa forma ocorre em dois momentos: quando Serra utiliza o lugar da qualidade para discursar sobre sua vida pública e feitos realizados em diversos mandatos políticos e para reivindicar uma necessária melhoria na qualidade de vida da população brasileira, como exemplificado nos trechos abaixo:

*“Eu não venho das elites, a minha origem é uma origem de família modesta, estudei sempre em escola pública, trabalhava junto com o meu pai, trabalhei desde cedo, fui líder estudantil, que me levou ao exílio; voltei ao Brasil, acabei me envolvendo diretamente na **vida pública**, em eleições, devo ter tido ao longo de todo o processo eleitoral, contando todos os votos, cerca de 80 milhões de votos, ganhei mais vezes, mas perdi também, fui aprendendo e ocupei diferentes cargos, Secretário de Planejamento, Deputado Constituinte, Deputado, Senador, Ministro do Planejamento, Ministro da Saúde, Prefeito e Governador.”* (Serra, Série II, Debate online - 1º turno)

*“A gente sabe que segurança e saúde que representam a **vida** estão em situação precária no Brasil, da mesma maneira que a educação e a educação representa uma vida no futuro, ela educação encarna, aquilo que o Brasil vai ser.”* (Serra, Série III, Debate Rede TV!/Folha de SP - 2º turno)

5.1.2.3 “Que marcas trago da condição feminina? Que marcas trago das matas? Que marcas trago das atas, dos registros, dos porões?”: os termos de Marina Silva

As estratégias argumentativas utilizadas por Marina Silva encontram-se em uma posição mediana – um caminho do meio, em relação aos outros dois candidatos. Como já discutido, em 2010 o cenário de polarização entre PT e PSDB, habitual nas eleições presidenciais brasileiras em diversos pleitos, foi alterada pela presença de Marina Silva. Sua presença foi tão importante que a votação da candidata foi a responsável pela promoção do segundo turno disputado entre Dilma e Serra. Marina, também ex-ministra do governo Lula, associava sua participação aos bons projetos realizados na gestão vigente, mas fazia críticas aos erros cometidos nesta gestão.

Apresentando-se como a nova força política e guardiã dos princípios éticos descartados pelo PT quando passou a governar o país, falava sobre sua história de vida e sua origem humilde, semelhantes aos do presidente Lula, e se posicionava como herdeira das reivindicações sociais. É interessante nessa sua estratégia discursiva a orientação para as questões sociais, em um momento em que os outros candidatos orientavam-se para outras temáticas mais conflituosas. Assim, destacam-se os sintagmas: *igualdade social*, *desenvolvimento social* e *justiça social*, como exemplificado no excerto a seguir:

*“A minha candidatura é para agora porque o Brasil não pode esperar. Todas essas questões que eu coloquei agora para você, Fátima, elas são uma emergência, uma emergência para o cidadão que fica na fila esperando horas e horas para poder fazer um exame, uma emergência para a mãe que quer ter dias melhores para o seu filho porque ela já não aguenta mais a vida dura que tem e uma emergência para o Brasil, que tem imensas oportunidades de se desenvolver com **justiça social**, de melhorar a vida das pessoas.”* (Marina, Série II, Entrevista Jornal Nacional - 1º turno)

A argumentação da candidata do PV vinculou-se à sua história na vida pública em defesa das causas ambientais e a propostas para a constituição de um governo voltado para uma economia ambiental sustentável, e a recorrência aos valores *abstratos* e os *lugares do existente e da pessoa*. Assim, verificam-se em seus discursos termos como: *sustentabilidade*, *recursos*, *energia*, *planeta*, *defesa*, *meio ambiente*, *carbono*, *desenvolvimento* e *biodiversidade*, como elucidado na fala a seguir.

*“Aliás, para se viver bem e continuar tendo condição de consumir o que é necessário para uma vida digna é fundamental que se tenha **biodiversidade**, que se tenha terra fértil, água potável, ar puro. Essa concepção equivocada de opor o **meio ambiente** a qualidade de vida, opor o **meio ambiente** ao desenvolvimento, é que precisa ser banida da face da Terra, que está destruindo o planeta. É fundamental que se crie uma nova mentalidade pensando no desenvolvimento como a grande oportunidade de fazer com que as pessoas preservem os **recursos naturais**.”* (Marina, Série II, Debate Rede TV!/Folha de SP - 1º turno)

Utilizando-se da mesma estratégia de Dilma, Marina recorre ao termo *mulher* como forma de diferenciação. Ambas apoiam-se na possibilidade de ser a primeira mulher a presidir o país e Marina associa o termo à sua história de vida e sua capacidade de gestão. Desse modo, a forma *mulher* aparece associada aos adjetivos *negra*, *pobre* e *competente*, como exemplificado nos trechos abaixo:

*“Que cada um de vocês possa levar o compromisso de estarmos juntos pelo Brasil que queremos. Que cada um que está nos assistindo pela internet possa assumir o compromisso pelo Brasil que queremos. Que cada homem, que cada **mulher**, que têm fé, possam rezar, os que não têm, que possam torcer para que a gente possa fazer com que, no dia 1º de janeiro de 2011, o Brasil possa ter a primeira **mulher negra**, de **origem pobre**, presidente da República Federativa do Brasil. Um grande abraço, um beijo no coração de vocês.”* (Marina, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

*“Só num país como o Brasil, com a democracia que temos, é possível uma pessoa que nasceu lá na Floresta Amazônica, que foi analfabeta até os 16 anos, que teve que passar por várias dificuldades de saúde, pode chegar aqui na condição de se colocar como a **primeira mulher de origem humilde para ser presidente da República**. Esse Brasil já conseguiu restaurar sua democracia, teve um sociólogo que fez as transformações econômicas, um operário que fez as transformações sociais e eu para fazer as grandes transformações na educação.”* (Marina, Série II, Entrevista Jornal Nacional - 1º turno)

Como fez Serra, Marina também utiliza, majoritariamente, os verbos que apontam para um tempo futuro. São verbos cujas noções voltam-se para uma ação planejada da candidata ou sua forma de governança. Tal posição é esperada por candidatos da oposição que simulam horizontes de ações e suas realizações. As formas lexicais explícitas que corroboram com tal asserção são: *vamos*, *precisamos*, *construir*, *aumentar* e *priorizar*.

*“Eu sei porque eu tive a oportunidade de vivenciar como indigente nas filas dos hospitais, lá no estado do Acre, a falta de desatenção com a saúde pública. Algumas coisas melhoraram? Melhoraram, mas nós **precisamos** inclusive dar recursos pra pública, porque hoje os municípios estão bancando sozinhos a questão da saúde. Os estados não repassam o dinheiro, a União não repassa corretamente e a média de repasses dos municípios em recursos para a saúde já é em torno de 22%. Quando eu **for** eleita, uma das coisas que **vou fazer** em relação à saúde é mobilizar o Congresso Nacional, mobilizar os prefeitos e governadores para que possamos regulamentar a emenda 29, que até hoje não foi regulamentada e tem levado à morte milhões e milhões de brasileiros.”* (Marina, Série II, Debate TV Bandeirantes - 1º turno)

Por fim, ressaltam-se os neologismos criados pela candidata para se referir, principalmente, às suas propostas de uma política sustentável. Destacam-se a frequência dos sintagmas: *economia de baixo carbono*, *economia verde*, *povos da floresta* e *socioambientalismo*.

*“Um dia desses um jornalista brincou comigo: tem-se que fazer um dicionário, o “marinês”, fizeram até uma matéria muito engraçada sobre essa estória do “marinês”, mas se não criarmos o novo na linguagem, na cultura, nos processos e nas estruturas, vamos ficar no mesmo lugar. É por isso que o mundo inteiro fala de **economia de baixo carbono**. O que é isso? É uma economia que não tem que ter tanta emissão de CO² para poder produzir a energia, o arroz, o feijão, para poder fazer com que o ônibus chegue até seu trabalho. A **economia de baixo carbono** é aquela que é capaz de produzir mais utilizando e destruindo*

cada vez menos os nossos recursos naturais.” (Marina, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

A forma como os candidatos discursivizaram os termos, de acordo com suas estratégias persuasivas, condensam um importante ponto que a análise argumentativa no discurso clarificou: a de que os três candidatos apropriam-se dos polos mudança e continuidade, posicionando-se entre esses dois polos e articulando-os no discurso de acordo com as circunstâncias e as conveniências políticas. O que se percebe é que os discursos, nas eleições de 2010, não se diferenciam de maneira antagônica. Dada a conjuntura política no período, o que se observa é um ajuste de fala e, por conseguinte, de termos que procuram se adequar melhor a uma posição ora mais situacionista, ora mais oposicionista.

5.1.3. Rediscursivizar e Ressemantizar: os termos analisados diacronicamente

De acordo com o que propusemos no início do capítulo, nesta seção são analisados os termos diacronicamente. Nossa estratégia de exposição apresenta as alterações da utilização dos termos, por candidato, ao longo das séries examinadas e, sempre que possível, uma análise contrastiva entre candidatos é realizada. Adicionalmente, é efetuada a análise da rede terminológica representativa da série em questão, como descrito anteriormente nos procedimentos metodológicos, bem como as redes de termos que contemplam a campanha como um todo, no final desta seção. A junção destas metodologias – a análise argumentativa e a análise de redes sociais –, tem por objetivo possibilitar um estudo comparativo da variação do emprego da terminologia no curso da campanha, destacando o que denominamos de *polarizações semânticas dos termos*.

Iniciamos nossa análise pela candidata Dilma Rousseff. A primeira série de textos situa-se na fase inicial da campanha eleitoral – nos discursos de lançamento de pré-candidatura e da posterior confirmação desta. A fase de pré-candidatura compreende o lançamento da campanha do candidato, uma apresentação inicial dos seus projetos e pré-programas de governo, uma aproximação com os correligionários e ações de legitimação ou reconhecimento pelos eleitores. Já na

fase de confirmação da candidatura, o discurso do candidato articula-se em torno das propostas de campanha, pautadas pela agenda dos fatos políticos, em que se busca ampliar o apoio no interior do partido, das alianças estabelecidas com outros partidos, dos movimentos sociais e de outros grupos da sociedade civil em geral.

Conforme destacado anteriormente, Dilma apoiou seu discurso na popularidade de Lula e na construção de uma imagem que a identificasse como portadora dos melhores atributos para representar o programa da continuidade. É certo que, como candidata da situação, seu discurso persuasivo pautou-se pelo elogio às ações do governo e, conseqüentemente, pela sua projeção como candidata de Lula. Aliás, essa dimensão de governo levou Dilma à utilização numerosa tanto da forma *governo*, quanto dos termos *Lula* e *presidente* e dos pronomes na primeira pessoa do plural, que remetem ao coletivo.

Há duas considerações a se fazer em relação à estratégia de continuidade. A primeira refere-se ao emprego de verbos que denotam as realizações na gestão atual e as perspectivas de manutenção, como *estamos*, *vamos continuar*, *ampliar*, *aprofundar*, *investir*, dentre outros; o segundo ponto é o reforço da ideia de continuidade expressa no próprio nome da coligação da candidata – *Para o Brasil seguir mudando*, que encarna a tese principal de sua proposta: na mesma direção, mas melhorando. Assim, ela utiliza o sintagma *seguir mudando* em 23 trechos no seu discurso de confirmação de candidatura, como em:

*“É **seguir mudando** para melhor, **mudando** para melhor o emprego, a saúde, a segurança, a educação. É **seguir mudando** com mais crescimento e inclusão social. É **seguir mudando** para que outros milhões de brasileiros saiam da pobreza e entrem na classe média, como nós conseguimos durante o governo do nosso presidente Lula.”* (Dilma, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

Destaca-se, também, a utilização das formas *Brasil* e suas respectivas derivações que remetem a valores concretos, bem como termos correlatos como *país*, *povo*, *população* e *sociedade*, e a recorrência aos termos associados aos projetos e pré-programas de governo, como: *desenvolvimento*, *educação*, *trabalho*, *saúde*, *cultura* e *segurança*. Como já ressaltado, o emprego de tais termos é usualmente realizado nessa fase da campanha.

Partindo-se para uma análise terminológica, a rede de termos que representa a primeira série dos discursos de Dilma, identificada conforme descrito nos procedimentos metodológicos, pode ser visualizada na figura 5.2, a seguir. Cada termo representa um ator na rede. Um atributo importante dos atores é a frequência total do termo em todos os documentos. A relação entre os atores é um índice que reflete a proximidade entre os termos no parágrafo e no documento.

Como evidenciado anteriormente, foram utilizadas três medidas da Análise de Redes Sociais: a *centralidade de grau*, a *identificação de subgrupos* ou *cliques* e a *análise centro-periferia*. Argumentamos que a centralidade de um termo – que define a posição de um ator em relação às trocas e às comunicações na rede, considerando-se a quantidade de ligações que se colocam entre eles (EVERETT; BORGATTI, 2005), pode ser importante para defini-lo como um descritor do documento ao qual ele esteja associado, e o agrupamento (*clustering*) dos termos, possibilitada pela análise centro-periferia e de formação de subgrupos – que permite a identificação de subgrupos formados por um conjunto de atores que estabelecem relações fortes, intensas, diretas e frequentes (LAZEGA, 2007), pode ser útil para identificação de termos correlatos e utilizados com o mesmo teor semântico pelos candidatos.

Assim, com base na tabela 5.1, que apresenta a *centralidade de grau* para os 15 termos mais centrais, e como já ressaltado anteriormente, a principal característica dessa série é a utilização de termos que denotam a ideia de continuidade, seja pela remissão ao governo Lula através dos termos: *Lula*, *governo* e *presidente*, ou através dos pronomes *nós*, *nossa*, *nosso* e dos verbos *vamos* e *seguir*. É interessante observar que o adjetivo *grande* aparece como ator central na série, utilizado para referenciar o governo e as ações sociais desenvolvido por ele.

Destaque também para os termos *Brasil*, com 19,79% das ligações, e *País* que remetem ao valor concreto e servem de acordo inicial estabelecido com o auditório na primeira fase da campanha.

**TABELA 5.1: Medidas de Centralidade de Grau - Dilma Série I
(15 termos mais centrais)**

Termos	Centralidade de Grau
	NrmDegree
é	35.013
brasil	19.794
nós	8.899
lula	7.817
governo	6.580
vamos	6.120
presidente	6.013
país	5.409
nosso	4.715
ser	4.265
eu	3.552
seguir	3.548
grande	2.835
nossa	2.269
quero	2.227

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: NrmDegree é o valor normalizado e representa o percentual de conexões de um nó sobre o total da rede

Os resultados da *análise centro-periferia* mostram a constituição de um grupo central, no qual os termos são fortemente relacionados: *brasil*, *é*, *governo*, *lula*, *nós*, *nosso*, *país*, *presidente* e *ser*. A conformação do grupo central corrobora com as

constatações descritas anteriormente. Salvo a presença do termo *ser* que não apareceu como central, mas que expressa o desejo da candidata de ser a primeira presidente mulher do país, conforme exposto nos excertos abaixo:

*“Aqui se consagra e se afirma a capacidade de **ser**, de fazer da mulher brasileira. (...) **Ser** a primeira mulher presidente do meu País é o que eu almejo. (...) E não é por acaso que, depois desse grande homem, ele pode **ser** governado por uma mulher. (...) Como Lula, eu quero continuar sendo presidente da inclusão social, mas quero **ser** também a presidente da inclusão digital. (...) Eu quero **ser** a presidente da consolidação da infraestrutura brasileira, completando o grande trabalho do presidente Lula. (...) Eu quero **ser**, depois do presidente Lula, a presidente da moderna integração regional do país. (...) Assim como Lula construiu essas certezas, essas pequenas Vitórias e Marias também possam responder, quando perguntadas o que vão **ser** quando crescer; que elas possam responder, como fazem os meninos: “Eu quero **ser** Presidente do Brasil!””.* (Dilma, Série I, Discurso de confirmação de candidatura)

A periferia é formada pelos demais termos, que embora não estejam fortemente relacionados, se ligam ao grupo central da rede: *brasileiros, caminho, companheiras, companheiros, construir, continuar, cultura, dar, democracia, desenvolvimento, estou, eu, fazer, foi, fora, grande, hoje, jovens, meu, milhões, minha, mudando, mulher, mundo, nossa, nossas, partido, política, povo, preciso, quero, renda, saúde, seguir, segurança, sobretudo, social, somos, trabalho, vamos e vida.*

Outro aspecto considerado na análise dos dados foi a identificação dos *cliques* que se mostrou relevante para a compreensão dos padrões de relacionamentos entre os termos. Tais subgrupos realçam os termos que se aproximam semanticamente, ou que tendem a ficar próximos uns dos outros, de acordo com a estratégia argumentativa que cada candidato utilizou no decorrer da campanha.

Foram considerados como *cliques* apenas os subgrupos formados por pelo menos cinco termos. Desta forma, foram identificadas nove *cliques*, como descritos na Tabela 5.2 e que podem ser visualizadas na Figura 5.2.

TABELA 5.2: Cliques - Dilma Série I

Cliques	Termos
1	brasil, é, governo, lula, nós, presidente, vamos
2	brasil, é, lula, nós, presidente, ser, vamos
3	brasil, é, lula, nós, seguir, vamos
4	brasil, é, lula, nosso, país, vamos
5	brasil, é, lula, país, presidente, ser, vamos
6	brasil, é, mudando, seguir, vamos
7	brasil, é, governo, nós, nossa, vamos
8	brasil, é, governo, grande, lula, presidente
9	é, eu, nós, presidente, ser

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Pela análise dos *cliques* obtidos, podem-se ressaltar os seguintes aspectos:

- i. O termo *Brasil* aparece em oito dos nove *cliques*. Esse resultado reforça a centralidade desse termo na rede, aparecendo como forte candidato a descritor de um documento da série.
- ii. O termo *Lula* está presente em 6 *cliques*, associado ora a *governo*, ora a *presidente*, ou a ambos em 4 deles, ressaltando a importância desses sintagmas na estratégia discursiva da candidata.
- iii. Os termos que expressam o nome da coligação da candidata *Para o Brasil Seguir Mudando* formam exclusivamente um subgrupo.
- iv. Os termos que remetem à ideia de coletivo como *nós*, *nosso*, *nossa* e *vamos* compõem 8 dos 9 *cliques*.
- v. Os termos que compõem o *clique* 1 denotam bastante a estratégia argumentativa da candidata, nessa série, fundada na remissão ao governo Lula, na ideia de continuidade e na projeção de um sujeito coletivo.

A segunda série abarca a fase intermediária da campanha e é a fase principal da encenação linguageira, na qual se tem início o horário eleitoral gratuito, a apresentação dos programas de governo, a promoção de debates e de entrevistas que confirmam ou reorientam as estratégias discursivas do candidato, e a realização do primeiro turno das eleições.

A rede terminológica que ilustra essa série pode ser visualizada na figura 5.3.

Nessa série, o discurso de Dilma toma outro tom. Ela se distancia um pouco da enunciação ancorada no presidente Lula para poder se apresentar como uma candidata com maior autonomia, embora ainda utilize, com bastante frequência a forma *governo*. Assim, a referência explícita ao presidente na série anterior cai pela metade nessa série.

Tal mudança é também percebida na substituição do pronome *nós*, que remete ao coletivo, para o pronome *eu*. Enquanto na primeira série o pronome *nós* foi utilizado o dobro de vezes, 48 contra 24, nessa série Dilma utiliza o pronome *eu* por 225 vezes, contra apenas 152 uso do pronome *nós*. A passagem do *nós* para o *eu* no nível linguístico tem estreita relação com a situação da enunciação, uma vez que, ao fazê-lo, o locutor/enunciador se afasta da noção de grupo governante para assumir uma posição mais individual.

Como ocorreu na série anterior, permanecem os verbos no passado que denotam ações realizadas pela candidata em sua trajetória política, tais como: *fizemos*, *tivemos*, *criamos*, *reduzimos* e *consequimos*. Permanece também a utilização de termos como *Brasil* e seus correlatos.

Termos relacionados às demandas sociais intensificam-se nessa série. Acredita-se que tal intensificação ocorra em virtude de dois aspectos: (i) aos dispositivos de enunciação aos quais os textos estão vinculados. É comum, em debates e entrevistas, o confronto de propostas pelos candidatos, o que remete, inevitavelmente, a esses termos, e (ii) ao período da campanha eleitoral ao qual esses textos estão associados. Essa é a fase principal na encenação do discurso e dos lances discursivos, com a apresentação midiática de programas e projetos de ação.

Destaca-se o aparecimento do termo *aborto* nessa série. A análise temporal dos discursos demonstra que a polêmica envolvendo a descriminalização do aborto tornou-se importante a partir da última semana do primeiro turno das eleições de 2010, quando houve um agendamento desse tema. Até então, a remissão a esse assunto nos discursos de fontes políticas e religiosas era esparsa e sem destaque.

O tema ganhou evidência devido ao confronto da fala da candidata Dilma que se dizia a favor da descriminalização do aborto⁵⁹, em 2007, quando ainda ocupava o cargo de ministra-chefe da Casa Civil, e, em debate promovido por televisões católicas, durante as eleições de 2010, disse não ser favorável ao aborto, tratando-o como uma questão de saúde pública⁶⁰.

Tal presença no discurso ressalta a relevância política que o assunto tomou no processo eleitoral, embora a discussão não tenha tratado o aborto como tema de saúde pública, mas voltada para as posições e as disputas entre candidatos, o embate entre partidos e dirigentes políticos, grupos religiosos e a exploração eleitoreira do tema.

Como apontado anteriormente, há uma inversão na centralidade dos termos *nós* e *eu* no discurso de Dilma que, objetivando uma maior autonomia ao longo da campanha, começa a descolar um pouco sua imagem do governo Lula e assume a forma singular na primeira pessoa. Deste modo, o pronome *eu*, que antes possuía grau de centralidade de 3,55% na série anterior, passa a ter 23,15% nessa série sobrepondo a forma coletiva *nós*, com 13,66%. Novamente, tal reposicionamento da fala da candidata é tão veemente que o termo *Lula* que possuía alto grau de centralidade na fase anterior (ver tabela 5.1), sequer aparece como central nessa série (ver tabela 5.3).

⁵⁹ Em outubro de 2007, em sabatina ao jornal *Folha de S. Paulo*, Dilma declarou: “*Olha, eu acho que tem que haver a descriminalização do aborto. Hoje, no Brasil, isso é um absurdo que não haja a descriminalização.*” *Folha de S. Paulo*, 4 de outubro de 2007.

⁶⁰ Em setembro de 2010, no Debate na CNBB/Rede Vida, Dilma explicou: “*Eu também tenho uma posição clara em defesa da vida. Nós, seres humanos, temos que respeitar, temos que honrar e sobretudo temos que perceber a dimensão transcendente dela. Por isso, eu não acredito que mulher alguma seja favorável ao aborto. O aborto é uma violência contra a mulher. Eu pessoalmente, não sou favorável ao aborto. Como presidente da República, eu terei, se eleita, que tratar da questão das milhares de mulheres pobres desse país que usam métodos absolutamente, eu diria assim, bárbaros, e que correm sistematicamente risco de vida. Elas têm que ser protegidas. E é nesse sentido que eu falei sempre que isso é uma questão de saúde pública.*”

**TABELA 5.3: Medidas de Centralidade de Grau - Dilma Série II
(15 termos mais centrais)**

Termos	Centralidade de Grau
	NrmDegree
é	27.619
eu	23.148
nós	13.660
país	4.253
foi	3.623
fazer	3.606
importante	3.405
governo	3.258
brasil	2.996
considero	2.895
acho	2.758
ser	2.504
ter	2.445
tem	2.370
hoje	2.293

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: **NrmDegree** é o valor normalizado e representa o percentual de conexões de um nó sobre o total da rede

A análise centro-periferia possibilita também outras constatações referentes ao ajuste no discurso da candidata nesta fase. A reorientação argumentativa de Dilma pode ser percebida também pela mudança de centralidade dos termos *governo*, *Lula*, *presidente*, *Brasil* e *país*. Na primeira série tais termos aparecem como centrais, já nesta fase da campanha aparecem na periferia da rede, juntamente com outras formas que remetem às demandas sociais.

Assim, o grupo central é constituído apenas pelos termos: *é*, *eu* e *nós*. Os demais termos ocupam a periferia da rede: *acho*, *acredito*, *área*, *brasil*, *candidato*, *casa*, *considero*, *crise*, *dizer*, *educação*, *escolas*, *está*, *fazer*, *foi*, *gente*, *governo*, *hoje*, *importante*, *inclusive*, *lula*, *luz*, *marina*, *meu*, *milhões*, *minha*, *nossa*, *país*, *pessoas*, *plínio*, *pode*, *política*, *população*, *presidente*, *processo*, *queria*, *quero*, *questão*, *refere*, *são*, *saúde*, *ser*, *sou*, *tem*, *temos*, *ter*, *vida* e *vou*.

Quatro subgrupos de termos podem ser identificados nessa série e podem ser visualizados na tabela 5.4. Destacam-se alguns pontos:

- i. O termo *eu*, que aparecia em apenas um *clique* na série anterior, surge em todos os subgrupos, sempre associado aos termos *nós* e *governo*, o que revela a reorientação da fala discutida anteriormente.
- ii. O terceiro *clique* demonstra o movimento de reposicionamento, inserindo o pronome pessoal *eu* na cena enunciativa.

TABELA 5.4: Cliques - Dilma Série II

Cliques	Termos
1	brasil, é, eu, governo, nós, país
2	brasil, é, eu, governo, nós, tem
3	é, eu, governo, lula, nós
4	é, eu, foi, governo, nós

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Passemos agora à terceira série que engloba a confirmação ou a redefinição dos objetivos propostos, o fechamento do período de campanha eleitoral e a votação para o segundo turno.

Dilma parece retomar o discurso da primeira série. Assim, a candidata recorre a valores concretos como *Brasil*, *país* e *gente* e discorre sobre as demandas sociais expressas nos termos *educação*, *saúde* e *segurança*, por exemplo.

Como se destacou nas séries anteriores, existia um esforço para associar Dilma aos resultados sociais do governo Lula na tentativa de construção de uma candidatura de continuidade de uma proposta de governo. Ao longo da campanha, o que se percebeu foi um distanciamento gradativo do discurso baseado no presidente. Assim é que nas enunciações dessa série, prossegue a transformação da pessoa verbal *nós* para *eu*, e o termo *Lula* praticamente desaparece, não se configurando mais como central, conforme tabela 5.5, a seguir, que apresenta os termos mais centrais da rede.

Nessa série, Dilma resgata a utilização do termo *mulher* em sua estratégia argumentativa de diferenciação e unicidade (o *lugar da essência* de Perelman),

expresso também na primeira série. Mas os verbos no passado dão lugar aos que expressam ações futuras do seu mandato.

O termo *aborto* que surgiu na série anterior aparece com maior veemência, por 14 vezes, e surgem novos termos relacionados à corrupção. Na campanha eleitoral de 2010, a prática da denúncia de corrupção voltou a ocupar o cenário político. Conforme descrito no capítulo que versa sobre o discurso político eleitoral, pelo menos três episódios tornaram-se elementos importantes no embate direto entre o candidato Serra e a candidata Dilma: a quebra de sigilo fiscal de Verônica Serra, o episódio Erenice Guerra e o esquema Paulo Preto, este último envolvendo não o PT, mas o PSDB. Deste modo, são comuns nessa série termos como: *processo*, *polícia*, *investigação*, *propina*, *calúnias*, *Erenice* e *Paulo*.

**TABELA 5.5: Medidas de Centralidade de Grau - Dilma Série III
(15 termos mais centrais)**

Termos	Centralidade de Grau
	NrmDegree
é	40.915
eu	39.640
nós	12.429
tem	4.535
importante	4.001
brasil	3.579
governo	3.467
pro	3.253
qualidade	3.227
educação	3.090
exemplo	2.959
considero	2.910
vou	2.825
processo	2.810
questão	2.712

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: NrmDegree é o valor normalizado e representa o percentual de conexões de um nó sobre o total da rede

A figura 5.4 representa a rede de termos utilizada pela candidata nessa série.

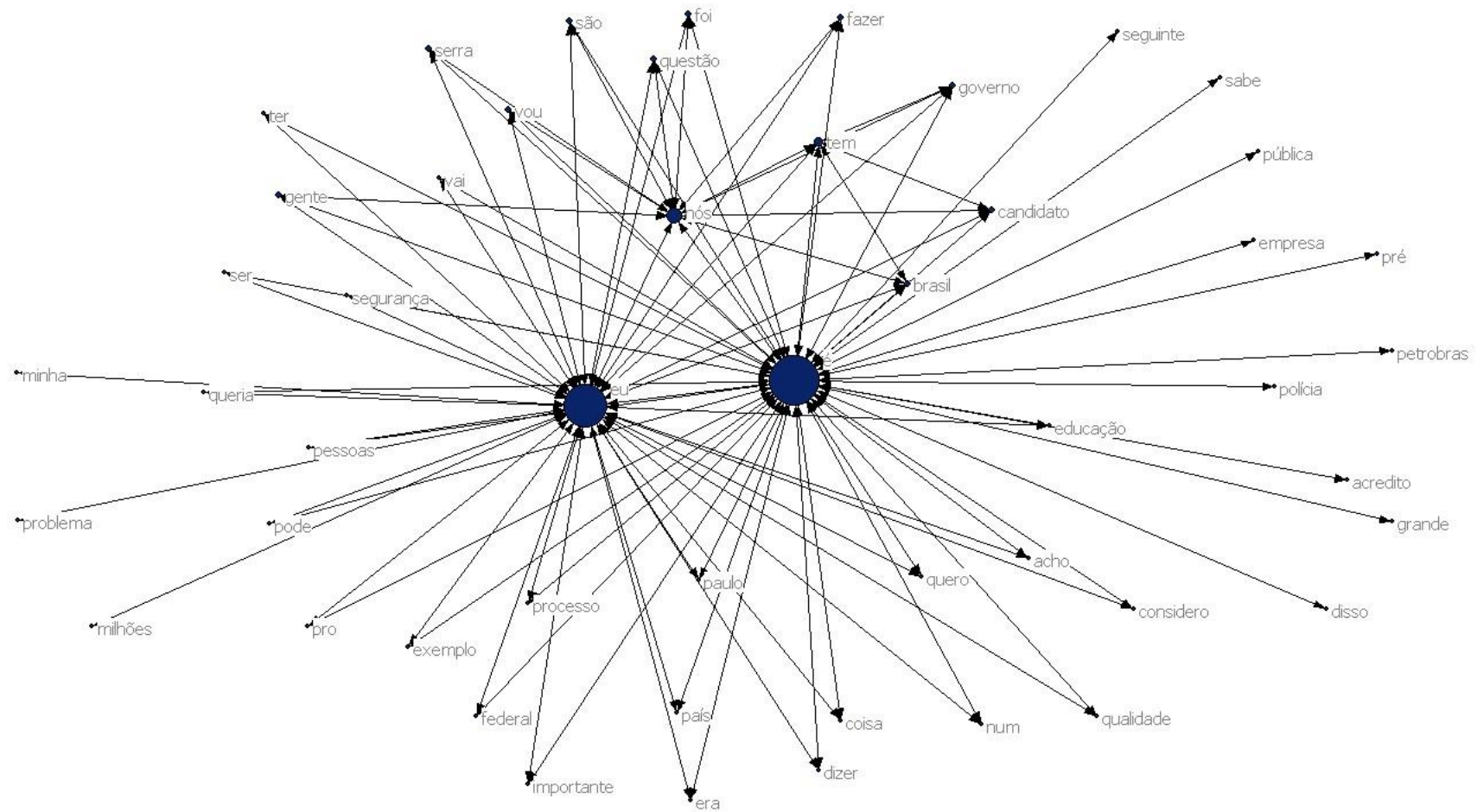


FIGURA 5.4: Rede terminológica - Dilma Série III

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: Rede com 50 termos apresentados segundo medida de centralidade de grau

O grupo central de termos dessa série é formado por: *acho, brasil, considero, é, educação, eu, importante, nós, tem*; enquanto que a periferia contempla os demais: *acredito, candidato, coisa, disso, dizer, empresa, era, exemplo, fazer, federal, foi, gente, governo, grande, milhões, minha, num, país, paulo, pessoas, Petrobras, pode, polícia, pré, pro, problema, processo, pública, qualidade, queria, quero, questão, sabe, são, seguinte, segurança, ser, serra, ter, vai e vou*.

A análise centro-periferia destaca alguns aspectos: o termo *Brasil* volta a pertencer ao grupo central e o termo *Lula*, como já esclarecido, que se apresentava no grupo central, na primeira série, passou a constituir a periferia na segunda, e desaparece na terceira. Destaque para os termos associados ao tema corrupção como *paulo* (que faz uma remissão ao episódio envolvendo Paulo Preto), *polícia* e *segurança*, e para a prevalência dos verbos que ensejam a ideia de um futuro próximo.

Os subgrupos formados nessa série, que podem ser visualizados na tabela 5.6, revelam muito pouco sobre a estratégia da candidata. Apenas pelo verbo *ter*, na forma *tem*, que expressa as ações a serem realizadas em seu projeto de governo, caso seja eleita.

TABELA 5.6: Cliques - Dilma Série III

Cliques	Termos
1	é, eu, governo, nós, tem
2	brasil, é, eu, nós, tem
3	candidato, é, eu, nós, tem

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Finalizando a análise diacrônica dos termos da candidata da situação, a quarta série contempla o discurso de posse.

A rede terminológica que representa a última série dos discursos de Dilma pode ser visualizada na figura 5.5, a seguir.

De fato, existe certa liturgia nos discursos de posse em que há uma reafirmação do acordo estabelecido com o eleitorado que elegeu o candidato, uma remissão ao governo anterior, principalmente porque Dilma representava o *terceiro mandato de Lula*, uma fala permeada por agradecimentos a aliados e consolidação de alianças futuras, e uma projeção de um país desejado que seria viabilizado pelo novo incumbente. Muitas vezes, tais discursos ganham um tom pedagógico, objetivando conduzir seu público a aderir determinadas ideias por meio de uma estrutura dramatúrgica, por vezes imaginária. Mas Dilma inovou, fazendo do discurso de posse uma lista de obras e projetos em andamento e que precisam melhorar ou continuar, e uma homenagem às mulheres, que com ela chegam pela primeira vez à presidência da República.

Seu discurso teve como característica primeira incitar o aumento de adesão do auditório sobre as crenças a respeito do que foi acordado com os eleitores durante toda a campanha eleitoral, aliada à ideia de vontade política do povo. Assim, como observado nas séries anteriores, mantêm-se os termos que remetem aos valores concretos como *Brasil, país, nação, sociedade* e os adjetivos pátrios *brasileiro, brasileiros, brasileira e brasileiras*.

A presidente inclui a participação popular através dos sintagmas *queridos brasileiros* e *queridas brasileiras* – uma referência aos *companheiros* e *companheiras* de Lula, ao se referir às ações futuras e ao reconhecer, em certa medida, os problemas brasileiros, expressos nos termos *social, saúde, miséria, ensino* e *ambiental* (ver Figura 5.5).

No discurso prevalecem os *lugares da qualidade, da ordem* e *da pessoa* de Perelman à medida que se enaltece a figura do ex-presidente e se aborda a participação da candidata no governo de Lula para justificar seu preparo para o cargo. O termo *Lula* que foi desaparecendo ao longo da campanha para que Dilma pudesse se apresentar com maior independência, reaparece e é pronunciado por 10 vezes. Desse modo, em seu discurso, Dilma valoriza a gestão anterior, mas sobrevaloriza a continuidade e seu ideário de renovação. Para tanto, utiliza termos que remetem a planos futuros do governo, através dos substantivos: *compromisso*,

desenvolvimento, investimento e crescimento, e dos verbos: vamos, ampliar, avançar, continuará, garantir, melhorar e consolidar.

Por fim, a argumentação sobre a participação ativa das mulheres na vida do país presente durante toda a campanha eleitoral de Dilma é destacada. Dilma fala sobre ser a primeira *presidenta* do país através dos termos *mulher* e *mulheres*. Para citar um exemplo:

*“Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma **mulher**. (...) Venho para abrir portas para que muitas outras **mulheres**, também possam, no futuro, ser presidenta; e para que - no dia de hoje - todas as brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser **mulher**. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada **mulher** brasileira. Meu compromisso supremo é honrar as **mulheres**, proteger os mais frágeis e governar para todos!”* (Dilma, Série IV, Discurso posse)

Os termos mais centrais nessa série são apresentados na Tabela 5.7. Como destacado anteriormente, em discursos de posse é usual a referência aos substantivos pátrios e aos governos anteriores como objetos de acordo, o que justifica a posição de centralidade de tais termos na rede.

**TABELA 5.7: Medidas de Centralidade de Grau - Dilma Série IV
(15 termos mais centrais)**

Termos	Centralidade de Grau
	NrmDegree
é	33.52
nossa	10.155
país	8.449
brasileiros	8.240
brasil	6.242
minha	5.839
brasileiras	5.548
meu	4.629
queridos	4.415
nosso	4.075
governo	3.781
queridas	3.360
ser	2.642
qualidade	2.482
vida	2.373

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: NrmDegree é o valor normalizado e representa o percentual de conexões de um nó sobre o total da rede

O grupo central identificado pela análise centro-periferia, que pode ser visualizado na Figura 5.5, é formado por: *brasil, brasileiras, brasileiros, é, meu, minha, nossa, nosso, país, qualidade, queridas e queridos*. A força de relacionamento entre os termos que compõem os sintagmas *Queridos Brasileiros* e *Queridas Brasileiras* é expressa 12 vezes no discurso. Já a periferia contempla os termos: *ação, ambiental, ampliar, avançar, avanço, brasileiro, carinho, compromisso, coragem, crescimento, desenvolvimento, ensino, famílias, governo, grande, grandes, investimento, longo, maior, miséria, mulher, mundo, nação, nossos, política, povo, presidente, produto, quero, saúde, ser, será, serviços, social, sociedade, toda, vida e vou*.

Da análise dos *cliques*, que podem ser visualizados na tabela 5.8, destacam-se dois pontos:

- i. Os termos que remetem aos valores concretos estão presentes em todos os *cliques*.
- ii. Todos os termos que compõem os subgrupos são centrais na rede, exceto o termo *ação*, presente no *clique* 9, que, embora não apresente centralidade de grau por conter poucos contatos diretos com os demais atores e encontrar-se na periferia da rede, participa de um subgrupo que expressa bem a argumentação em torno dos projetos de ação realizados e futuros, tão ressaltados no discurso de posse de Dilma.

TABELA 5.8: Cliques - Dilma Série IV

Cliques	Termos
1	brasileiras, brasileiros, é, governo, nossa, país
2	brasileiras, brasileiros, é, meu, nossa, país
3	brasil, brasileiras, brasileiros, é, nossa, país
4	brasileiros, é, meu, minha, nossa, país
5	brasil, brasileiros, é, minha, nossa, país
6	brasileiros, é, nossa, nosso, país
7	brasileiras, brasileiros, é, meu, nossa, ser
8	brasil, brasileiras, brasileiros, é, nossa, ser
9	ação, brasil, brasileiras, brasileiros, é, país
10	brasil, é, minha, país, vida

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Finalizada a análise temporal dos discursos de Dilma, dirigimos nossa avaliação para os termos do candidato Serra.

Como discutido ao longo da nossa análise, a estratégia discursiva de Serra, durante a campanha presidencial, foi ambígua: nem situação, nem oposição direta. Sob o lema da sua coligação *O Brasil pode mais*, ele afirmava ser o mais capacitado para continuar com os projetos da gestão do governo Lula bem-aceitos pela população, e melhorar aquilo que estava ruim. Um exemplo é a menção, nessa série, ao programa assistencialista *Bolsa Família*.

Embora a referência ao governo Lula não seja encontrada em nenhuma forma empregada por Serra, nessa série, a forma *governo* foi utilizada de maneira majoritária pelo candidato, aparecendo como um termo central na rede, com grau de centralidade de 7,23% (ver Tabela 5.9, a seguir). Serra apresenta-se como um contraste perfeitamente oposto ao discurso de Dilma quanto à utilização desse termo, que foi empregado para discursar sobre características que devem possuir um governante e criticar a gestão vigente, como já destacado anteriormente.

De maneira análoga à candidata da situação, percebe-se a recorrência aos termos *Brasil, país, gente, povo, pessoas, brasileiros e brasileiras* carregados de valor cívico e que se prestam a um processo de emoção eufórica. Como pode ser observado na tabela 5.9, os termos *Brasil, brasileiro* e *país* são centrais na rede e possuem grau de centralidade igual a 23,29%, 8,64% e 4,49%, respectivamente.

Outro destaque refere-se ao conjunto de termos em torno de demandas sociais como *saúde, trabalho, emprego, educação, infraestrutura*, dentre outros. Tais termos são utilizados pelo candidato em sua proposta de mudança, e aparecem de maneira mais atenuada se comparados à utilização dessas mesmas formas por Dilma.

Um último aspecto dessa série diz respeito aos verbos utilizados pelo candidato que sugerem a ideia de transformação, como: *fazer, construir, melhorar, crescer* e *precisa*, e verbos que expressam os feitos realizados na vida pública passada como *fiz* e *aprendi*, seguidos do substantivo *vida*. Sobressai a utilização do pronome

peçoal *eu*, central na rede, em detrimento do pronome *nós*, oposta ao uso da candidata Dilma na mesma série da campanha.

**TABELA 5.9: Medidas de Centralidade de Grau - Serra Série I
(15 termos mais centrais)**

Termos	Centralidade de Grau
	NrmDegree
é	34.002
brasil	23.291
fazer	10.263
são	8.986
brasileiros	8.638
governo	7.227
eu	6.778
minha	6.482
ser	6.408
vida	6.279
país	4.491
tem	4.240
nosso	3.889
falar	3.308
pode	3.254

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: NrmDegree é o valor normalizado e representa o percentual de conexões de um nó sobre o total da rede

A figura 5.6, a seguir, apresenta a rede de termos vinculada à primeira série do candidato.

A análise centro-periferia ressalta um grupo central formado pelos termos: *brasil, brasileiros, é, eu, fazer, governo, minha, são, ser e vida*. Como dito anteriormente, tais termos são utilizados em uma dupla estratégia argumentativa: como acordos que remetem a *valores concretos* e ao *lugar da pessoa* quando o candidato atribui sua capacidade aos feitos realizados no passado e à sua história de vida. Os demais termos formam a periferia da rede: *acredito, amigos, anos, democracia, desenvolvimento, deve, devemos, estado, falar, fui, gente, há, hoje, juntos, maior, maioria, meu, meus, milhões, mim, minhas, nossa, nossas, nosso, país, pessoas, pode, política, povo, prazer, presidente, pública, quer, saúde, sim, sou, tem, tenho, trabalho e vamos*.

Da análise dos *cliques* apresentados na tabela 5.10 destacam-se os seguintes aspectos:

- i. O termo *Brasil* aparece em todos os subgrupos ressaltando a centralidade do termo na rede e a importância como objeto de acordo.
- ii. O termo *vida*, utilizado pelo candidato para expressar suas capacidades pessoais e funcionais, aparece sempre associado ao pronome pessoal *eu* ou ao substantivo *governo*.
- iii. Os verbos *vamos* e *fazer* aparecem próximos, remetendo à ideia de ações projetadas para o futuro.

TABELA 5.10: Cliques - Serra Série I

Cliques	Termos
1	brasil, é, eu, fazer, governo, são
2	brasil, é, eu, governo, são, vida
3	brasil, é, governo, são, ser, tem
4	brasil, brasileiros, é, eu, são, vida
5	brasil, brasileiros, é, são, tem
6	brasil, brasileiros, é, são, vamos
7	brasil, é, fazer, são, vamos
8	brasil, é, eu, minha, vida
9	brasil, é, fazer, nosso, vamos
10	brasil, brasileiros, é, pode, vamos

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Passemos para a discussão da segunda série de Serra. Contrapondo com a série anterior, observa-se um aumento no uso de termos relacionados às demandas sociais como *saúde, ensino, saneamento, educação e segurança*. Como discutido anteriormente, na análise da mesma série da candidata Dilma, tal preponderância deve-se ao fato do dispositivo enunciativo utilizado e da fase da campanha presidencial em questão.

Continua a ênfase nos valores concretos *país e Brasil*. Em relação aos verbos empregados, Serra adota a primeira pessoa do singular e prefere os verbos no futuro, expressando ações do seu programa. Ressalta-se, ainda, o aumento exponencial do pronome pessoal *eu*, utilizado por 255 vezes, contra 36 na primeira série, representado também pelo grau de centralidade do termo que é alterado de 6,78% para 23% (ver tabelas 5.9 e 5.11).

Na série anterior, viu-se que o termo Lula não foi mencionado pelo candidato, mas aparece nessa série por 13 vezes e o léxico PT, referente ao Partido dos Trabalhadores, é mencionado 24 vezes – um movimento contrário ao de Dilma. Tal emprego deve-se ao ataque ao governo, realizado por Serra, devido aos episódios de corrupção. Apesar de a corrupção constituir-se, no cotidiano político nacional, como uma prática muito ampla e não circunscrita a um governo específico, coube a José Serra a iniciativa verbal de denúncia de fatos localizados exclusivamente no período de gestão do presidente Lula, em que possíveis irregularidades pudessem ser identificadas. Assim, surgem novos termos em sua enunciação, tais como: *sigilo, dossiê, mensalão, vazamento e corrupção*. Destaca-se, ainda, o confronto de posições: em Serra, os termos referentes à corrupção surgem na segunda série e o termo *aborto* na terceira, enquanto que em Dilma ocorre uma inversão: o termo *aborto* aparece na segunda série e os termos relacionados à corrupção na terceira.

Conforme discutido no capítulo que versa sobre o cenário político das eleições de 2010, esses temas serviram de agenciamento dos debates e das entrevistas na campanha eleitoral, sendo provavelmente responsáveis pela estagnação do crescimento da candidata Dilma, e talvez impedindo sua vitória no primeiro turno. Embora importantes, tais termos não aparecem como centrais na série.

A tabela 5.11, a seguir, apresenta as medidas de centralidade para os termos da série. Observa-se a inversão de centralidade dos termos *eu* e *Brasil*. *Brasil* não aparece como termo mais central, excluindo a posição do verbo *é*. Dado o dispositivo enunciativo onde foram proferidos os discursos em análise, acredita-se que tal mudança denota uma adaptação da fala do candidato, buscando reforçar o lugar da pessoa e distanciando um pouco de propostas mais gerais que englobem o valor concreto Brasil.

**TABELA 5.11: Medidas de Centralidade de Grau - Serra Série II
(15 termos mais centrais)**

Termos	Centralidade de Grau
	NrmDegree
é	47.741
eu	23.001
tem	5.689
governo	5.646
são	4.208
dizer	3.391
anos	2.939
brasil	2.804
acho	2.800
hoje	2.729
está	2.701
olha	2.508
coisas	2.369
nós	2.364
saúde	2.227

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: NrmDegree é o valor normalizado e representa o percentual de conexões de um nó sobre o total da rede

A figura 5.7, a seguir, ilustra os termos utilizados nesta série.

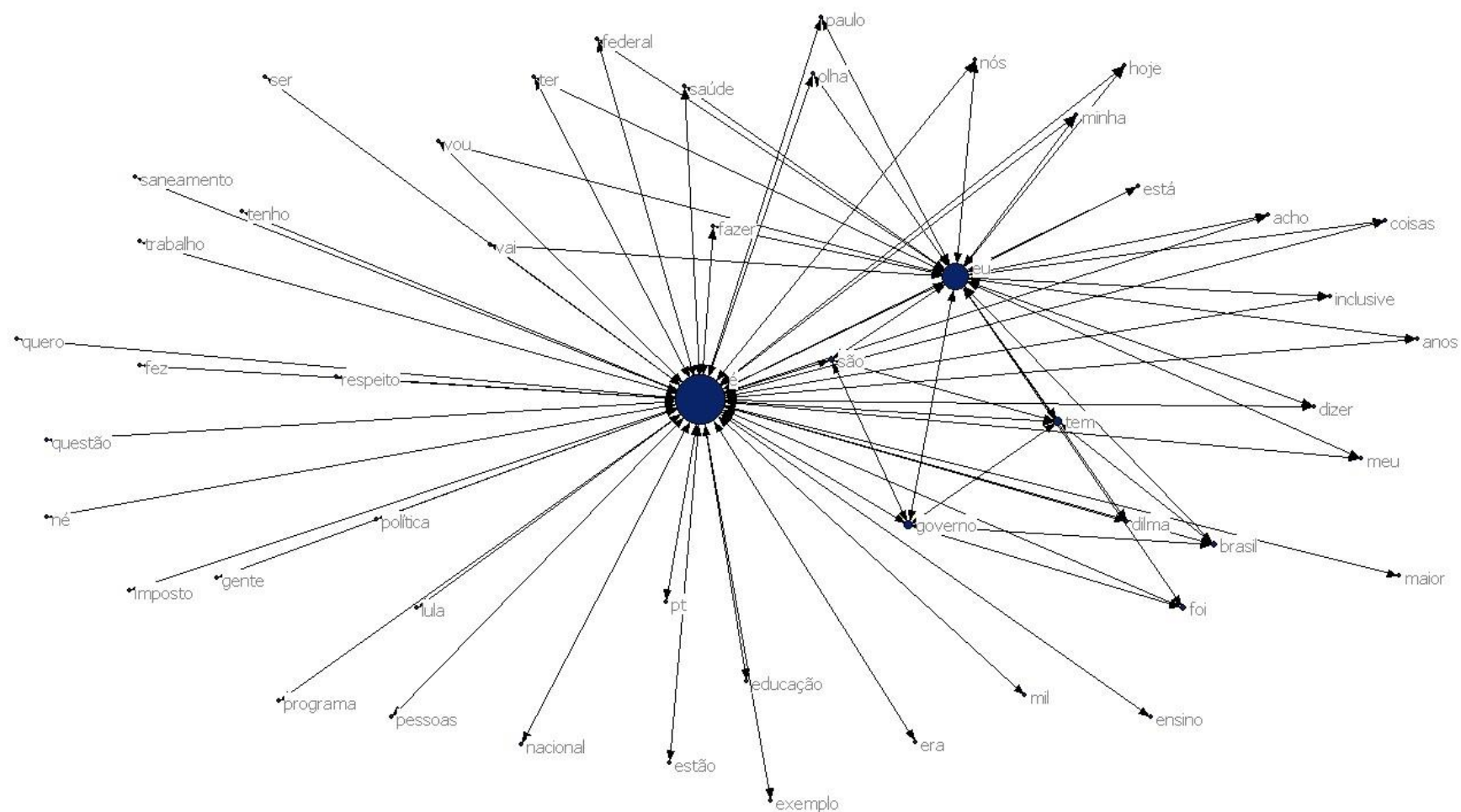


FIGURA 5.7: Rede terminológica - Serra Série II

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: Rede com 50 termos apresentados segundo medida de centralidade de grau

O grupo central identificado pela análise centro-periferia é composto dos termos: *acho, anos, dizer, é, eu, governo, são e tem*. A periferia contempla os seguintes termos: *brasil, coisas, dilma, educação, ensino, era, está, estão, exemplo, fazer, federal, fez, foi, gente, hoje, imposto, inclusive, lula, maior, meu, mil, minha, nacional, né, nós, olha, paulo, pessoas, política, programa, pt, quero, questão, respeito, saneamento, saúde, ser, tenho, ter, trabalho, vai e vou*.

Salienta-se a presença, mesmo que na periferia da rede, dos termos *Lula* e *PT* em referência aos casos de corrupção. Evidencia-se a utilização do termo *programa* que faz alusão à promessa política, seguido de verbos no tempo futuro e termos comuns à fala do candidato como o sintagma nominal *São Paulo* e o termo *saúde*, em referência às experiências políticas anteriores de Serra.

Nessa série encontram-se apenas dois *cliques*, que podem ser visualizados na tabela 5.12, formados por termos que expressam o mote da campanha de Serra, qual seja, *O Brasil pode mais*, ou, dito em outras palavras, Serra encarna o candidato que possui os melhores atributos para continuar e melhorar o projeto do governo Lula, associando os termos *eu, governo, Brasil e tem*, como exemplificado no trecho a seguir:

“O crime organizado hoje é cada vez mais nacional e o combate ao crime não pode ser apenas estadual, o governo federal tem que se envolver bastante mais do que tem se envolvido, até porque a constituição entrega essa responsabilidade aos estados. Mas nós temos que mudar isso, e pra isso inclusive, eu vou criar o Ministério da Segurança, que vai condensar, sintetizar todos os esforços federais.” (Serra, Série II, Debate TV Bandeirantes - 1º turno)

TABELA 5.12: Cliques - Serra Série II

Cliques	Termos
1	brasil, é, eu, governo, tem
2	é, eu, governo, são, tem

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Por fim, são analisados os termos da terceira série. Como visto, surge nessa série o termo *aborto*, embora não configure como central na rede. Serra, quando ocupava o Ministério da Saúde em 1998, assinou uma norma técnica que orientava o método de aborto em casos de estupro. Na campanha eleitoral, voltou a se dizer contrário ao aborto e admitiu a possibilidade de mudanças na legislação⁶¹. Em sua encenação discursiva, utiliza o termo para confrontar diretamente a candidata Dilma, acusando-a de ter mudado de posição sobre o assunto ao longo da campanha eleitoral. Os termos relacionados à *corrupção*, incluindo *Lula e PT* – este último central na rede (ver tabela 5.13), presentes na série anterior, intensificam-se pelo menos em grau quantitativo e a eles são agregadas novas formas como: *esquema*, *polícia*, *vítima*, *escândalos*, *telefonema* e *mentiras*.

De maneira oposta à candidata Dilma, o pronome *eu* aparece como central durante toda a campanha de Serra, sobrepondo a utilização da forma coletiva *nós*. Como vimos, há uma inversão a partir da segunda série no discurso de Dilma que, objetivando uma maior autonomia ao longo da campanha, descola um pouco sua imagem do governo Lula e assume a forma singular na primeira pessoa.

Como na série anterior, permanecem os termos relacionados a demandas sociais e verbos ligados ao seu projeto de mudança, comum nessa fase da campanha.

A figura 5.8 apresenta a rede terminológica representativa dessa série.

⁶¹ “Eu não mexeria na atual legislação. (...) Eu, pessoalmente, acho o aborto uma coisa terrível, mas independentemente disso, em um país como o nosso, hoje, nas condições atuais, isso liberaria coisa de uma verdadeira carnificina.” Em Sabatina à *Folha de S. Paulo*, no dia 21 de junho de 2010.

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet
Obs.: Rede com 50 termos apresentados segundo medida de centralidade de grau

As medidas de centralidade são mostradas na tabela 5.13. Como na série anterior, permanece a utilização efetiva do pronome *eu*, sobrepondo o uso da forma coletiva ligada à nação – *Brasil*.

**TABELA 5.13: Medidas de Centralidade de Grau - Serra Série III
(15 termos mais centrais)**

Termos	Centralidade de Grau
	NrmDegree
é	30.836
eu	23.865
foi	5.421
brasil	5.225
nós	5.002
tem	4.967
governo	4.563
são	3.655
relação	3.362
fui	3.275
pessoas	2.472
federal	2.312
pt	2.186
está	2.095
fundamental	1.893

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: NrmDegree é o valor normalizado e representa o percentual de conexões de um nó sobre o total da rede

O grupo central, identificado pela análise centro-periferia, é composto dos termos: *ano, anos, brasil, coisa, dilma, é, ensino, era, está, eu, fazer, federal, foi, fui, governo e nós*. A periferia contempla os demais termos: *área, dinheiro, dizer, educação, exemplo, fundamental, gente, hoje, inclusive, minha, ministro, nacional, né, olha, outra, paulo, pessoas, pode, presidente, pro, pt, quero, questão, relação, são, saúde, segurança, ser, tá, tem, ter, vai, vida e vou*. Tal série engloba os textos de debates e entrevistas no segundo turno; por isso, o termo *Dilma* aparece no grupo central, expressando o confronto direto entre os candidatos.

Apenas três *cliques* foram identificados nessa série e podem ser visualizados na figura 5.8. Os subgrupos ressaltam a associação dos termos *eu, governo e brasil* com o verbo *tem*. Serra utiliza tal combinação de termos ora para falar da situação

atual do país, fazendo críticas ao governo, ora para dizer de sua capacidade e das coisas que têm que ser feitas.

TABELA 5.14: Cliques - Serra Série III

Cliques	Termos
1	brasil, é, eu, governo, são, tem
2	brasil, é, eu, foi, governo, tem
3	brasil, é, eu, nós, tem

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Por fim, cabe a análise diacrônica dos termos de Marina Silva. A candidata apresentou uma argumentação baseada em uma posição ora situacionista, ora oposicionista. Situacionista na medida em que se apresentava como ex-gestora do governo Lula e oposicionista quando apontava os erros da gestão e propunha modificações.

Nessa fase da campanha, Marina apoiou sua argumentação em dois aspectos: (i) o discurso ancorado nos feitos realizados como ex-ministra na gestão do presidente Lula, associando, inclusive, sua história de vida à dele, com a utilização dos termos *Lula*, *Ministério do Meio Ambiente*, *presidente*, *vida*, *companheiro* e *companheira*, e (ii) o fato de ser mulher negra e de família humilde, destacando-se os termos *mulher*, *coração* e *família*.

Embasada na proposta de implementação de políticas de preservação ambiental e de desenvolvimento e exploração sustentável, o discurso de Marina recorreu, nessa série, a termos como: *sustentabilidade*, *qualidade*, *recursos*, *energia*, *planeta*, *defesa*, *carbono*, *diversidade*, *floresta*, *ambiental* e *sustentável*.

De maneira similar a outros candidatos, estão presentes termos relacionados às demandas sociais e são centrais termos como *Brasil*, *pessoas* e *gente*. Como também observado nas séries iniciais dos outros candidatos, termos que apontam para a ideia do Estado brasileiro são utilizados de forma preponderante como objeto de acordo inicial entre o candidato e o eleitorado. Tome-se, como exemplo, o substantivo *Brasil* que possui centralidade de grau de 7,74% (ver tabela 5.15).

Como em Serra, prevalecem os verbos que remetem a um tempo futuro de realizações, como em: *fazer*, *quero*, *precisa* e *construir*, e prepondera a utilização das formas na primeira pessoa do singular.

A tabela 5.15 apresenta os termos mais centrais na rede. Destaque para os termos que remetem à ideia de nação ou coletivo, como apontado anteriormente, e aos verbos que contrastam a ação futura – como *fazer*; com os que reportam o estado atual – como *ser* e suas flexões.

**TABELA 5.15: Medidas de Centralidade de Grau - Marina Série I
(15 termos mais centrais)**

Termos	Centralidade de Grau
	NrmDegree
é	51.789
brasil	7.736
fazer	5.919
pessoas	4.753
ser	4.348
temos	2.163
gente	2.051
coisa	2.041
quero	1.956
guilherme	1.930
meu	1.924
nova	1.897
vai	1.896
são	1.835
há	1.751

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: NrmDegree é o valor normalizado e representa o percentual de conexões de um nó sobre o total da rede

A análise centro-periferia aponta para a formação de um grupo central constituído pelos termos *anos*, *brasil*, *coisa*, *é*, *fazer*, *pessoas* e *ser*. Enquanto que a periferia engloba os termos: *crise*, *desafio*, *dizer*, *educação*, *está*, *estado*, *estamos*, *estou*, *eu*, *faz*, *fazendo*, *foi*, *forma*, *gabeira*, *gente*, *grande*, *guilherme*, *há*, *jogo*, *meu*, *meus*, *minha*, *nós*, *nova*, *novo*, *obrigada*, *pode*, *política*, *presidente*, *programa*, *queremos*, *quero*, *são*, *social*, *sociedade*, *sustentabilidade*, *tem*, *temos*, *tempo*, *ter*, *vai*, *vamos* e *vida*.

Como destacado anteriormente, Marina utilizou uma dupla estratégia argumentativa: a que realçava sua unicidade enquanto mulher e sua história de vida – para tanto apoiou-se nos termos *eu, meu, meus, minha, tempo* e vida –, e sua ligação com o ex-presidente Lula, utilizando os termos: *presidente, social e sustentabilidade*.

A figura 5.9 ilustra a rede terminológica para essa série. Se comparada com as redes de seus opositores, a rede de Marina apresenta uma configuração mais esparsa, ou, dito de outra forma, os termos possuem poucas conexões entre si. Tal constatação justifica-se pela ausência de *cliques* ou subgrupos com, pelo menos, cinco termos nessa série. Como pode ser observado na figura, três pequenos subgrupos mostram-se mais conectados, formados pelos termos *brasil, fazer e ser*; *brasil, fazer e temos*, e *brasil, pessoas e fazer*. Acredita-se que a ausência de *cliques* deva-se ao fato da argumentação de Marina ser mais *heurística* (van EEMEREN; GROOTENDORST, 2004), portanto, marcada pela racionalidade, pelos saberes de conhecimento (CHARAUDEAU, 2006) e fundada na estrutura do real (PERELMAN; OLLBRECHTS-TYTECA, 1996), em oposição aos outros dois candidatos oponentes que utilizam uma argumentação mais *erística*.

Na segunda série, Marina parece repetir o discurso realizado na série anterior. Poucos pontos merecem destaque, exceto o aumento, em termos quantitativos, da utilização de formas relacionadas às demandas sociais: *educação, infraestrutura, meio ambiente, segurança, ensino, saneamento e trabalho*, e às propostas do seu governo: *desenvolvimento, reforma, desafios, programa, compromisso, propostas e investimento*. Permanece a referência ao ex-presidente Lula, através da forma *governo*, os verbos que denotam ações a serem realizadas, como *vamos, ter e fazer*, e termos relacionados ao meio ambiente. A forma *Brasil* aparece com menos frequência, desaparecendo do grupo central e o pronome pessoal *eu* torna-se central no discurso da candidata (ver tabela 5.16) .

Conforme realçado anteriormente, a candidata procurou se eximir de temas conflituosos. Assim, não faz nenhuma menção ao tema aborto, ainda que tenha utilizado o termo *corrupção*, presente na gestão do ex-presidente Lula da qual participara.

A rede terminológica que representa a série atual pode ser visualizada na figura 5.10. Comparando-a com a da série anterior, percebe-se um aumento das relações entre os termos, embora não seja possível identificar subgrupos.

A tabela 5.16 apresenta a centralidade dos termos da série. Destaque para as formas *eu*, *nós* e *governo* inexistentes na série anterior e que aparecem como centrais nessa série.

**TABELA 5.16: Medidas de Centralidade de Grau - Marina Série II
(15 termos mais centrais)**

Termos	Centralidade de Grau
	NrmDegree
é	33.970
eu	30.041
nós	7.858
governo	3.095
problema	3.039
educação	2.994
anos	2.588
nosso	2.554
serra	2.544
vamos	2.415
dilma	2.403
ter	2.263
fazer	2.215
possa	2.187
minha	2.064

Fonte: Dados do estudo gerados com auxílio da ferramenta Ucinet

Obs.: NrmDegree é o valor normalizado e representa o percentual de conexões de um nó sobre o total da rede

Por fim, a análise centro-periferia mostra os termos *anos*, *dilma*, *é*, *eu* e *nós* como grupo central, evidenciando o embate direto entre as candidatas nos debates e entrevistas que compõem a série. Os demais termos constituem o grupo periférico: *brasil*, *casa*, *coisas*, *debate*, *desenvolvimento*, *desse*, *dito*, *educação*, *está*, *estão*, *fazer*, *foi*, *forma*, *fundamental*, *gente*, *governo*, *minha*, *nosso*, *país*, *pergunta*, *pessoas*, *política*, *população*, *possa*, *presidente*, *problema*, *qualidade*, *questão*, *reforma*, *relação*, *são*, *segundo*, *ser*, *serra*, *tem*, *temos*, *tempo*, *tenha*, *tenho*, *ter*, *vai*, *vamos*, *vida*, *visão* e *vou*.

A abordagem metodológica, aqui desenvolvida, que propõe um jogo de desconstrução e reconstrução dos sentidos através da análise dos termos comuns, dos específicos e dos diacrônicos possibilitou perceber a mobilização dos termos pelos candidatos nas diferentes ênfases argumentativas, ressaltando a situação de uso e as apropriações semânticas. Esse monitoramento semântico permite melhor compreender as configurações e remanejamentos das trocas discursivas em domínios dinâmicos, tal como o político, e, conseqüentemente, reduzir o *gap* entre a formulação conceitual e sua representação em diferentes dispositivos no âmbito da Ciência da Informação.

Isto fica evidenciado nas três redes mapeadas e apresentadas a seguir, que representam o vocabulário que cada candidato utilizou durante toda a campanha eleitoral. De maneira geral, os candidatos recorrem às mesmas unidades lexicais, com algumas modificações significativas ao longo tempo. A presença de termos que remetem ao Estado Brasileiro e às demandas sociais é comum em todas as fases, constituindo-se como objetos de acordo iniciais atrelados ao contrato de comunicação eleitoral e ao gênero discursivo político. A referência à forma governo também é recorrente, seja de forma exacerbada, como feito por Dilma, nas séries iniciais para designação da gestão do governo Lula; ou para referenciar um modelo de governança ideal ou, ainda, como lugar da crítica, como efetuado por Serra e Marina. Por outro lado, a singularidade no emprego dos termos atua como estratégia argumentativa de diferenciação pelos candidatos, vinculada à proposta ecológica e de sustentabilidade de Marina, sua história de vida e o fato de ser mulher; este último utilizado também por Dilma, além da imagem de gestora eficiente e da escolhida de Lula; ou à trajetória política e à biografia de Serra. Ainda, os verbos que denotam atividades vinculadas ao passado são mais afeitos à candidata da situação, enquanto que os que remetem a ações de um futuro próximo são evidenciados nas proposições dos candidatos da oposição. Finalmente, destacam-se as polarizações semânticas dos termos diacrônicos, utilizados no ajuste da estratégia argumentativa dos candidatos, dadas as alterações na cena enunciativa, de forma particular, e à dinamicidade do domínio político, de maneira geral. Tais constatações são sumarizadas no quadro 5.1, a seguir.

	TERMOS COMUNS	TERMOS ESPECÍFICOS	TERMOS DIACRÔNICOS
Dilma Rousseff	SEMANTIZADOS DE MANEIRA SEMELHANTE Estado Brasileiro (Brasil, País, Nação). Adjetivos pátrios: brasileiro/brasileira. Demandas sociais.	Lula e suas designações. Utilização da forma coletiva NÓS. Mulher. Verbos no passado e na primeira pessoa do plural, que remetem à ideia de continuidade – Mote da campanha: <i>Para o Brasil Seguir Mudando</i> (Candidata da situação).	Predominância do pronome NÓS e do termo Lula nos discursos da primeira série. Substituição no uso do pronome NÓS pelo pronome EU a partir da segunda série. Ausência do termo Lula e demais designações a partir da segunda série. Retomada apenas no discurso de posse. Utilização dos termos aborto e corrupção nas séries próximas às votações.
José Serra		Verbos no futuro, que remetem à ideia de mudança – Mote da campanha: <i>O Brasil Pode Mais</i> (Candidato da oposição). Termos associados à história de vida e à experiência política. Utilização majoritária do pronome pessoal EU.	Emprego preponderante do pronome EU, superior ao uso da forma Brasil. Ausência da forma Lula nas primeiras séries e prevalência do termo Governo. Termos relacionados à corrupção com ataque direto à oposição e uso das formas Lula e PT. Uso do termo aborto.
Marina Silva		Termos associados ao meio ambiente e à sustentabilidade. Mulher, negra e pobre. Verbos no futuro (Candidata da oposição). Termos ligados à história de vida e participação no governo Lula.	Uso regular em todas as séries das formas que remetem às demandas sociais e projetos sustentáveis. Utilização de verbos no futuro próximo.

QUADRO 5.1: Panorama analítico

Fonte: Elaborado pela autora

Nestes termos, a proposta possibilita, a partir da identificação dos conceitos vinculados aos termos – sua contextualização e orientações, uma pesquisa ampliada por termos recorrentes que cada candidato utiliza e por termos que tendem a ficar próximos uns dos outros, de acordo com o período de campanha em que foram proferidos, por exemplo. Propicia também a construção de uma rede sintagmática destinada a expressar as relações entre os termos, considerando-se o contexto particular onde aparecem. E, por fim, permite o estabelecimento de relações de sinonímia não evidentes a princípio ou de relações inusitadas entre o vocabulário utilizado pelo usuário e o utilizado para indexar os documentos, por exemplo. Argumenta-se, assim, que essa elaboração, viabilizada pela perspectiva interdisciplinar, é adequada para abordar o campo discursivo eleitoral atual e sua posterior representação em domínios dinâmicos.

5.2. Com que roupa eu vou? As regularidades enunciativas do discurso político eleitoral

*Uma 'época' não preexiste aos enunciados que a exprimem, nem às visibilidades que a preenchem. São os dois aspectos essenciais: por um lado, cada estrato, cada formação histórica implica uma repartição do visível e do enunciável que se faz sobre si mesma; por outro lado, de um estrato a outro varia a repartição, porque a própria visibilidade varia em modo e os próprios enunciados mudam de regime.*⁶²

Conforme abordado no capítulo que versa sobre os procedimentos metodológicos, nesta seção será efetuada uma análise contrastiva entre os discursos de confirmação de candidatura proferidos nas eleições presidenciais brasileiras de 2010 e os do pleito anterior, de 2006. Assim, são contrastados os discursos de Dilma Rousseff (PT) e de José Serra (PSDB) pronunciados nas eleições de 2010 com os de Lula da Silva (PT) e de Geraldo Alckmin (PSDB), de 2006⁶³. O objetivo de tal comparação é evidenciar algumas regularidades discursivas presentes no discurso político eleitoral. Ressalta-se que, ainda que estruturalmente, esses discursos tomados em nossa análise diferenciem-se por pertencerem a períodos e situações diferentes, com protagonistas distintos, embora vinculados à mesma composição partidária, são vistos como representativos para identificação das tendências discursivas presentes nesse domínio.

Em linhas gerais, a presente tese objetivou propor uma abordagem metodológica que possibilitasse a representação da informação em domínios dinâmicos. Vimos argumentando, ao longo desta pesquisa, a importância de se levar em consideração o aspecto dinâmico inerente a qualquer domínio da prática social, em oposição à

⁶² DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1998, p. 58.

⁶³ São analisados os discursos dos dois principais candidatos às eleições de 2006, disputada também pela Senadora Heloísa Helena (PSOL), pelo Senador Cristovam Buarque (PDT), o ex-Deputado José Maria Eymael (PSDC), o empresário Luciano Bivar (PSL), e a cientista política Ana Maria Rangel (PRP). O candidato Rui Pimenta (PCO) teve sua candidatura impugnada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), embora seu nome constasse na cédula de votação. O Presidente em exercício, Luiz Inácio Lula da Silva, venceu as eleições, no segundo turno, com 60,83% dos votos, contra 39,17% de Geraldo Alckmin.

simples adoção de atributos contextuais que configuram uma situação. Deste modo, dada nossa evidência à dinamicidade discursiva, a princípio, pode parecer contraditório buscar tal regularidade no discurso. Por outro lado, examinando nossos percursos teórico e metodológico, tal contradição torna-se ilusória, considerando que ao caracterizar o discurso político vimos como ele se encena e coloca em cena um dizer e um fazer políticos restringidos por uma série de limitações do gênero discursivo ao qual ele se encontra atrelado, mas são também determinados pela cena enunciativa particular de cada eleição. Ainda, ao apresentar nossa abordagem metodológica, discutimos os termos comuns, os específicos e os diacrônicos dos candidatos, o que evidencia, em certa medida, uma regularidade do dizer político.

Neste contexto, pensamos que a caracterização das regularidades passa por duas possibilidades distintas. Em uma primeira, mais ampla, apresentamos similaridades entre os discursos políticos eleitoral de 2006 e 2010. Em uma segunda, mais restrita, destacamos as singularidades do discurso político eleitoral de acordo com a posição do candidato: situação ou oposição. Assim como efetuado anteriormente, nossa análise é pautada por um jogo de desconstrução e reconstrução dos sentidos, tendo como base a extração das unidades lexicais do discurso, em um primeiro momento, e sua posterior inserção na cena enunciativa, buscando-se a identificação das estratégias argumentativas que cada candidato utiliza.

Deste modo, partindo-se para a identificação das similaridades entre os discursos, observa-se que termos como *Brasil*, *Estado*, *País*, *sociedade*, *povo* e *Nação*, relacionados aos valores concretos que remetem à ideia de um ser coletivo, servem como objetos de acordo iniciais entre o candidato e o eleitorado nas duas eleições. Tais termos aparecem, usualmente, associados a um valor positivo, presente em vários sintagmas como *Brasil justo*, *País mais forte*, *País mais moderno*, *País mais igualitário*, *Brasil democrático*, utilizados com o objetivo de despertar um sentimento de pertencimento. Na mesma linha destacam-se os termos que remetem aos adjetivos pátrios: *brasileiro*, *brasileira*, *brasileiros* e *brasileiras*, embora a forma feminina apareça mais realçada nas eleições de 2010. Como exemplificado nos trechos:

*É a força do sonho de um **povo** que sempre lutou e jamais perdeu a esperança. E que levou à presidência um trabalhador que provou que um novo **Brasil** é possível. Um **Brasil justo**, um **Brasil forte**, um **Brasil democrático**, um **Brasil independente**. Cheio de oportunidades para todas as **brasileiras** e os **brasileiros**. (Dilma Rousseff)*

*Nunca chegaremos ao **Brasil justo** que desejamos enquanto tantos **brasileiros** tiverem menos do que precisam para sobreviver com dignidade. (José Serra)*

*O chamamento para continuar a luta de construção de um **Brasil mais justo e independente**, onde cada **brasileiro** possa fazer três refeições todos os dias; possa ter emprego, educação e saúde; possa viver em um país cada vez mais moderno e humano; e possa, acima de tudo, ter esperança de um futuro cada vez melhor. (Lula da Silva)*

*Posso resumir meus objetivos em poucas palavras: quero um **Brasil mais justo, menos desigual**, com **menos miséria, mais oportunidades**. (...) Quero ser um presidente à altura do **Brasil**, um presidente à altura do **povo brasileiro**. Um líder verdadeiro, um presidente como o **Brasil** precisa e merece. (Geraldo Alckmin)*

Como já abordado, o discurso de confirmação de candidatura se articula em torno do mote da campanha eleitoral e orienta-se para os fatos políticos e as proposições que poderão ganhar destaque nos programas de governo de cada candidato. Deste modo, termos que se referem às demandas sociais ocorrem com frequência, tais como: *economia, saúde, educação, segurança, infraestrutura, meio ambiente, tecnologia e cultura*, seguidos dos termos *desenvolvimento, investimento, crescimento* que denotam ações em relação a essas áreas. Os fragmentos a seguir elucidam tal emprego:

*O pré-sal, como já disse o presidente Lula, é o nosso passaporte para o futuro. Seus recursos não devem ser gastos apenas para a geração presente. Devem formar uma robusta poupança para servir a todas **brasileiras** e **brasileiros**, com **investimentos em educação, cultura, meio ambiente, ciência e tecnologia** e combate à pobreza. (Dilma Rousseff)*

*A maioria dos **brasileiros** quer **investimentos** que qualifiquem e ofereçam **empregos** a cada pessoa que deseje trabalhar. Eu também quero. (José Serra)*

*Mas se tivesse que destacar uma só área de prioridade máxima, para um próximo governo, eu citaria a **educação**. Se reeleito, pretendo intensificar ainda mais o esforço que estamos fazendo para revolucionar a qualidade da **educação** no Brasil. (Lula da Silva)*

***Saúde, Educação e Segurança** fazem parte do tripé essencial de serviços que precisam de dedicação extra e **investimentos**. (Geraldo Alckmin)*

A remissão a tais termos está diretamente relacionada às *promessas de campanha* expressas nas formas *programa* e *propostas*. Assim, é usual a referência, em ambos os pleitos, aos planos e projetos de promoção e proteção social desenvolvidos

durante a gestão a que cada candidato se encontra vinculado, como ilustrado a seguir:

Para o Brasil, companheiros e companheiras, seguir mudando, é preciso voltar a fazer o planejamento urbano, revigorar a meta de prover serviços públicos fundamentais como água e esgoto sanitário. E aumentar a paz social dentro das nossas cidades. Melhorar o ambiente das cidades é uma ação urgente e necessária, já iniciada com o Programa de Aceleração do Crescimento. (Dilma Rousseff)

Para realizar esta grande tarefa, não basta apenas ser eleito ou dizer que vai fazer. É preciso conhecer bem o Brasil, conhecer o governo e ter projetos que ampliem e acelerem o que está sendo feito. Não é necessário que eu diga a vocês. Chega de promessas. Aqueles que sabem fazer são aqueles que farão. (Dilma Rousseff)

Dou outro exemplo de projeto, para a Saúde: vamos ter, ao final de dois anos, em todos os Estados, 150 AMEs, Ambulatórios Médicos de Especialidades, policlínicas com capacidade para realizar 27 milhões de consultas e fazer 63 milhões de exames por ano. (José Serra)

Além da ajuda financeira a 11 milhões de famílias, o Bolsa Família está hoje integrado, entre outros programas, com o Brasil alfabetizado; com o Pronaf em ações na área da agricultura familiar; com o PETI, que é o programa de erradicação do trabalho infantil, e com o Sentinela, que combate a exploração sexual da criança e do adolescente. Não estamos dando esmola. Estamos transferindo renda, garantindo o direito à alimentação e ampliando a cidadania. (Lula da Silva)

O PETI, Bolsa-Escola e Bolsa-Alimentação, criados pelo governo Fernando Henrique, significaram um salto de qualidade nas políticas sociais, ao estenderem às crianças a proteção antes limitada aos idosos e adultos. Além disso, inovaram ao combinar o auxílio em dinheiro a ações de educação e assistência à saúde, visando ajudar os filhos dos pobres a escapar da armadilha da pobreza. Vamos retomar o acompanhamento das transferências de renda associadas à educação, saúde, segurança e oportunidades, para assegurar, de fato, a superação da pobreza. (Geraldo Alckmin)

Argumentamos que essa regularidade no discurso político eleitoral, identificada através dos termos destacados acima, está relacionada com o contrato de comunicação estabelecido nesse domínio. Logo, o contrato candidato-eleitor sinaliza aos parceiros sobre seus comportamentos discursivos, ou, dito de outra forma, o candidato escolhe certas formas disponíveis no léxico, que são reconhecidas entre os sujeitos da interlocução a partir do compartilhamento de eventos no cenário político, para efetivar sua estratégia argumentativa. Como apontado anteriormente, acreditamos que tal regularidade também esteja associada à posição assumida pelo candidato: como governista ou como opositor.

Em seguida, abordaremos essa constância discursiva em função dos discursos da oposição e da situação.

O termo *governo* é tomado de forma diferenciada entre os candidatos situacionistas e oposicionistas. Dilma e Lula pautam seus discursos em argumentos quantitativos, que destacam as realizações do governo, e utilizam termos que remetem ao coletivo – estratégia argumentativa esperada para candidatos da situação, como nos excertos a seguir:

*Entre outras coisas, vamos investir para informatizar todos os tributos. Ampliar a base de arrecadação e diminuir as alíquotas dos impostos. Outra grande meta do **governo Lula**, que **nós vamos** completar e que foi realizada, mas **iremos** aprofundá-la, é a desoneração do investimento. Porque ele melhora o crescimento econômico.* (Dilma Rousseff)

*Nos **nossos** três anos e meio de **governo**, **transferimos** para as famílias carentes um volume de recursos 36% maior, em proporção ao PIB, que nos oito anos do **governo deles**.* (Lula da Silva)

*Para não cansá-los com outros números, resumo o restante numa frase: **fizemos** em 42 meses mais que eles em 8 anos. Porém, mesmo que **tivéssemos** feito o dobro, ainda seria pouco, frente a imensa dívida social deixada por séculos de descaso com os mais pobres deste país.* (Lula da Silva)

Já nos discursos de Serra e Alckmin observa-se a preponderância dos *lugares da qualidade*, de *valores abstratos* e do *lugar da pessoa*. Tal fato se justifica justamente pela posição oposicionista ao governo, ou, dito de outra forma, os *valores quantitativos*, associados aos números, são mais afeitos ao candidato da situação, enquanto que os *valores mais qualitativos* ao candidato da oposição.

Dessa forma, o termo *governo* é utilizado para realização de um discurso pautado por críticas ao governo do presidente Lula, tanto do ponto de vista ético quanto no que se refere aos resultados de suas políticas; ou para evidenciar as características desejáveis de uma gestão eficiente, garantidas, é claro, por suas candidaturas. Embora Serra não utilize a forma Lula diretamente, Alckmin faz remissão ao termo por sete vezes, como exemplificado nos trechos abaixo:

*Pra mim **governo** tem que garantir as oportunidades e buscar a igualdade. **Governo** tem que ser justo. As necessidades e esperanças que, à frente do **governo**, queremos preencher, são as da maioria dos brasileiros.* (José Serra)

*Pior: além do crescimento medíocre, o **Governo Lula** não fez nada, absolutamente nada, para que as condições de crescimento no futuro sejam melhores. Nenhuma das reformas estruturais. Nada. Não avançamos na infraestrutura, andamos para trás nas agências reguladoras, pioramos no front do sistema tributário, aumentamos o custo Brasil com a adição do custo PT.* (Geraldo Alckmin)

É comum aos candidatos, tanto da oposição, quanto da situação, apoiar a argumentação em suas biografias, suas qualidades pessoais e suas realizações como políticos.

Lula reforça a imagem de quem governa para os mais pobres, a partir de sua história de vida e de algumas de suas ações como Presidente, especialmente o aumento do poder de compra do salário mínimo e ações sociais, como os projetos *Bolsa Família* e o *Luz para Todos*:

*Por **minha história pessoal** e **minha formação política** sou um homem que defendo a cultura do trabalho. E sei que somente com emprego e educação uma pessoa pode, definitivamente, melhorar de vida.* (Lula da Silva)

Volto a ser candidato porque demos às classes mais pobres um alto índice de crescimento de renda e de poder de consumo. E porque tenho a certeza de que podemos continuar reduzindo a desigualdade social que ainda é grande no nosso país. (Lula da Silva)

Dilma fala enquanto mulher e gestora eficiente, o braço direito de Lula, responsável por inúmeros projetos como o *Minha Casa, Minha Vida* e o *Plano de Aceleração do Crescimento – PAC*:

*E não é por acaso que, depois desse grande homem, ele pode ser governado por uma **mulher**. Um Brasil de Lula com a alma e coração de **mulher**.* (Dilma Rousseff)

***Participei** da concepção e da coordenação do **Programa Minha Casa, Minha Vida**, a pedido do presidente Lula. Esse programa, portanto, **eu sei** como fazer para avançar mais.* (Dilma Rousseff)

Serra e Alckmin apresentam-se como os mais capacitados para o cargo, apoiando suas argumentações principalmente em suas trajetórias políticas:

*Comigo, o povo brasileiro não terá surpresas. Além das minhas **convicções** e da minha **biografia**, além das minhas **realizações** e dos **princípios** que defendo, me apresento perante a nação com uma ideia clara de Governo e com prioridades anunciadas.* (José Serra)

Em São Paulo, no meu governo, conseguimos estender a todos os professores o acesso ao curso superior. Todos, agora, tem diploma universitário. Quero levar essa experiência bem-sucedida para o Brasil. (Geraldo Alckmin)

Outra questão importante refere-se às formas verbais utilizadas pelos candidatos. A análise dos verbos aponta para dois aspectos. O primeiro indica a preponderância de verbos no tempo passado pelos candidatos da situação para designar atividades realizadas na gestão atual; de maneira oposta, os candidatos da oposição preferem o tempo futuro para se dirigir a ações que serão efetivadas em suas propostas de governo, como demonstrado nos trechos abaixo:

Garantimos subsídios que evitam os preços dos financiamentos insuportáveis para os mais pobres. **Mobilizamos** o setor privado e **simplificamos** a burocracia. (Dilma Rousseff)

Volto a ser candidato porque **conseguimos recuperar** uma economia que **encontramos** profundamente fragilizada. Porque **provamos** que é possível garantir, ao mesmo tempo, estabilidade, crescimento e distribuição de renda. Porque **provamos** que é possível ter crescimento econômico com geração de empregos e inclusão social. E porque queremos provar que é possível ampliar estas conquistas ainda mais. (Lula da Silva)

Na economia, meu compromisso **é fazer** o Brasil crescer mais e mais rapidamente. **Vamos abrir** um grande canteiro de obras pelo Brasil inteiro, como fizemos em São Paulo. Estradas, portos, aeroportos, trens urbanos, metrô, as mais variadas carências na infraestrutura **serão enfrentadas** sem os empecilhos das ideologias que nos impedem de dotar o Brasil do capital social básico necessário. (Serra)

Reduzir as desigualdades regionais **é acabar** com as diferenças de oportunidades. E o meu governo não **poupará** esforços **para dar** passos gigantescos nesta direção. Esse é um compromisso que assumo, diante da Nação. Junto com a economia, nossa prioridade **será** a educação. (Geraldo Alckmin)

O segundo aspecto refere-se a como os candidatos articulam os verbos no discurso em torno das ideias de *continuidade* e *mudança*. Esses reforços de necessidade de modificações presentes no nome das coligações de Serra e Alckmin, respectivamente: *O Brasil Pode Mais* e *Por um Brasil Decente*, e de crenças no realizado, expressos nas coligações de Dilma e Lula: *Para o Brasil seguir mudando* e *A força do povo* encarnam as teses principais dos candidatos da oposição em torno do polo de *mudança* – algo foi feito, mas deve melhorar, e dos candidatos da situação em torno do polo de *continuidade* – no mesmo rumo, mas progredindo.

Assim, destacam-se as formas compostas que se dirigem ao futuro próximo, empregadas por Lula e Dilma em suas propostas de continuidade, como em: *seguir mudando, vamos ampliar, pretendo manter, continuar aprofundando e precisamos continuar*, e por Serra e Alckmin em seus projetos de mudança, como em: *vamos reformar, vamos mudar, vamos melhorar, vamos construir, vamos trabalhar para aumentar e vamos reinventar*.

*Para o Brasil **seguir mudando**, é preciso **continuar a investir** maciçamente em infraestrutura. **Vamos seguir estimulando** por meio do Programa de Aceleração do Crescimento. Para o Brasil **seguir mudando**, temos que **continuar modernizando** a política de desenvolvimento regional, reconhecendo as particularidades de cada estado, cada região. (...) Estou falando de **ampliar** o emprego e **melhorar** o salário. De **continuar** o grande trabalho desse grande presidente que é Lula. (Dilma Rousseff)*

*Sou outra vez candidato não por ambição, mas porque o projeto de mudança do **Brasil tem que continuar**. Volto a ser candidato porque o Brasil, hoje, está melhor do que o Brasil que encontrei três anos e meio atrás, mas **pode – e precisa – melhorar** muito mais. (Lula da Silva)*

***Vamos gerar** mais empregos. Atividades produtivas e obras públicas que priorizam nossa gente e materiais feitos aqui. Significam postos de trabalho e renovação do ciclo de criação de riqueza, em vez de facilitarmos a solução de problemas sociais no estrangeiro. **Vamos estimular** a produção e o trabalho. **Vamos tirar** os obstáculos para a geração de riqueza e sua distribuição. Há muito por fazer. O Brasil pode muito mais. (José Serra)*

***Vamos construir** o sistema de saúde com a qualidade e competência gerencial que todos os brasileiros desejam e merecem. (...) **Vamos mudar** junto com o estímulo ao investimento privado, **vamos fazer** investimentos em infraestrutura e nas pessoas, sem o que não há desenvolvimento. (Geraldo Alckmin)*

*Mais que reformar, é preciso **reinventar** o Estado brasileiro em todo seu conceito. (Geraldo Alckmin)*

O percurso comparativo traçado até aqui entre os discursos de confirmação de candidatura esboçou algumas tendências discursivas que se repetem entre as falas dos candidatos nos dois pleitos. Ao mesmo tempo que os discursos aqui analisados determinam o distanciamento e a oposição em relação aos discursos de seus adversários, eles demarcam, por meio de variados recursos argumentativos, sua identidade com relação àqueles que os antecederam e os precedem. E, ainda que pertencentes a diferentes governos, eles guardam entre si relações de interdiscursividade. Além disso, a análise evidenciou que certos encadeamentos argumentativos são mais previsíveis e atualizam formatos mais recorrentes, caracterizando a presença de determinadas regularidades lexicais e semânticas no

nível discursivo, as quais tendem a permanecer de candidatura para candidatura ou de acordo com a posição político-partidária de onde elas são enunciadas.

Decerto, é fato incontestável que alguns discursos sociais requerem a enunciação de determinados léxicos como condição de sua existência; por exemplo, seria impossível conceber, no discurso político eleitoral, como ficou evidenciado em nossa análise, a ausência de termos que remetem ao Estado Brasileiro ou a demandas sociais (termos comuns aos candidatos), ou ainda do termo governo, mesmo que tomado com diferentes acepções semânticas (termo discursivizado). Como vimos ressaltando ao longo das reflexões da nossa pesquisa, se, por um lado, o contrato comunicacional político modula e restringe essas encenações do dizer, por outro lado, as estratégias argumentativas são adaptadas pelos interlocutores de acordo com a situação enunciativa.

Finalmente, destaca-se um ponto que nossa abordagem metodológica revelou: que a dupla movimentação entre o espaço interno do dizer – linguístico, e o espaço externo – situacional, é fundamentalmente necessária para a construção de instrumentos para a representação da informação em domínios dinâmicos. Esse movimento, que compreende tanto aquilo que estrutura o domínio em termos enunciativos, ressaltando as formas mais regulares, por exemplo, quanto aquilo que ordena a discursivização e que configura o discurso de acordo com elementos contingenciais, possibilitou perceber como os sujeitos se movem em um espaço no qual se configuram os *jogos argumentativos*, as *encenações languageiras* e as *redes terminológicas*, onde o dizer e o fazer políticos estão inextricavelmente associados.

6. As finalizações são sempre parciais...

Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de entrelaçamento perpétuo⁶⁴.

Ao longo da reflexão desenvolvida nesta tese, buscou-se a proposição de uma abordagem metodológica sociolinguístico-discursiva para a representação da informação em domínios dinâmicos que integrasse as duas dimensões do discurso, quais sejam, uma linguístico-enunciativa – referente às características internas do discurso, em termos de suas propriedades lexicais e de suas relações semânticas, e outra discursivo-situacional – concernente à situação de uso em que o discurso é produzido. Tal proposta considerou a dimensão linguística como aquela que modula a dimensão situacional sem determiná-la, e vice-versa, na medida em que o linguístico interage com o situacional, ressignificando-se mútua e dinamicamente. Buscando-se comprovar essa integração, a pesquisa adotou como objeto empírico os discursos proferidos pelos três principais candidatos à Presidência da República nas eleições brasileiras de 2010 e, ainda, a identificação das regularidades discursivas possibilitadas pela comparação de pleitos distintos.

É preciso insistir sobre um ponto que caracteriza a abordagem desenvolvida. Nossa proposta definiu-se em função de um desafio primordial: considerar a análise linguística como indissociável daquela do funcionamento de um discurso em situação. Sendo assim, a proposição aqui instituída demarca a passagem de uma perspectiva estritamente vinculada à língua para outra que ressalta as marcas discursivas e argumentativas inerentes às produções languageiras em determinado domínio.

⁶⁴ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996, p. 82-83.

Tal proposta foi operacionalizada através do nosso *jogo de desconstrução e reconstrução dos sentidos*, no qual os termos foram extraídos dos seus contextos discursivos, para depois serem inseridos novamente na cena enunciativa. Para tanto, o *jogo de desconstrução de sentidos* considerou a superfície discursiva dos textos analisados, objeto delimitado pelos índices lexicais quantificados, viabilizados em nossa proposta pelo método lexicométrico e pelas redes terminológicas – estratégia que nos aproximava da dimensão linguística, essencialmente enunciativa. Por outro lado, o *jogo de reconstrução de sentidos* buscou dar conta da dimensão discursiva e situacional dos pronunciamentos aqui analisados, uma vez que se ocupou das configurações retóricas e argumentativas que os envolvem, bem como da carga semântica dos termos enunciados, olhando, detidamente, para os modos de organização discursiva que os colocam na encenação discursiva.

Assim, em um primeiro momento, direcionamos nossa abordagem para uma análise contrastiva do *corpus*, identificando, primeiramente, os termos comuns aos candidatos, os específicos e os diacrônicos, para em seguida caracterizar as polarizações semânticas no uso de tais termos, de acordo com as contingências da situação, das restrições estabelecidas pelo contrato de comunicação político, e, sobretudo, pelas estratégias argumentativas baseadas em fatos, verdades, presunções e valores. De maneira complementar, analisamos as semelhanças e as diferenças entre os discursos proferidos no pleito de 2010 e no anterior. Tal contraste possibilitou verificar as mudanças ou as perenidades dos discursos e sua generalidade ou especificidade lexicais dependentes do contexto de produção e da dinamicidade do domínio em questão.

Certamente, no âmbito dos estudos da organização da informação, a reorientação teórica e metodológica empreendida nesta tese, especialmente àquela dedicada ao tratamento de um objeto de conhecimento fundamentado na integração entre essas duas dimensões (linguística e situacional), representou um avanço efetivo tanto para a Ciência da Informação quanto para outros campos do conhecimento que lidam com problemáticas semelhantes. Afirmativa que ganha maior força quando acenamos, a partir de nossos estudos, para a viabilidade de uma formalização explicativa que dê conta da representação da informação através da análise de alguns processos discursivo-argumentativos que são constitutivos da maneira como

os sujeitos efetivam os discursos sociais, dada a contingência em domínios dinâmicos.

Além disso, há que se destacar outras contribuições da pesquisa. Tomar os termos como *temas do discurso* possibilitou a representação de variados universos de referência que eles permitem acessar, uma vez que, conforme demonstrado, eles são dependentes dos percursos interpretativos realizados pelos sujeitos na complexidade de um discurso situado, ou, dito de outra forma, os termos operam como descritores discursivos de uma indexação também discursiva, e não mais lexical, subordinada ao domínio analisado.

Convém ressaltar, ainda, a utilização de abordagens úteis para o desenvolvimento e o aprimoramento de métodos para a construção de instrumentos de representação da informação em domínios dinâmicos como: o mapeamento de redes terminológicas que permitiu plotar uma topologia das inter-relações entre os termos utilizados pelos atores sociais em suas estratégias argumentativas; o emprego da metodologia de análise de redes sociais que possibilitou a identificação de termos correlatos utilizados com o mesmo teor semântico pelos candidatos, de termos recorrentes e de termos que tendem a ficar próximos uns dos outros, de acordo com o período de campanha em que foram proferidos; assim como uma análise semântico-discursiva dos termos que evidenciou e clareou a ideia de que a utilização de certos vocábulos e as relações estabelecidas entre eles derivam do assunto em evidência, comportam diferentes nuances de sentido e servem como ponto de entrada para a representação dos tópicos da dinâmica do domínio em questão.

A análise dos verbos também merece ser mencionada como uma contribuição significativa da tese, haja vista ter possibilitado representar uma estruturação das ações inerentes ao dizer político, seja pelo tempo verbal que se ajusta de acordo com a posição de cada candidato (situação ou oposição), ou pela flexão de número utilizada como estratégia argumentativa que ora se posiciona remetendo à ideia de coletivo, ora referenciado à capacidade individual.

Nossa incursão nos discursos de candidatura dos dois pleitos esboçou algumas tendências discursivas mais regulares e outras mais distintas, dependentes da situação enunciativa engendrada e das afiliações partidárias dos seus enunciadores. Os “novos” discursos políticos têm a função de reciclar as ideias dos discursos anteriores ou atribuir a eles uma nova roupagem. Desse modo, o uso de determinadas formas lexicais que remetem a diferentes modalidades de sentido, à escolha de certos lugares-comuns e valores em detrimento de outros são, para nós, escolhas jamais gratuitas do discurso político e constituem a rede discursiva utilizada na estrutura dramática que o constitui. Sem levar isso em consideração, qualquer tentativa de organizar esses discursos, sociais por natureza, postar-se-á como uma atividade representativa redutora de sua complexidade e dinamicidade.

Com isso, e em virtude do caráter social, linguístico e discursivo da metodologia proposta, acreditamos que essa metodologia possa ser aplicada a outros *corpora* do domínio político, segundo parâmetros distintos *de tempo* (em diferentes períodos históricos), *de espaço* (em contextos socioculturais diferentes: uma análise comparativa entre discursos proferidos no Brasil e na França, ou entre países da América Latina, por exemplo); *de subgêneros* (comparando discursos políticos eleitorais, discursos parlamentares, discursos de partido de uso interno e outros no espaço da política), ou, ainda, confrontando domínios distintos para estudar suas semelhanças e assimetrias (o domínio político, o midiático, o religioso, dentre outros).

Em nossos estudos, a aplicação da lematização foi preterida em virtude do objetivo desta tese, qual seja de avaliar as nuances e variações semânticas dos termos analisados. No entanto, a aplicação da lematização, operacionalizada no programa desenvolvido para criação das redes terminológicas, pode ser frutífera para o desenvolvimento de outros trabalhos no campo da organização da informação, bem como a utilização das rotinas empregadas para a geração de redes terminológicas em *corpora* diversos.

Para além das aproximações substantivas sobre o conteúdo lexical dos discursos e retórico-argumentativa em relação às encenações languageiras, pode-se desenvolver uma aproximação discursiva mais verticalizada sobre o funcionamento gramatical,

especialmente no que tange à utilização de verbos enunciativos e performativos, de advérbios modalizadores e o emprego excessivo ou comedido de adjetivos, dentre outras formas gramaticais. Tais usos podem sinalizar traços linguísticos e clivagens discursivas associadas ao lugar social e ideológico do locutor/enunciador ou revelar certo “amacramento discursivo”, por exemplo.

Por fim, é importante retomarmos aqui a indicação feita logo no capítulo introdutório desta tese, à qual sugeri aos leitores que a lessem não como um texto fechado, mas que a tomassem como um discurso, uma obra aberta por natureza. Tomá-la assim possibilita uma maior compreensão daquilo que vimos defendendo ao longo de todas essas páginas, que a linguagem é algo que está em ação, constituída e moldada no constante jogo das trocas comunicativas, porque o discurso é efetivamente um objeto dinâmico em perpétua reconstrução! Sendo assim, a pesquisa que ora se finaliza consolida em torno de si, no entrelaçamento do linguístico com o situacional, todo um vasto discurso, um discurso político e socialmente demarcado, mas também e por que não, um discurso de vida.

7. Referências

- AMAR, Muriel. «Indexation discursive» versus «indexation lexicale»: éléments de definition. *Terminologies nouvelles*, n.21, p.71-79, 2000.
- AMAR, Muriel. L'indexation aujourd'hui. *Les dossiers de l'ingénierie éducative*, n.49, p.61-65, 2004.
- AMAR, Muriel. *Les fondements théoriques de l'indexation: une approche linguistique*. 1997. 410f. Thesis (Sciences de l'Information et de la Communication). Université Lumière Lyon 2, 1997.
- AMOSSY, Ruth; KOREN, Roselyne (orgs.). *Après Perelman: quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques? L'argumentation dans les sciences du langage*. Paris: L'harmattan, 2002.
- AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a.
- AMOSSY, Ruth. Argumentation in discourse: a socio-discursive approach to arguments. *Informal Logic*, v.29, n.3, p.252-267, 2009.
- AMOSSY, Ruth. Ethos at the crossroads of disciplines: rhetoric, pragmatics, sociology. *Poetics today*, v.22, n.1., p.1-23, 2001.
- AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2006.
- AMOSSY, Ruth. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filologia e linguística portuguesa*, n.9, p.121-146, 2007.
- AMOSSY, Ruth. The argumentative dimension of discourse In: EEMEREN, F. H. van; HOUTLOSSER, P. (eds.). *Practices of argumentation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p.87-98, 2005b.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue*. Liège: Madarga, 1988.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- BAZZANELLA, C. The significance of context in comprehension: the 'WeCase'. *Foundations of science*, v.7, n.3, p.239-254, 2002.
- BEGHTOL, C. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. *Journal of documentation*, v.58 n.5, p.507-532, 2002.
- BEGHTOL, C. Semantic validity: concepts of warrant in bibliographic classification systems. *Library resources & technical services*, v.30, n.2, p.109-125, 1986.
- BELKIN, N. J.; ODDY, R. N.; BROOKS, H. M. ASK for information retrieval: Part I.

Background and theory. *Journal of documentation*, v.38, n.2, p.61-71, 1982a.

BELKIN, N. J.; ODDY, R. N.; BROOKS, H. M. ASK for information retrieval: Part II. Results of a design study. *Journal of documentation*, v.38, n.3, p.145-164, 1982b.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *The social construction of reality*. Garden City, NY: Doubleday, 1966.

BICK, E. *The parsing system "Palavras"*: automatic grammatical analysis of portuguese in a constraint grammar framework. Aarhus: Aarhus University Press, 2000.

BONNAFOUS, S.; TOURNIER, M. Analyse du discours, lexicométrie, communication et politique. *Langages*, v.29, n.117, Paris: Larousse, 1995, p.67-81.

BORGATTI, Stephen P.; EVERETT, Martin G. Models of core/periphery structures. *Social networks*, v.21, p.375-395, 1999.

BORGATTI, Stephen P.; EVERETT, Martin G.; FREEMAN, Linton C. *Ucinet for Windows*: software for social network analysis. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.

BOSCO, C.; BAZZANELLA, C. Contextualization in spoken language corpora. In: PUSCH, C.D.; RAIBLE W. (Orgs.). *Romanistische korpuslinguistik. Korpora und gesprochene sprache / romance corpus linguistics. Corpora and Spoken Language*, Gunter Narr Verlag, Tübingen, p. 19-30, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

BROOKES, B. C. The foundations of information science: Part I: Philosophical Aspects. *Journal of Information Science*, v.2, p.125-133, 1980.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte, *Anais...* Belo Horizonte, 2003.

CAREL, M. O que é argumentar? *Desenredo*, v.1, n.2, p.77-84. 2001.

CAREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 2005.

CARREIRÃO, Yan. *A decisão de voto nas eleições presidenciais brasileiras*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, Hugo [et al]. *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFGM : Carol Borges, 1999, p. 28-43.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. L'argumentation n'est peut-être pas ce que l'on croit, *Revue Le Français Aujourd'hui*, n.123, Association Française des Enseignants de français, Paris, 1998. Disponível em : <<http://www.patrick-charauveau.com/L-argumentation-n-est-peut-etre.html>>. Acesso em : 28 jun. 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langages et discours*. Paris: Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. *Le discours d'information médiatique: la construction du miroir social*. Paris: Nathan-INA, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, p. 5-43, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (Orgs.). *As Emoções no Discurso*. Rio de Janeiro : Lucerna, 2007, v.1, p.240-251.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MACHADO, Ida Lucia [et al]. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFGM, 2003, p. 23-37.

CINTRA, Ana Maria Marques [et al]. Do termo ao descritor. *Revista de comunicação & artes*, São Paulo, v.17, n. 28, p.75-82, jan./abr. 1994.

CINTRA, Ana Maria Marques [et al]. *Para entender as linguagens documentárias*. 2.ed. São Paulo: Polis, 2002.

CINTRA, Ana Maria Marques. Elementos de lingüística para estudos de indexação. *Ciência da informação*, v.12, n.1, p.5-22, 1983.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin. *Do mito à análise documentária: a luso assimilação*. 1987, 211f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

DERVIN, B. Given a context by any other name: methodological tools for taming the unruly beast. In: DERVIN, B.; FOREMAN-WERNET, L. (Eds.). *Sense-making*

methodology reader: selected writings of Brenda Dervin. Cresskill, NJ: Hampton Press, p.111-132, 2003.

DERVIN, B.; NILAN, M. Information needs and uses. *Annual Review of Information Science and Technology*, v.21, p.3-33, 1986.

DOURY, Marianne; MOIRAND, Sophie. (Orgs.) *L'argumentation aujourd'hui: positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

DUCROT, Oswald. Argumentation rhétorique et argumentation linguistique. In: DOURY, Marianne, MOIRAND, Sophie (Eds). *L'argumentation aujourd'hui : positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, p.17-34, 2004.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

EMEDIATO, Wander. A construção da opinião na mídia: argumentação e dimensão argumentativa. In. *A construção da opinião na mídia*, 2013, p.69-104.

EMEDIATO, Wander. Os gêneros discursivos como tipos situacionais. In: MARI, Hugo. [et al]. *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003, p.63-72.

EVERETT, Martin; BORGATTI, Stephen P. Extending centrality. In: CARRINGTON, Peter J.; SCOTT, John; WASSERMAN, Stanley (Ed.). *Models and methods in social network analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 57-76.

FREEMAN, Linton C. Centrality in social networks: conceptual clarification. *Social networks*, v.1, n.1, p.215-239, 1979.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio Luis. *Estructura lingüística de la documentación: teoría y método*. Murcia: Secretariado de Publicaciones, 1990.

GARDIN, J. C. et al. *La logique du plausible: essais d'épistémologie pratique*. 2. ed. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1987.

GARDIN, Jean-Claude. *Les analyses de discours*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1974.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOMES, Wilson. Transformações da política na era da comunicação de massa. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2007.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. *American journal of sociology*, Chicago, v.78, n.6, p.1360-1380, 1973.

GREIMAS, A. J. *Semiótica do discurso científico: das modalidades*. São Paulo: Difel, 1976.

GRIZE, J. Le point de vue de la logique naturelle: démontrer, prouver, argumenter.

In: DOURY, Marianne, MOIRAND, Sophie (Eds). *L'argumentation aujourd'hui : positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004, p. 35- 44.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches - traditional as well as innovative. *Journal of documentation*, v.58, p.422-462, 2002.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science. In: *Encyclopedia of library and information science*. New York: Marcel Dekker, 2004. p.1-7. Disponível em: <http://www.dekker.com/servlet/product/DOI/101081EELIS1200249_90>. Acesso em: 7 jul. 2012.

HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, v.46, p.400-425, 1995.

HUFSCMITT, Benoit; COTTON, Jean-Pierre; VARET-PIETRI, Marie-Madeleine. *Documentation et philosophie II: à propos de l'indexation discursive autour des travaux de Muriel Amar*. Besançon: Presses Universitaires Franc-Comtoises, 2003.

INGWERSEN, P.; JÄRVELIN, K. *The turn: integration of information seeking and retrieval in context*. Heidelberg: Springer, 2005.

KOBASHI, Nair Yumiko. *A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia*. 1994, 195f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária e representação da informação. *Informare*, v.2, n.2, p.5-27, 1996.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária e tipologias discursivas. In: CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin (Org.) *Análise documentária: considerações teóricas e experimentações*. São Paulo: FEBAB, 1989, p.31-44.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária: considerações sobre um modelo lógico semântico. In: CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin (Org.) *Análise documentária: considerações teóricas e experimentações*. São Paulo: FEBAB, 1989a, p.45-57.

KOBASHI, Nair Yumiko. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. *Datagramazero*, v.8, p.1-10, 2007.

KOBASHI, Nair Yumiko. Linguística textual e elaboração de informações documentárias: algumas reflexões. In: GASPAR, N. R.; ROMÃO, L. M. S. *Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na ciência da informação*. São Carlos: Edufscar, 2008, p. 47-66.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Linguística documentária e terminologia: experiência didática na interface das disciplinas. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 7, 2006, Marília. A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces

teóricas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação. *Anais...* Marília: UNESP : ANCIB, 2006.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. *A representação documentária: em jogo a significação*. 1993, 133p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentarias. *Ciência da informação*, v.22, n.3, 1993a, p.223-226.

LAZEGA, Emmanuel. *Réseaux sociaux et structures relationnelles*. Paris: PUF, 2007.

MAI, Jens-Erik. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. *Information processing and management*, v.41, p.599-611, 2005.

MAI, Jens-Erik. Folksonomies and the new order: authority in the digital disorder. *Knowledge organization*, v.38, n.2, p.114-122, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p.69-92.

MANIN, Bernard. As metamorfoses do governo representativo. *Revista brasileira de ciências sociais*, v.10, n.29, p. 5-34, 1995.

MARANDIN, Jean-Marie. À propôs de la notion de thème de discours. Éléments d'analyse das le récit. *Langue française*, n.78, p.67-87, 1988.

MARI, H. A promessa como ato de fala: suas implicações no discurso “político”. *GERAES - Revista de Comunicação Social*, n.48, Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 34-41.

MARTINS JÚNIOR, José Paulo. Modelo sociológico de decisão de voto presidencial no Brasil 1994-2006. *Revista debates*, Porto Alegre, v.3, n.2, p.68-96, 2009.

MATURANA, H. R. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, H. R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MATURANA, H. R. Realidade: a busca da objetividade, ou a procura de um argumento coercitivo. In: MAGRO, C.; GRACIANO, V.; VAZ, N. (Orgs.). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 243-326.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 4. ed. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *De maquinas y seres vivos – autopoiesis: la*

organización de lo vivo. 2. Ed., Santiago do Chile: Editorial Universitaria, 1994.

MOURA, Maria Aparecida; VENÂNCIO, Ludmila Salomão; AMORIM, Valéria Ramos. TRAÍDOS PELA PALAVRA? Negociações linguageiras em conjunturas políticas e suas repercussões na organização e recuperação da informação em contexto. In: Congresso Brasileiro de Organização e Representação do Conhecimento – ISKO, I, 2011, Brasília. *Anais...* Brasília, 2011.

MOURA, Maria Aparecida. Informação, ferramentas ontológicas e redes Sociais AD HOC: a interoperabilidade na construção de tesouros e ontologias. *Informação & Sociedade: estudos*, v.19, n.1, p.59-73, 2009.

MOURA, Maria Aparecida. Organização da informação em ambientes digitais: estudos e perspectivas. In: II Convergindo - seminário nacional de arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus, 2008, Maputo. *Anais...* Maputo: Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa, v. 1, 2008.

OTTE, Evelien; ROUSSEAU, Ronald. Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. *Journal of information science*, Cambridge, v.28, n.6, p.441-453, 2002.

PÉDAUQUE, R. T. *Document: forme, signe et médium, les re-formulations du numérique, premier texte*, 2003. Disponível em: <http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00000511>. Acesso em: 15 jun. 2010.

PÉDAUQUE, R.T. *Document et modernités*, troisième texte, 2006. Disponível em: <http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00001741>. Acesso em: 15 jun. 2010.

PÉDAUQUE, R.T. *Le texte en jeu: Permanence et transformations du document*, second texte, 2005. Disponível em: <http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00001401>. Acesso em: 15 jun. 2010.

PERELMAN, Chaïm. Argumentação. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v.II. p.234-265, 1987.

PERELMAN, Chaïm.; OLLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola, 2008.

PLANTIN, C., Analyse et critique du discours argumentatif. In: KOREN, R.; AMOSSY, R. (Orgs.). *Après Perelman: quelles politiques pour les nouvelles rhétoriques? L'argumentation dans les sciences du langage*. Paris: L'harmattan, 2002, p. 229- 263.

ROGERS, Richard. *Information politics on the web*. Boston: The MIT Press, 2004.

SMIT, Johanna W. *Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília: IBICT, 1987. SVENONIUS, Elaine. The intellectual foundation of information organization.

Cambridge: MIT Press, 2000.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira [et al]. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros. *Ciência da informação*, Brasília, v.21, n.3, p.197-200, 1992.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira.; LARA, Marilda Lopes Ginez de. O campo da lingüística documentária. *Transinformação*, Campinas, v.18, n.3, p.203-211, set./dez. 2006.

TALJA, S. Analyzing qualitative interview data: the discourse analytic method. *Library & information science research*, v.21, n.4, p.459–477, 1999.

TALJA, S., KESO, H., PIETILÄINEN, T. The production of context in information seeking research: a metatheoretical view. *Information processing and management*, v.35, p.751–763, 1999.

TALJA, S.; TUOMINEN, K. SAVOLAINEN, R. “Isms” in information science: constructivism, collectivism and constructionism. *Journal of documentation*, v.61, n.1, p.79-101, 2005.

TELLES, Helcimara de Souza; RUIZ, Letícia. Elecciones presidenciales brasileñas 2010: campaña electoral, presidente saliente y adscripción partidista. In: Congreso de la Asociación Española de Ciencia Política (AECPA). *Anais...*, 2011.

TOULMIN, S. *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

TUOMINEN, K.; SAVOLAINEN, R. Social constructionist approach to the study of information use as discursive action. In: VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B. (Eds.). *Information seeking in context (ISIC)*: proceedings of an international conference on research in information needs, seeking and use in different contexts. Taylor Graham: London, 1997, p. 81-96.

TUOMINEN, K.; TALJA, S.; SAVOLAINEN, R. The social constructionist viewpoint on information practices. In: FISHER, K.; ERDELEZ, S; McKECHNIE, L. (Eds.). *Theories of information behavior*. Medford: American Society for Information Science and Technology by Information Today, 2005, p.328-333.

van EEMEREN, F; GROOTENDORST, R. *A Systematic Theory of Argumentation: the pragma-dialectical approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Cambridge: MIT Press, 1991.

VENÂNCIO, Ludmila Salomão; MOURA, Maria Aparecida Moura. De termos isolados a contextualizados: análise das estratégias argumentativas dos discursos de candidatura de Dilma e Serra. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, XIII, 2012, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2012.

VENÂNCIO, Ludmila Salomão. *O caminhar faz a trilha: o comportamento de busca da informação sob o enfoque da cognição situada*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. 128f.

VENÂNCIO, Ludmila Salomão. Redes sociais políticas na web: uma abordagem metodológica. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, XV, 2014, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2014.

VENÂNCIO, Ludmila Salomão. O discurso político em cena e encena: análise terminológica e estratégias argumentativas nas eleições presidenciais de 2010. In: Seminário de Estudos sobre Discurso e Argumentação - SEDiAr, II, 2014, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: FACULDADE DE LETRAS/UFMG, 2014.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge: University Press, 1999.

WILSON, T. D. On user studies and information needs. *Journal of documentation*, v.37, n.1, p. 3-15, 1981.

Apêndice: *Scripts* para geração das redes terminológicas

Arquivo *lemas.py*

Este script utiliza o PyPLN para recuperar os lemas dos textos

```
#!/usr/bin/env python
# coding: utf-8

from __future__ import print_function

import glob
import os
import random

from re import compile as regexp_compile

from pypln.api import PyPLN, Document

# Dados para autenticação no PyPLN
PYPLN_URL = 'http://fgv.pypln.org/'
PYPLN_USERNAME = ''
PYPLN_PASSWORD = ''
CORPUS_NAME = 'discursos_{}'.format(random.randint(0, 1000))
CORPUS_DESCRIPTION = u'Discursos dos candidatos à presidência do Brasil'

# Caminho para os arquivos de entrada (arquivos com nomes começando por
# "lemas_" serão ignorados
PATH_TEXTOS = 'textos/*.txt'
# Prefixo dos nomes de arquivos-saída com os lemas
PATH_LEMAS = 'textos'
# Os arquivos-saída com os lemas terão um prefixo 'lemas_'

def main():
    AUTH = (PYPLN_USERNAME, PYPLN_PASSWORD)
    regexp_pypln = regexp_compile('_[0-9]*.txt')

    print('Criando corpus {}'.format(CORPUS_NAME))
    pypln = PyPLN(PYPLN_URL, AUTH)
    corpus = pypln.add_corpus(CORPUS_NAME, CORPUS_DESCRIPTION)

    print('Adicionando documentos ao corpus...')
    documents = []
    for filename in glob.glob(PATH_TEXTOS):
        # pula arquivos texto que comecem por "lemas_"
        if os.path.basename(filename).startswith('lemas_'):
            continue

        with open(filename) as fobj:
            print(' - {}'.format(filename), end='')
            new_document = corpus.add_document(fobj)
            documents.append(new_document)
            print(' ok')

    print('Recuperando lemas do PyPLN...')
```

```

finished = False
while documents:
    for document in documents:
        print(' - {}...'.format(document.blob), end="")
        if 'lemmas' in document.properties:
            lemmas = u' '.join(document.get_property('lemmas'))
            filename = os.path.join(PATH_LEMAS,
                                    'lemas_' + os.path.basename(document.blob))
            filename = regexp_pypln.sub('.txt', filename)
            with open(filename, 'w') as fobj:
                fobj.write(lemmas.encode('utf-8'))
            print(' ok')
            documents.remove(document)
        else:
            print(u' (não finalizado - tentarei novamente)')

if __name__ == '__main__':
    main()

```

Arquivo coocorrencias.py

Este arquivo é um módulo em Python que contém as funções que executam o trabalho desejado nessas análises e algumas outras funções auxiliares para facilitar a leitura do código das funções principais

```

#!/usr/bin/env python
# coding: utf-8

import codecs
import csv
import itertools
import locale
import re
import string

from collections import defaultdict, Counter

locale.setlocale(locale.LC_ALL, "")
regexp_split = re.compile('([ \t\r\n{}])'.format(re.escape(string.punctuation)))
with codecs.open('stopwords.txt', encoding='utf8') as file_object:
    conteudo = file_object.read().strip()
    stopwords = {key.lower(): True for key in conteudo.split("\n")}

csv.register_dialect('ucinet', delimiter=';')

def le_paragrafos(filename, encoding='utf8'):
    with codecs.open(filename, encoding=encoding) as file_object:
        conteudo = file_object.read().strip()
        conteudo = conteudo.replace(u'\r\n', u'\n').replace(u'\u2013', '-')\
            .replace(u'\ufe0f', u'')
        return conteudo.split(u'\n\n')

def tokenize(text):
    splitted_text = regexp_split.split(text)
    return [token for token in splitted_text if token.strip()]

```

```

def remove_stopwords(tokens):
    return [token for token in tokens if token.lower() not in stopwords]

def grava_csv_matriz(filename, headers, rows, encoding='utf8'):
    with open(filename, 'w') as file_object:
        file_object.write('\r\n')
        writer = csv.writer(file_object, 'ucinet')
        headers = [""] + [header.encode(encoding) for header in headers]
        writer.writerow(headers)
        for row in rows:
            row = [""] + row
            writer.writerow([unicode(col).encode(encoding) for col in row])

def grava_csv(filename, headers, rows, encoding='utf8'):
    with open(filename, 'w') as file_object:
        writer = csv.writer(file_object)
        headers = [header.encode(encoding) for header in headers]
        writer.writerow(headers)
        for row in rows:
            writer.writerow([unicode(col).encode(encoding) for col in row])

def lista_de_termos(filename, encoding='utf8'):
    paragrafos = le_paragrafos(filename, encoding=encoding)
    termos = []
    for indice_paragrafo, paragrafo in enumerate(paragrafos, start=1):
        tokens = [token.lower() \
                  for token in remove_stopwords(tokenize(paragrafo))]
        tokens_adicionados = {}
        for token in tokens:
            if token not in tokens_adicionados:
                termos.append((token, filename, indice_paragrafo,
                              tokens.count(token)))
            tokens_adicionados[token] = True
    return termos

def lista_de_termos_csv(filename_texto, filename_csv, encoding_texto='utf8',
                       encoding_csv='utf8'):
    termos = lista_de_termos(filename_texto, encoding=encoding_texto)
    headers = (u'Termo', u'Arquivo', u'Parágrafo', u'Frequência')
    grava_csv(filename_csv, headers, termos, encoding_csv)

def lista_de_paragrafos(filename, encoding='utf8'):
    paragrafos = le_paragrafos(filename, encoding=encoding)
    for indice_paragrafo, paragrafo in enumerate(paragrafos, start=1):
        tokens = [token.lower() \
                  for token in remove_stopwords(tokenize(paragrafo))]
        yield tuple(tokens)

def lista_de_coocorrencias_paragrafo(filename, encoding='utf8'):
    paragrafos = lista_de_paragrafos(filename, encoding=encoding)
    for indice_paragrafo, paragrafo in enumerate(paragrafos, start=1):
        for indice_token_1, token_1 in enumerate(paragrafo):
            if token_1.strip() == '%':

```

```

        continue
    outros_tokens = paragrafo[indice_token_1 + 1:]
    for distancia, token_2 in enumerate(outros_tokens):
        if token_1 == token_2:
            continue
        peso = 0.0
        if distancia != 0:
            peso = 1.0 / distancia
        resultado = (token_1, token_2, indice_paragrafo, peso)
        yield resultado

def lista_de_coocorrencias_paragrafo_csv(filename_texto, filename_csv,
                                         encoding_texto='utf8', encoding_csv='utf8'):
    coocorrencias = lista_de_coocorrencias_paragrafo(filename_texto,
                                                    encoding=encoding_texto)
    headers = (u'Termo1', u'Termo2', u'Parágrafo', u'Peso')
    grava_csv(filename_csv, headers, coocorrencias, encoding_csv)

def lista_de_coocorrencias_no_documento(filename, encoding='utf8',
                                         peso_minimo=None):
    coocorrencias_flat = {}
    tokens = lista_de_coocorrencias_paragrafo(filename)
    for termo_1, termo_2, paragrafo, peso in tokens:
        forma_1 = (termo_1, termo_2) in coocorrencias_flat
        forma_2 = (termo_2, termo_1) in coocorrencias_flat
        if not forma_1 and not forma_2:
            coocorrencias_flat[(termo_1, termo_2)] = [peso]
        else:
            if forma_1:
                coocorrencias_flat[(termo_1, termo_2)].append(peso)
            else:
                coocorrencias_flat[(termo_2, termo_1)].append(peso)

    with codecs.open(filename, encoding=encoding) as fobj:
        tokens = [token.lower() \
                  for token in remove_stopwords(tokenize(fobj.read()))]
    coocorrencias = []
    for (termo_1, termo_2), pesos in coocorrencias_flat.items():
        peso_medio = sum(pesos) / 2
        peso_final = peso_medio * tokens.count(termo_1) * tokens.count(termo_2)
        if peso_minimo is None or peso_final >= peso_minimo:
            coocorrencias.append((termo_1, termo_2, filename, peso_medio,
                                peso_final))

    coocorrencias.sort(lambda a, b: cmp(b[4], a[4]))
    return coocorrencias

def lista_de_coocorrencias_no_documento_csv(filename_texto, filename_csv,
                                             encoding_texto='utf8',
                                             encoding_csv='utf8',
                                             peso_minimo=None):
    coocorrencias = lista_de_coocorrencias_no_documento(filename_texto,
                                                         encoding=encoding_texto, peso_minimo=peso_minimo)
    headers = (u'Termo1', u'Termo2', u'Arquivo', u'PesoMédio',
              u'PesoMédioFreq')
    grava_csv(filename_csv, headers, coocorrencias, encoding_csv)

```



```

dimensao_maxima = 50
peso_minimo = 1.0
diretorio_resultados = 'resultados'
try:
    mkdir('resultados')
except OSError:
    pass

def analisa(filename):
    print(' - Analisando {}'.format(filename))
    name = join(diretorio_resultados, '{}_'.format(filename))
    name = splitext(name)[0] + '.csv'
    resultado_csv = name.format('termos')
    resultado_coocorrencias = name.format('coocorrencias')
    resultado_coocorrencias_doc = name.format('coocorrencias_documento')
    resultado_matriz = name.format('matriz_coocorrencias')

    #print(u' * Lista de termos...', end='')
    start_time = time.time()
    #lista_de_termos_csv(filename, resultado_csv, encoding_csv='iso-8859-1')
    #end_time = time.time()
    #print(' feito ({:5.3f}s)'.format(end_time - start_time))

    #print(u' * Coocorrências em parágrafo...', end='')
    #lista_de_coocorrencias_paragrafo_csv(filename, resultado_coocorrencias,
    #                                     encoding_csv='iso-8859-1')
    #
    #end_time = time.time()
    #print(' feito ({:5.3f}s)'.format(end_time - start_time))

    #print(u' * Coocorrências no documento...', end='')
    #lista_de_coocorrencias_no_documento_csv(filename,
    #                                         resultado_coocorrencias_doc,
    #                                         peso_minimo=peso_minimo,
    #                                         encoding_csv='iso-8859-1')
    #end_time = time.time()
    #print(' feito ({:5.3f}s)'.format(end_time - start_time))

    print(u' * Matriz de coocorrências...', end='')
    matriz_de_coocorrencias_csv(filename, resultado_matriz,
                                peso_minimo=peso_minimo,
                                dimensao_maxima=dimensao_maxima,
                                encoding_csv='iso-8859-1')
    end_time = time.time()
    print(' feito ({:5.3f}s)'.format(end_time - start_time))

if __name__ == '__main__':
    import argparse

    args = argparse.ArgumentParser()
    args.add_argument('filename')
    argv = args.parse_args()

    analisa(argv.filename)

```

Arquivo test_coocorrencias.py

Este arquivo contém todos os testes automatizados para validar o correto funcionamento das funções descritas

```
# coding: utf-8
```

```
import os
import tempfile
import unittest
```

```
from StringIO import StringIO
from textwrap import dedent
```

```
from coocorrencias import (le_paragrafos, tokenize, remove_stopwords,
                           lista_de_termos, lista_de_termos_csv,
                           lista_de_paragrafos,
                           lista_de_coocorrencias_paragrafo,
                           lista_de_coocorrencias_paragrafo_csv,
                           lista_de_coocorrencias_no_documento,
                           lista_de_coocorrencias_no_documento_csv,
                           matriz_de_coocorrencias_csv)
```

```
class TestUtils(unittest.TestCase):
    def test_separa_paragrafos(self):
        texto = dedent("""
            primeiro parágrafo. segunda frase.

            segundo parágrafo. outra frase. e outra.

            terceiro. fim.
        """)
        expected = [u'primeiro parágrafo. segunda frase.',
                    u'segundo parágrafo. outra frase. e outra.',
                    u'terceiro. fim.']
        file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        file_object.write(texto)
        file_object.close()
        result = le_paragrafos(file_object.name)
        os.unlink(file_object.name)
        self.assertEqual(expected, result)

    def test_tokenize(self):
        texto = u'isso é um teste. outra frase, para finalizar!'
        result = tokenize(texto)
        expected = [u'isso', u'é', u'um', u'teste', u'.', u'outra', u'frase',
                    u',', u'para', u'finalizar', u'!']
        self.assertEqual(result, expected)

    def test_remove_stopwords(self):
        tokens = [u'isso', u'É', u'um', u'teste', u'.', u'outra', u'frase',
                  u',', u'Para', u'finalizar', u'!']
        result = remove_stopwords(tokens)
        expected = [u'É', u'teste', u'outra', u'frase', u'finalizar']
        self.assertEqual(result, expected)

    def test_paragrafos(self):
        texto = dedent("""
            Cheio de oportunidades para todos os brasileiros que querem
            oportunidades.
        """)
```

*A energia, caros companheiros brasileiros, é a força do trabalho.
Brasileiros que buscam trabalho terão trabalho.*

```

    """
    file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
    file_object.write(texto)
    file_object.close()
    filename = file_object.name
    result = list(lista_de_paragrafos(filename))
    expected = [(u'cheio', u'oportunidades', u'brasileiros', u'querem',
                  u'oportunidades'),
                (u'energia', u'caros', u'companheiros', u'brasileiros',
                  u'é', u'força', u'trabalho', u'brasileiros', u'buscam',
                  u'trabalho', u'terão', u'trabalho')]
    os.unlink(filename)
    self.assertEqual(result, expected)

```

```

class TestTermos(unittest.TestCase):

```

```

    texto = dedent("""
        Cheio de oportunidades para todos os brasileiros que querem
        oportunidades.

```

*A energia, caros companheiros brasileiros, é a força do trabalho.
Brasileiros que buscam trabalho terão trabalho.*

```

    """)

```

```

    def setUp(self):

```

```

        file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        file_object.write(self.texto)
        file_object.close()
        self.filename = file_object.name
        self.expected = [(u'cheio', self.filename, 1, 1),
                          (u'oportunidades', self.filename, 1, 2),
                          (u'brasileiros', self.filename, 1, 1),
                          (u'querem', self.filename, 1, 1),

                          (u'energia', self.filename, 2, 1),
                          (u'caros', self.filename, 2, 1),
                          (u'companheiros', self.filename, 2, 1),
                          (u'brasileiros', self.filename, 2, 2),
                          (u'é', self.filename, 2, 1),
                          (u'força', self.filename, 2, 1),
                          (u'trabalho', self.filename, 2, 3),
                          (u'buscam', self.filename, 2, 1),
                          (u'terão', self.filename, 2, 1), ]

```

```

    def tearDown(self):

```

```

        os.unlink(self.filename)

```

```

    def test_termos(self):

```

```

        result = lista_de_termos(self.filename)
        self.assertEqual(result, self.expected)

```

```

    def test_termos_csv(self):

```

```

        result_fp = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        lista_de_termos_csv(self.filename, result_fp.name)
        result_fp.seek(0)
        result = result_fp.read()
        result_fp.close()

```

```

os.unlink(result_fp.name)

expected_csv = dedent("""
    Termo,Arquivo,Parágrafo,Frequência
    cheio,{filename},1,1
    oportunidades,{filename},1,2
    brasileiros,{filename},1,1
    querem,{filename},1,1
    energia,{filename},2,1
    caros,{filename},2,1
    companheiros,{filename},2,1
    brasileiros,{filename},2,2
    é,{filename},2,1
    força,{filename},2,1
    trabalho,{filename},2,3
    buscam,{filename},2,1
    terão,{filename},2,1
""").strip().replace('{filename}', self.filename)
expected_csv = expected_csv.replace("\n", "\r\n") + "\r\n"
self.assertEqual(result, expected_csv)

```

```

class TestListaDeCoocorrencias(unittest.TestCase):
    def test_lista_de_coocorrencias_paragrafo(self):
        texto_1 = dedent("""
        A casa é verde, verde é a casa.
        """)
        file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        file_object.write(texto_1)
        file_object.close()
        filename = file_object.name
        result = list(lista_de_coocorrencias_paragrafo(filename))
        expected = [(u'casa', u'é', 1, 0),
                    (u'casa', u'verde', 1, 1),
                    (u'casa', u'verde', 1, 1.0 / 2),
                    (u'casa', u'é', 1, 1.0 / 3),
                    # 'casa', 'casa' é desprezado

                    (u'é', u'verde', 1, 0),
                    (u'é', u'verde', 1, 1),
                    # 'é', 'é' é desprezado
                    (u'é', u'casa', 1, 1.0 / 3),

                    # 'verde', 'verde' é desprezado
                    (u'verde', u'é', 1, 1),
                    (u'verde', u'casa', 1, 1.0 / 2),

                    (u'verde', u'é', 1, 0),
                    (u'verde', u'casa', 1, 1),

                    (u'é', u'casa', 1, 0)]
        os.unlink(filename)
        self.assertEqual(result, expected)

        texto_2 = dedent("""
        Cheio de oportunidades para todos os brasileiros que querem
        oportunidades.

```

```

        A energia, caros companheiros brasileiros, é a força do trabalho.
        Brasileiros que buscam trabalho terão trabalho.

```

```

'''
file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
file_object.write(texto_2)
file_object.close()
filename = file_object.name
result = list(lista_de_coocorrencias_paragrafo(filename))
expected = [(u'cheio', u'oportunidades', 1, 0),
            (u'cheio', u'brasileiros', 1, 1),
            (u'cheio', u'querem', 1, 1.0 / 2),
            (u'cheio', u'oportunidades', 1, 1.0 / 3),

            (u'oportunidades', u'brasileiros', 1, 0.0),
            (u'oportunidades', u'querem', 1, 1.0),

            (u'brasileiros', u'querem', 1, 0.0),
            (u'brasileiros', u'oportunidades', 1, 1.0),

            (u'querem', u'oportunidades', 1, 0.0),

            (u'energia', u'caros', 2, 0.0),
            (u'energia', u'companheiros', 2, 1.0),
            (u'energia', u'brasileiros', 2, 1.0 / 2),
            (u'energia', u'é', 2, 1.0 / 3),
            (u'energia', u'força', 2, 1.0 / 4),
            (u'energia', u'trabalho', 2, 1.0 / 5),
            (u'energia', u'brasileiros', 2, 1.0 / 6),
            (u'energia', u'buscam', 2, 1.0 / 7),
            (u'energia', u'trabalho', 2, 1.0 / 8),
            (u'energia', u'terão', 2, 1.0 / 9),
            (u'energia', u'trabalho', 2, 1.0 / 10),

            (u'caros', u'companheiros', 2, 0.0),
            (u'caros', u'brasileiros', 2, 1.0),
            (u'caros', u'é', 2, 1.0 / 2),
            (u'caros', u'força', 2, 1.0 / 3),
            (u'caros', u'trabalho', 2, 1.0 / 4),
            (u'caros', u'brasileiros', 2, 1.0 / 5),
            (u'caros', u'buscam', 2, 1.0 / 6),
            (u'caros', u'trabalho', 2, 1.0 / 7),
            (u'caros', u'terão', 2, 1.0 / 8),
            (u'caros', u'trabalho', 2, 1.0 / 9),

            (u'companheiros', u'brasileiros', 2, 0.0),
            (u'companheiros', u'é', 2, 1.0),
            (u'companheiros', u'força', 2, 1.0 / 2),
            (u'companheiros', u'trabalho', 2, 1.0 / 3),
            (u'companheiros', u'brasileiros', 2, 1.0 / 4),
            (u'companheiros', u'buscam', 2, 1.0 / 5),
            (u'companheiros', u'trabalho', 2, 1.0 / 6),
            (u'companheiros', u'terão', 2, 1.0 / 7),
            (u'companheiros', u'trabalho', 2, 1.0 / 8),

            (u'brasileiros', u'é', 2, 0.0),
            (u'brasileiros', u'força', 2, 1.0),
            (u'brasileiros', u'trabalho', 2, 1.0 / 2),
            (u'brasileiros', u'buscam', 2, 1.0 / 4),
            (u'brasileiros', u'trabalho', 2, 1.0 / 5),
            (u'brasileiros', u'terão', 2, 1.0 / 6),
            (u'brasileiros', u'trabalho', 2, 1.0 / 7),

```

```

(u'\'é', u'força', 2, 0.0),
(u'\'é', u'trabalho', 2, 1.0),
(u'\'é', u'brasileiros', 2, 1.0 / 2),
(u'\'é', u'buscam', 2, 1.0 / 3),
(u'\'é', u'trabalho', 2, 1.0 / 4),
(u'\'é', u'terão', 2, 1.0 / 5),
(u'\'é', u'trabalho', 2, 1.0 / 6),

(u'força', u'trabalho', 2, 0.0),
(u'força', u'brasileiros', 2, 1.0),
(u'força', u'buscam', 2, 1.0 / 2),
(u'força', u'trabalho', 2, 1.0 / 3),
(u'força', u'terão', 2, 1.0 / 4),
(u'força', u'trabalho', 2, 1.0 / 5),

(u'trabalho', u'brasileiros', 2, 0.0),
(u'trabalho', u'buscam', 2, 1.0),
(u'trabalho', u'terão', 2, 1.0 / 3),

(u'brasileiros', u'buscam', 2, 0.0),
(u'brasileiros', u'trabalho', 2, 1.0),
(u'brasileiros', u'terão', 2, 1.0 / 2),
(u'brasileiros', u'trabalho', 2, 1.0 / 3),

(u'buscam', u'trabalho', 2, 0.0),
(u'buscam', u'terão', 2, 1.0),
(u'buscam', u'trabalho', 2, 1.0 / 2),

(u'trabalho', u'terão', 2, 0.0),

(u'terão', u'trabalho', 2, 0.0), ]
os.unlink(filename)
self.assertEqual(result, expected)

def test_lista_de_coocorrencias_paragrafo_csv(self):
    texto_1 = dedent("""
    A casa é verde, verde é a casa.
    """)
    file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
    file_object.write(texto_1)
    file_object.close()
    filename = file_object.name
    csv_fobj = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
    lista_de_coocorrencias_paragrafo_csv(filename, csv_fobj.name)
    csv_fobj.seek(0)
    result = csv_fobj.read()
    csv_fobj.close()
    os.unlink(file_object.name)
    os.unlink(csv_fobj.name)
    expected = dedent("""
    Termo1,Termo2,Parágrafo,Peso
    casa,\'é\',1,0.0
    casa,verde,1,1.0
    casa,verde,1,0.5
    casa,\'é\',1,0.333333333333
    \'é\',verde,1,0.0
    \'é\',verde,1,1.0
    \'é\',casa,1,0.333333333333
    verde,\'é\',1,1.0
    verde,casa,1,0.5
    """)

```

```

    verde,é,1,0.0
    verde,casa,1,1.0
    é,casa,1,0.0
    "").strip()
    expected = expected.replace('\n', '\r\n') + '\r\n'
    self.assertEqual(result, expected)

```

```

class TestCoocorrenciasNoDocumento(unittest.TestCase):
    def test_lista_de_coocorrencias_no_documento(self):
        texto_1 = dedent("""
        A casa é verde, verde é a casa.
        """)
        file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        file_object.write(texto_1)
        file_object.close()
        filename = file_object.name
        result = list(lista_de_coocorrencias_no_documento(filename))
        casa_eh = (0.0 + 1.0 / 3 + 1.0 / 3 + 0.0) / 2
        casa_verde = (1.0 + 0.5 + 0.5 + 1.0) / 2
        eh_verde = (0.0 + 1.0 + 1.0 + 0.0) / 2
        expected = [(u'casa', u'é', filename, casa_eh, casa_eh * 2 * 2),
                     (u'casa', u'verde', filename, casa_verde,
                      casa_verde * 2 * 2),
                     (u'é', u'verde', filename, eh_verde, eh_verde * 2 * 2),]
        self.assertEqual(set(result), set(expected))

        result_2 = list(lista_de_coocorrencias_no_documento(filename,
                                                                peso_minimo=2))
        casa_eh = (0.0 + 1.0 / 3 + 1.0 / 3 + 0.0) / 2
        casa_verde = (1.0 + 0.5 + 0.5 + 1.0) / 2
        eh_verde = (0.0 + 1.0 + 1.0 + 0.0) / 2
        expected = [
            (u'casa', u'verde', filename, casa_verde,
             casa_verde * 2 * 2),
            (u'é', u'verde', filename, eh_verde, eh_verde * 2 * 2),]
        self.assertEqual(set(result_2), set(expected))

        os.unlink(filename)
        # TODO: adicionar ponderação por frequência diferente de '* 2 * 2'

    def test_lista_de_coocorrencias_no_documento_csv(self):
        texto_1 = dedent("""
        A casa é verde, verde é a casa.
        """)
        file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        file_object.write(texto_1)
        file_object.close()
        filename = file_object.name
        fobj = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        lista_de_coocorrencias_no_documento_csv(filename, fobj.name)
        expected = dedent("""
        Termo1,Termo2,Arquivo,PesoMédio,PesoMédioFreq
        casa,verde,{filename},1.5,6.0
        é,verde,{filename},1.0,4.0
        casa,é,{filename},0.333333333333,1.333333333333
        """).strip()
        expected = expected.replace('{filename}', filename)\
            .replace('\n', '\r\n') + '\r\n'
        fobj.seek(0)

```

```

result = fobj.read()
fobj.close()
os.unlink(filename)
os.unlink(fobj.name)
self.assertEqual(result, expected)
# TODO: adicionar ponderação por frequência diferente de '* 2 * 2'

class TestMatrizCoocorrencias(unittest.TestCase):
    def test_matriz_de_coocorrencias_csv(self):
        texto_1 = dedent("""
        A casa é verde, verde é a casa.
        """)
        file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        file_object.write(texto_1)
        file_object.close()
        filename = file_object.name
        fobj = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        matriz_de_coocorrencias_csv(filename, fobj.name)
        expected = dedent("""
        ;;casa,é;verde
        ;casa;0;1.333333333333;6.0
        ;é;1.333333333333;0;4.0
        ;verde;6.0;4.0;0
        """).strip()
        expected = expected.replace('\n', '\r\n') + '\r\n'

        fobj.seek(0)
        result = fobj.read()
        os.unlink(filename)
        os.unlink(fobj.name)
        self.assertEqual(result.strip(), expected.strip())

    def test_matriz_de_coocorrencias_dimensao_maxima(self):
        texto_1 = dedent("""
        A casa é verde, verde é a casa.
        """)
        file_object = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        file_object.write(texto_1)
        file_object.close()
        filename = file_object.name
        fobj = tempfile.NamedTemporaryFile(delete=False)
        matriz_de_coocorrencias_csv(filename, fobj.name, dimensao_maxima=2)
        expected = dedent("""
        ;;casa;verde
        ;casa;0;6.0
        ;verde;6.0;0
        """).strip()
        expected = expected.replace('\n', '\r\n') + '\r\n'

        fobj.seek(0)
        result = fobj.read()
        os.unlink(filename)
        os.unlink(fobj.name)
        self.assertEqual(result.strip(), expected.strip())

# TODO: fazer teste para distância: deve ser / 2 e não / N

if __name__ == '__main__':
    unittest.main()

```